3 1761

Digitized by the Internet Archive
in 2013

http://archive.org/details/naulila00casi

PORTUGAL NA GUERRA DO MUNDO

I

NAULILA

POR

AUGUSTO CASIMIRO

SEARA NOVA, ANUÁRIO DO BRASIL,
Praça Luis de Camões, 46, 2.º
LISBOA
1922

NO PRÉLO:

AFRICA NOSTRA — por Augusto Casimiro (Edição da *Coimbra-Editora*).

Crónicas do mato africano. Nobre e patriótica tentativa de literatura colonial, em que as paisagens, a alma rude e primitiva da selva, a anunciadora voz triunfal dum vasto império, passam, bárbaras, atraentes e cheias de força.

NAULILA

LIBRARY
FEB 14 1978
UNIVERSITY OF TORONTO
611
.7
C37

OBRAS DE AUGUSTO CASIMIRO

POEMAS:

PARA A VIDA, 1906 (esgot.).
A VITÓRIA DO HOMEM, 1910.
A TENTAÇÃO DO MAR, 1911.
A EVOCAÇÃO DA VIDA, 1912.
A PRIMEIRA NAU, 1912.
Á CATALUNHA, 1914.
PRIMAVERA DE DEUS, 1915.
A HORA DE NUN'ALVARES, 1917 (esgot.).
O LIVRO DAS BEM AMADAS, 1921.

PROSA:

NAS TRINCHEIRAS DA FLANDRES, 4.ª edição, 1919.
SIDÓNIO PAIS, 1919.
CALVÁRIOS DA FLANDRES, 1920, (3.º milhar).
OS PORTUGUESES E O MUNDO (duas conferências), 1921.
A EDUCAÇÃO POPULAR E A POESIA, 1922.

NO PRELO:

AFRICA NOSTRA (Coimbra-Editora).
O LIVRO DOS CAVALEIROS (Seára Nova).

Edições da Renascença Portuguesa, F. França Amado, Lelo & Irmão, Atlantida, Coimbra Editora, Universidade Livre, *Seara Nova*, etc.

PORTUGAL NA GUERRA DO MUNDO

I

1914

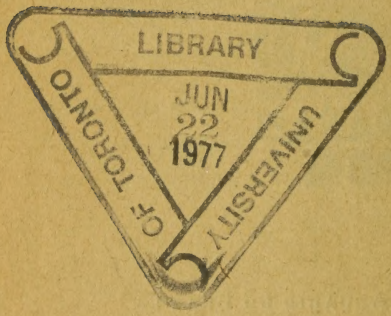
Naulila

POR

AUGUSTO CASIMIRO

SEARA NOVA, ANUÁRIO DO BRASIL,
Praça Luis de Camões, 46, 2.º
LISBOA
1922

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE — 1922



À MEMÓRIA GLORIOSA

DE

HUMBERTO DE ATAIDE

combatente de Angola e Moçambique,
perfeito soldado;

AOS VIVOS E MORTOS QUE SE BATERAM,
vitimas, em Naulila, duma politica
que lhes não permitiu a vitória;

dedica um soldado da Flandres.

A nossa existência de Estado independente exige o mantenimento do nosso império colonial.

Independência e colónias são os dois padrões essenciais à nossa existência, os dois frutos gloriosos...

Aos nossos maiores reis, aos melhores estadistas, mereceram ambos o mais alto cuidado... Para as defender lutamos e sofremos... e de um rei (1) se diz se despojou de algumas jóias para a todas, da grande corôa colonial, melhor guardar.

Os grandes planos que apontam a estatura de alguns dos nossos homens do passado assentam seus vastos alicerces em continentes diversos, lançam arcos gigantes que vão de mar a mar, cingindo o vasto império.

Se os não realizamos todos, por material impos-

---

(1) D. Pedro II.

sibilidade, outros os deram à realidade aprendendo no nosso exemplo, emquanto, na longa pirataria, terras e galeões nos eram apresadas pelos que a nossa actividade acordara para a Vida do Mundo.

*

Certo dia, silenciosos os campos da grande batalha napoleónica, uma febre imperialista dominou os grandes estados europeus. A pirataria abandonou os mares, passou a exercer-se nas chancelarias.

Derrubaram-se os padrões da idade heróica e despresaram-se os velhos direitos indiscutíveis.

Na sua grande extensão a Africa era de Deus e nossa, de Portugal, dos *brancos*. Mas as outras nações acordam e apetecem impérios... Somos caluniados, é esquecida a nossa secular actividade colonial. E é contra nós, para despojar-nos, para negar a História, para servir os válidos apetites recentes, que se reune o Congresso de Berlim.

Dêle surge o novo direito, sôbre nós aproa o egoismo alheio, como na volta da Índia, sôbre os galeões, rica prêsa, sôbre os galeões de El-Rei, aproavam as naus corsárias do mar alto.

Angola e Moçambique ficam separadas de facto. Que a garantia do artigo 3.º do tratado é vã... O Govêrno português, ao iniciar a prática de um di-

reito que êle nos reconhecia, o de exercer a nossa soberania no *hinterland*, — encontra pela sua frente os aventureiros da *Chartered* e a violência afrontosa do *ultimatum* inglês.

A Associação Internacional do Congo, a França, a Inglaterra e, finalmente, a Alemanha, concluem convenções com Portugal lesado...

A Alemanha, essa, quere substituir-se à Inglaterra, dominá-la.

Já corteja a França, vencida de 70, desejosa de havê-la ao seu lado contra o poder de Além-Mancha. E espera ligar, no Norte, ao território dos Camarões, através da Colónia do Congo, a sua África Oriental.

¿Como se conciliaram os apetites dos dois colossos? ¡Contra Portugal ia ser conduzido o plano inimigo, continuando, ampliando a política e as espoliações do Congresso de Berlim, criando-nos embaraços, impondo-nos o caminho que nos levaria à irreparável perda do nosso domínio colonial!

Os nossos defeitos, a nossa inércia que nos são exagerados, a imperdoável boa fé dos nossos estadistas, lhes facilitarão os planos.

Em 1898, pelos dois colossos, Balfour e o Conde de Hatzfeld, combinam a partilha das nossas colónias, para o momento que se crê próximo (julga-se em Berne a questão Mac-Murdo, ameaça-nos

o pagamento de uma formidável indemnização) para o momento em que Portugal tenha de desfazer-se delas. Negoceia-se um tratado secreto que divide as nossas colónias em esferas de interêsses económicos entre a Inglaterra e a Alemanha. Se a nossa falta de recursos para fazer frente a obrigações inadiáveis nos não levar a negociar um empréstimo externo que aquelas duas nações por mútuo acôrdo realizarão, «sôbre a base de garantias coloniais que lhes dêem uma espécie de direito de preempção», ou a alienar êsses domínios, — pelo menos garantir-se hão direitos que lhes hão de abrir de par em par as portas daqueles à sua acção económica» (1).

O nosso ministro em Londres, sr. Marquês de Soveral, chega a suspeitar da existência daquele tratado secreto. Consegue concluir em 1899 um tratado luso-inglês que renova, revalida os velhos tratados da Aliança. É o tratado Soveral-Salisbury. E fez-se silêncio sôbre ambos, depois.

*

O grande sonho alemão de um vasto império colonial começava a ser uma realidade. A Alema-

(1) Luís de Magalhães, num artigo do *Diario Nacional*.

nha respondera à organização da *Entente Cordiale*, apressando o aumento dos seus armamentos navais. Mas nas alturas de 1911 êste aumento cessa; vai diminuir de intensidade a febre que o determina. A Inglaterra reconhece os direitos alemães a uma maior expansão colonial. Procura dar saída à *vis* germânica, libertando-lhe a iniciativa em África. E Berlim, negociando com Paris o tratado de 4 de Novembro daquele ano, aumenta a colónia dos Camarões com três milhões de hectares do Congo Francês, em troca da cedência à França dos direitos alemães em Marrocos. Em Angola, em Lisboa, activa-se, com êxito, a política de penetração económica alemã na nossa grande colónia ocidental.

Tudo caminha, parece, para um mais claro e próximo entendimento entre S. James e Willermstrasse. Se providenciais obstáculos não surgem, Portugal será a vítima do crescente acôrdo. Os políticos portugueses, o nosso ministro em Londres, ignoram a manobra oculta, parece...

Em 1912, o Príncipe de Lichnowski é embaixador da Alemanha em Londres. Como o seu antecessor, Marshall, vai servir, com o Chanceler inglês, a nova política que concilia as duas potentíssimas rivais.

«Sir Eduardo Grey, contará mais tarde o embaixador alemão (1), regulados os antigos litígios entre a França e a Inglaterra, queria chegar connosco a um entendimento semelhante. O seu intento não era isolar a Alemanha mas antes fazer de nós, quanto possível, membros participantes da associação assim constituída. Da mesma forma que entre a Inglaterra e a França, a Inglaterra e a Rússia, se havia chegado à conciliação de pontos de vista antagónicos, queria Sir Eduardo Grey reduzir a hostilidade anglo-alemã, assegurando a paz do mundo por um conjunto de tratados».

Depois de referir-se ao tratado Hartzfeld-Balfour e ao que o nosso Marquês de Soveral negociara em 1899 procurando proteger o seu país contra as possíveis ameaças que o primeiro em si levava, ocultas, embora a aparência fôsse tão diversa, Lichnowski continua:

«As negociações entre a Inglaterra e a Alemanha, já iniciadas antes da minha chegada a Londres, tinham por fim remodelar e melhorar o tratado de 1898 que apresentava mesmo, sob o ponto de vista de delimitação geográfica, variados inconvenientes. A atitude condescendente do govêrno inglês, per-

(1) Memórias do Príncipe Lichnowski, publicada em Março e Abril de 1918, no *Municher Post*.

mitiu se désse ao novo tratado uma forma que satisfazia inteiramente os nossos desejos e interêsses. Toda a Angola até 20° de latitude foi-nos concedida e, assim, no Sul, aproximavamo-nos do Congo, englobando ao norte do Equador as ricas ilhas de S. Tomé e Príncipe, que estavam na esfera da influência francesa, o que deu logar a um vivo, embora vão, protesto do embaixador francês. Em Moçambique obtinhamos ainda toda a parte norte até ao Licungo».

A Inglaterra favorecendo tão cegamente estes desejos de expansão colonial procurava indirectamente servir o seu poderio naval, «desviando as fôrças navais alemãs dos mares do norte e da Europa, fazendo-as derivar para o Oceano Atlântico e Africa».

« O tratado estava pronto nas suas linhas essenciais, continua o príncipe de Lichnowoski, quando se fez a visita do Rei a Berlim em Maio de 1913.

« Houve nesta ocasião, em Berlim, sob a presidência do Chanceler do Império, uma troca de impressões, na qual tomei parte, e durante a qual se expressaram ainda alguns desejos particulares. De regresso a Londres, — com o auxílio de M. Kuhpman, conselheiro de embaixada que elaborou com Mr. Parker, os pormenores do tratado, consegui fazer aceitar as nossas últimas propostas. Sobre-

vieram, entretanto, novas dificuldades, opondo-se à assinatura do tratado, e só no fim de um ano, isto é, pouco antes da declaração de guerra, é que pude obter a autorização de o concluir definitivamente. Nunca chegou, porém, a realizar-se a assinatura.

«Sir Eduardo Grei punha, para essa assinatura a condição de que tanto êste tratado, como os de 1898 e 1899, seriam publicados, por ser contra os princípios da diplomacia inglesa mantê-los secretos, embora concordasse que a publicação podia ter lugar um ano depois da assinatura. Em Berlim, porém, o Ministro dos Estrangeiros opunha-se à sua publicidade, objectando que conhecidos êles, os interêsses alemães seriam prejudicados, porque os portugueses não fariam mais concessões à Alemanha».

De facto ou porque a França se opôs às combinações anglo-alemãs, ou porque a guerra veio descobrir todo o trabalho realizado, — os tratados ficaram sem assinatura.

*

Ao deflagrar da guerra, estava Sir Eduardo Grey à frente do *Foreign Office*...

O que êle pensava de nós, fica aí, decorre das próprias afirmações do embaixador alemão.

No limiar da guerra grande estamos. E temos de um lado a Alemanha, franca inimiga dos nossos interêsses, possessa de apetites, ávida de desapossar-nos sem piedade, se victoriosa. E do outro a Inglaterra, ou antes, Sir E. Grey, um daqueles políticos ingleses para quem o nosso menor valor internacional importa, acostumados de certo à idea de um Portugal sob tutela, inimigos de toda a política que nos individualize ou dê relêvo, habituados a dispôr de nós, à medida dos seus desejos que a nossa inércia, a nossa falta de fé, ou a nossa miserável transigência, tantas vezes, quási sempre, serviram.

Face ao futuro incerto da guerra, victória alemã, victória inglesa, é preciso que a velha, consagrada dependência, se não modifique. As nossas colónias serão matéria larga para acomodações possíveis. A Sir Eduardo Grey, à sua política só convirá pois, um Portugal, discreto e apagado, que a guerra não arranque, enobrecendo-o, aos estreitos limites de um país vivendo, na aparência, inteiramente sob a suzerania inglesa...

I

Do Livro Branco

... Em 1 de Agôsto de 1914, o govêrno de Lisboa, prevendo a possibilidade de Portugal ser considerado pelos adversários como aliado da Inglaterra, pede ao nosso ministro em Londres obtenha indicações que possam guiar com segurança o procedimento português, admitidos os deveres que para nós resultam dos tratados com a Grã-Bretanha. Em 2 não chegara ainda a resposta a êste telegrama. O Senhor Freire de Andrade, ministro dos Estrangeiros, insiste de novo, no seu desejo de saber a atitude da Inglaterra e na necessidade de definir uma atitude... «*que só podemos desejar seja de neutralidade, mas não posso declará-la, sem saber se a Inglaterra, a quem nos ligam tratados, não desejará de nós qualquer manifestação diferente.*»

E, para fixar bem essa atitude e o seu desejo, nesse mesmo dia comunica aos nossos ministros em Paris e Berlim:

« Estou tratando com Inglaterra saber qual a sua atitude. *Pela nossa parte, salvo exigência inglesa, invocada em vista tratados, procuraremos manter neutralidade.*»

A Inglaterra sabe iminente a sua guerra. O govêrno português deve admití-lo também. E, sem tencionar fugir às obrigações dos tratados da Aliança, conclue pelo interêsse, para o país, da sua neutralidade.

A falta de preparação do exército, a deficiente situação financeira, a menor consciência do significado social do drama ou a indiferença que êste lhes merece, são, devem ser as aparentes determinantes daquele desejo de neutralidade. Depois o poder da Alemanha esmaga de admiração muitos espíritos. Para muitos ainda é a Alemanha quem guarda a Arca da Civilização e o supremo segrêdo das Victórias. Só um poder invencível de íntima idealidade, um superior entendimento do mundo, poderão emancipar, da escravidão alemã, aqueles que os progressos, as conquistas da organização germânica domaram, cegos ao perigo que ela em si representa, almas para quem a Vida vale sobretudo um sentido prático, utilitário e brutal.

A guerra, depois, nunca pode ser desejável. Um povo, senhor da sua consciência, mesmo quando a sua dignidade ou o seu futuro, ameaçados, a impõem, não deseja a guerra, sofre-a, dolorosamente. Os desejos do govêrno português parecerão, a muitos, rasoáveis e sensatos...

Em 2 de Agôsto, perfeitamente de acôrdo com as directivas recebidas, Teixeira Gomes nosso ministro em Londres, conversa com o Sub-Secretário do Foreign Office, Sir Eyre Crowe, e transmite-lhe o pensamento do govêrno; fala-lhe decerto das nossas deficiências, excede-se por ventura na exposição do ponto de vista do gabinete português.

Sir Eyre Crowe, comunica Teixeira Gomes, em 2, telegrafando ao ministro dos Estrangeiros de Lis-

boa, — «Sir Eyre Crowe pensa que Portugal deverá conservar a neutralidade, mas esta questão será particularmente estudada, sendo-nos logo comunicado parecer do Govêrno Inglês. Não supõe que haja urgência em fazermos declaração de neutralidade, mas responderá amanhã concretamente sôbre êste ponto. Entende que o receio da Alemanha de ser desagradável à Inglaterra nos põe por agora ao abrigo de qualquer surpresa desagradável...»

¿Em que termos falou o dr. Teixeira Gomes a Sir Eyre Crowe? — interroga Paulo Osório, no seu admirável volume, que vamos seguindo, *Através do Livro Branco?* Em todo o caso, da resposta dêste último pode depreender-se que êle tenha manifestado algumas preocupações sôbre a segurança de Portugal no caso duma eventual agressão alemã. Assim, nesse momento em que os mais graves perigos ameaçam a Inglaterra, nesse momento em que a nossa aliada pode precisar de nós, é ainda com o nosso habitual, tradicional ar de protegidos que nos dirigimos a ela, e é, naturalmente, como protectora que ela entende nos deve responder...

¿Sabe acaso já o Sr. Teixeira Gomes que «dadas as conhecidas aspirações da Alemanha no que respeita às nossas colónias africanas e as repetidas tentativas de forçar a Inglaterra a acordos que lhe facilitassem livre acção na África portuguesa, e as ameaças quási oficialmente confirmadas do seu influente partido colonial, — Portugal seria sem dúvida a primeira vítima da Alemanha?». (Dum ofício da legação em Londres, de 14 Nov. 1914).

Na conversa de 2 de Agôsto, como na de 3, com Sir Eyre Crowe, essa convicção não o leva a supôr desejável outra atitude diferente da recomendada pelas instruções de Lisboa. Em correspondência com estas, de acôrdo e servindo ocultos interêsses

e intenções do Ministro do Foreign Office, Sir Edward Grey, foi a resposta de Sir Eyre Crowe.

Em 3, à noite, o mesmo subsecretário, autorizado por Sir E. Grey, escreve ao Ministro de Portugal para participar-lhe que «o govêrno inglês pedia ao govêrno português se abstivesse de fazer qualquer declaração de neutralidade». É para prevenir os justos e possíveis melindres que normalmente um tal pedido devia sugerir, é enviada, em 5, ao ministro inglês em Lisboa, a declaração seguinte que êste fará ao Govêrno da República:

> Que «no caso da Alemanha atacar alguma possessão portuguesa o Govêrno de Sua Magestade se considerava ligado pelas cláusulas do tratado de aliança anglo-portuguesa. Que entretanto, o govêrno inglês se satisfaria com que o govêrno português se abstivesse de proclamar a neutralidade. *Caso o govêrno de Sua Magestade entendesse de futuro necessário fazer algum pedido ao governo português não compatível com a neutralidade dêste último, apelaria para a aliança como justificação de tal pedido*».

Fôssem ou não da responsabilidade do Sr. Teixeira Gomes as razões que permitiram a Sir Grey supôr imediatamente desejável e deferível pelo govêrno de Lisboa o extranho pedido de não declararmos a nossa neutralidade, aparecesse êle como conseqüência de atitude mendicante do nosso Ministro ou como continuação duma velha política a que a nossa fraqueza dava toda a viabilidade, — o pedido garante-se, conta com um deferimento que está na atitude do Ministro da República em Londres e nas instruções do Sr. F. de Andrade. Mas deixa margem, com as instruções em 5 enviadas ao Ministro Sir Carnegie, para ressalvar, da situação, o que tiver de mais afrontoso para nós.

A Inglaterra reconhece que, no caso dum pedido

incompatível com a neutralidade portuguesa, Portugal poderá sair dela para a beligerância.

Em 4 de Agôsto, à meia noite a Inglaterra entrou na Guerra Grande.

Em 5, deformando o significado das afirmações feitas na imprensa e nas ruas, únicas manifestações de opinião portuguesa, o Sr. Freire de Andrade renova as suas instruções!...

Em 7 de Agôsto reúne o Congresso. Numa sessão que muitos, precipitadamente, taxam de histórica, o Sr. Bernardino Machado, presidente do Conselho, — lê uma declaração:

> Logo após a proclamação da República todas as nações se apressaram a declarar-nos a sua amizade e, uma delas, a Inglaterra, a sua aliança. Por nossa parte temos feito, incessantemente, tudo para corresponder a essa amizade que deveras presamos, sem nenhum esquecimento, porém, dos deveres de aliança que livremente contraímos e a que em circunstância alguma faltariamos. *Tal é a política de concórdia e dignidade* que êste govêrno timbra em continuar, certo de que assim solidariza indissolúvelmente os votos do venerando Chefe do Estado com o consentimento colectivo do Congresso e do povo português.

Neste documento há uma prudência que chega a ser hipocrisia, uma vanidade que nos desonra, se pensarmos sinceros os protestos feitos juntos do Govêrno inglês, a aceitação de não declaração de neutralidade, as instruções do Sr. Freire de Andrade e as prováveis reflexões dos Srs. T. Gomes junto de Sir Elye Crowe. Nem hábeis são essas linhas com que o govêrno mal responde à anciedade austera, silenciosa de todo o país e ao entusiasmo irrequieto e generoso das cidades.

As afirmações dos vários chefes políticos, duma

maneira terminante as de Afonso Costa e António José de Almeida, desmentem o tom incolor da declaração ministerial, clamam, sob a sua vacuidade, sôbre o seu silêncio intencional, um dever que, nas ruas, nos jornais, pelo país fora, em cada consciência, em todas as consciências, parece inevitável e sagrado. As palavras dos chefes dos partidos, na altura da declaração ministerial de 7 de Agôsto de 1914 feita com o consentimento colectivo do Congresso e do povo português, — são a sua emenda, o seu repúdio, a sua condenação (1).

Assim chega a Londres, e antes de qualquer outra, a versão verdadeira, a que traduzia o sentir do povo e a opinião afirmada sôbre a incolor, equívoca declaração ministerial.

Em 8, o Sr. Teixeira Gomes, conferenciando como de costume com o Sir Elye Crowe, sabe que o Foreign Office ficara «surpreendido com a notícia, dada pelos jornais da tarde, de que o govêrno português declarara no Congresso que Portugal se encontrava incondicionalmente ao lado da Inglaterra». O advérbio tivera com efeito toda a sua intencionalidade sincera, todo o seu generoso sentido, no Congresso e no espírito do povo. Não aparecia porém na declaração feita, não existia, inteiramente, nas intenções da nossa política exterior.

---

(1) ... A situação jurídica de Portugal, depois da sessão de 7 do corrente ficou sendo, se não estamos em êrro, a que era até ali, — a situação de aliados de Inglaterra ...

... Sessão soprada até às dimensões duma sessão histórica por todos os que, tendo o hábito de se meterem dentro de todos os acontecimentos, pretendem sempre eles sejam duma grandesa e valor excepcional. (Brito Camacho, na *Lucta* de 27-8-914).

Aquele *incondicionalmente* não estava de acôrdo com os interêsses do govêrno inglês e as suas longínquas vistas, como era desacorde com o pensamento do Sr. F. de Andrade. Mas,em 9, o Ministro dos Estrangeiros de Lisboa, acode e explica, perdida a mais elementar sensibilidade:

«Declarei ministro da Áustria que me procurou depois declaração do govêrno na Câmara e *fiz saber directamente ao Ministro da Alemanha* (é sempre nosso o sublinhado) *que o govêrno português não tinha feito declaração alguma acêrca da neutralidade e que, portanto, estava neutro segundo Direito internacional e assim estavamos cumprindo os deveres que como tal nos competiam. Mas que tendo aliança com Inglaterra e não podendo prevêr o futuro, poderia suceder fôssemos levados a sair da atual situação, razão pela qual a neutralidade não fôra oficialmente declarada...*»

A melhor fôrça dum homem ou dum govêrno, é a sua sinceridade, o poder de convicção, de íntima nitidês que irradia. Êste telegrama de 9 de Agosto de 1914, ao Sr. Teixeira Gomes pelo Sr. Freire de Andrade enviado, devia ter sacrificado muito o lógico entender e a sensibilidade moral de quem o ditara. Ao Sr. Freire de Andrade não assistiu, ao elaborá-lo, aquela fôrça. A sua incerteza interior traíu-o, mal feriu a dignidade da nação.

« Declaração Govêrno na Câmara, continuava o mesmo telegrama, foi que estava em paz com todas as nações mas em caso algum deixaria de cumprir deveres lhe impõe aliança inglesa».

A atitude da população portuguesa admite, espera, como inevitável, a nossa comparticipação no drama. Nas cidades é de tão franco e entusiástico apoio aos aliados que ela impõe ao ministro dos

estrangeiros a obrigação de dizer algo que contente, abrande a inquieta, generosa excitação das gentes. A declaração de 7 de Agôsto tenta também fazê-lo... E é uma mistificação.

A Pátria fala, comanda, exige, a única atitude lógica. Já brada tão alto que os pobres homens do Govêrno sentem-se dominados. Portugal espera a beligerância. Mas os pobres valores que representam Portugal naquela hora alta, supõem, crêem talvez servi-lo melhor dando-lhe uma situação única na História do Direito internacional. Deixam-se levar, inertes no seu receio...

Que ninguém exigia dêsse o govêrno inteiramente ouvidos à irrequitude bélica dos que nos queriam, imediatamente, nos campos da batalha, esquecidos de tanta impossibilidade e impreparação guerreira, no tumultuoso conjunto de circunstâncias difíceis em que nos encontrou a hora formidável. Aos homens de Estado, a qualquer homem, as resoluções que podem precipitar um povo na tragédia das batalhas, devem ser amarguradamente pensadas, dobradas de anciedade, melindre e suprema angústia. A sabida falta de preparação guerreira imposibilitava-nos para uma imediata actividade, mas a situação do país por mais dolorosa, não podia permitir ao Sr. Teixeira Gomes o esboçar dum queixume, no gabinete e na presença de Sir Ellye Crowe, nem dêste ouvir, sem protesto, caso fôsse da sua iniciativa, a protectora promessa que, em horas tão difíceis, a ser cumprida, diminuïria a fôrça de defesa inglesa e só de ser feita, nos escravizava a uma tutela de que resultariam subsequentes humilhações para nós. Consciente das suas obrigações perante a aliança, bem firmemente convencido da nossa fraterna solidariedade com os aliados, um govêrno digno dêsse

nome afirmaria ao gabinete da sua velha aliada os sentimentos e os propósitos seus de cumprir os deveres que os tratados lhe impunham. Tentaria bastar-se a si próprio, organizar a defesa do país e colónias, mobilizar, valorizar as possíveis fôrças disponíveis, sacrificar-se, desde o primeiro momento, e com a maior sinceridade, para aos seus sentimentos dar a consagração dos seus actos.

Não deixaria nunca de ser um momento a consciência de sagrada imposição dos interêsses e da dignidade nacional.

E os interêsses alheios e os próprios, serví-los ia, contra todo o desejo ou egoismos extranhos, até onde o sentido daquela dignidade o permitisse, nunca, para fugir a mais honradas e evidentes obrigações, nunca levando a sua servidão até ao ponto de abdicar da sua soberania, aceitando a situação original de que apenas saímos, doridos e maculados, em Março de 1916.

O govêrno português de Agôsto de 1914 pecou contra a Pátria.

Nem o conhecimento dos precedentes de Sir E. Grey na sua política, indiferente aos interêsses nossos, feita de acôrdo com a Alemanha, nem o tradicional crítério inglês de submissão dos outros aos seus propósitos até onde a fraquesa ou a menor dignidade alheia o permitem, — deixam ver, aos homens encarregados da nossa política internacional, o caminho mais lógico e simples, acorde com as nossas obrigações, as nossas possibilidades e o nosso dever. Não compreendem como só os verdadeiros sacrifícios, os esforços decididos, as afirmações soberanas a que marcassemos a inicial oportunidade, as nítidas decisões impondo soluções que o interêsse alheio porventura não reconhecesse, nos

podiam valorizar, defender, fortificar para a hora final do ajuste de contas, em que não deviamos sem perigo, aparecer munidos apenas de certificados passados na sombra e obtidos através de sacrifícios que nos levavam a honra.

A Alemanha era o inimigo. Vencedora, os nossos interêsses seriam feridos até ao sangue, impiedosa, implacàvelmente. Ser por ela, às claras, era impossível e blasfemo. Na península, a atitude da Espanha, e o tratado da aliança, impunham-nos uma decisão aliadófila, se olhássemos, contássemos apenas com o interêsse da nação, alheios à defesa interessada de sectarismos políticos que tantas vezes levam os bandos amoralizados e possessos ao esquecimento da Pátria.

Da Inglaterra, de certos políticos devíamos saber a velha, persistente intenção de em nada contribuírem, antes pelo contrário, para a alteração daquela política que fez de Portugal, aos seus olhos, uma dependência da suzerania britânica. Dever nosso era precavermo-nos, evitarmos quanto à Inglaterra facilitasse, ou àqueles políticos, a tarefa, para êles vantajosa, da diminuição da nossa individualidade internacional, esbatida em função da nossa covardia, da nossa desorganização ou da nossa inércia, reservando-nos o direito de agir de acôrdo com o interêsse nacional.

Mas o desejo, originado variadamente em cada um dos homens de govêrno de então, o propósito de evitar-nos a guerra e os seus horrores, foi superior a todos os lógicos pressentimentos ou inevitáveis certesas.

E para mantermos uma falsa neutralidade só a extranhos útil, cometemos o crime duma atitude

que só a nós aviltava, enfraquecemo-nos, dividimo-nos, perdemos honra e interêsses mais altos, oferecemos, cedemos, mais do que pensaram pedir-nos.

A declaração da nossa neutralidade beneficiava a Alemanha. Abriria aos navios do Kaiser a baía do Tejo. Prejudicava poderosamente a Inglaterra. Era lógico, pois, que a Inglaterra não desejasse a nossa neutralidade. E assistiam-lhe, como aliada, direitos que, atendidos, a evitavam. Nunca deviamos, pois declarar a nossa neutralidade. Mas ao gabinete de Sua Magestade, animado a mais duras exigências pela atitude do govêrno de Lisboa, convinha também que um país neutro, dócil aos seus pedidos, se encarregasse de fornecimentos e compras, feitas em seu nome, com países neutrais, de material, navios, armas, munições que à Inglaterra seriam a cada momento necessários.

Só a Inglaterra convinha, se não ao seu povo e ao seu exército, ao pensamento de alguns dos seus homens públicos «aquela política internacional de paz e concórdia com todas as potências, sem, em caso algum, deixar de cumprir os deveres da aliança inglesa» — como dizia o Sr. Bernardino Machado, em pleno Congresso, em 7 de Agôsto, *traduzindo o pensamento do Parlamento e do Povo Português*, dolorosa ironia!

O govêrno podia, devia ter condicionado a satisfação parcial dos desejos ingleses. Cederia apenas, servindo os interêsses dêstes, se lhe não fôsse ultrajante a situação daí vinda.

O govêrno cede. E se é leviano não o é apenas por altruista fidelidade à aliança e fervoroso aliadofilismo.

Podia ter imposto a sua beligerância. Não quis fazê-lo. Cedeu de acôrdo também com o seu sce-

pticismo, o seu desinterêsse do drama, com os seus receios e a sua limitada sensibilidade lusíada.

O inglês que despreza quem se lhe não ergue, ousado e digno, sob o pé que esmaga ou a exigência que afronta, o inglês que não esperava tanto, viu todos os desejos seus realizados. Portugal aceitou a fórmula, aceitaria todas as fórmulas... «Neutralidade condicional», tartamudeará em 21 de Agôsto ainda, o Sr. Freire de Andrade, telegrafando ao nosso Ministro em Paris que resiste, se dói e protesta, por sua honra, adivinhando a vergonha...

Mas esperemos. Há uma correcção possível ainda. O govêrno português decerto tomou conta, entendeu talvez o sentido da declaração que lhe foi presente, em 5 de Agôsto, por Sir L. Carnegie. O Sr. Freire de Andrade aguarda naturalmente os pedidos que supõe iniludìvelmente incompatíveis com a neutralidade, com a sua *neutralidade condicional*...

A 13 de Agôsto o ministro inglês, Sir Lancelot Carnegie, escreve ao nosso ministro dos Estrangeiros. Pede-lhe, em nome do seu governo, autorização para a passagem de tropas inglesas através do território português do Chinde ou outro, a fim de reforçar a Niassalândia, se fôr necessário. E a 14, o ministro português acede, contente, risonho, por ventura orgulhoso, ao pedido inglês.

¿Era dos tratados, do nosso tratado da aliança? Era sobretudo da nossa *neutralidade condicional*... Em Lisboa o Sr. Rosen, ministro da Alemanha, sorria.

Já em 14 o govêrno aceita e agradece a prometida vinda de oficiais ingleses para cooperar na de-

fesa do país e preparar cooperação das tropas portuguesas e inglesas.

Esqueceu-se inteiramente a declaração feita, em 5 de Agôsto, ao Govêrno da República, pelo ministro inglês em Lisboa...

A vergonhosa condescendência não terminou, tem raízes fundas para dar as mais desastrosas florescências ainda.

A 22 de Agôsto, o Sr. Freire de Andrade sabe ou admite que o Governador da Niassalândia pedira, ao ser atacado por fôrças alemãs, o auxílio do Governador de Moçambique, em tropas, artilharia e munições. Imediatamente êle informa o seu agente em Londres, Sr. Teixeira Gomes: «que o govêrno português resolvera *imediatamente* fornecer tudo, caso o govêrno de Sua Majestade concordasse. Já o govêrno mesmo tinha, prevendo um caso urgente, ordenado ao Governador da Colónia fornecesse quanto fôsse solicitado.» Que o Govêrno da República terá a máxima satisfação em poder satisfazer tal pedido auxiliando, na medida das suas fôrças o país aliado.» ¿É nobre, é generoso? Podia sê-lo. Mas também é humilhante, para nós... ¿E continuavamos condicionalmente neutrais?

Aquele telegráma de 22 de Agôsto ao Sr. Teixeira Gomes... ¡Não se pode acusar de germanófilo um ministro ou um govêrno que de tal forma procede! ¡Jogar assim tudo! ¿E é o exaltado amor à causa aliada que o manda? A opinião do país assim o quisera, mas em outras condições mais claras, francamente, sem Rosen em Lisboa e Sidónio Pais em Berlim.

Mas o govêrno inglês, no seu interêsse de nos poupar, zelar as preciosas vidas portuguesas, de evitar-nos a guerra, corrige aquele telegrama de 22

de Agôsto, vem, com todo o interêsse e pressa corrigí-lo. Não, o governador inglês não pedira auxílio algum ao governador de Moçambique.

Fôra êste que o oferecera, *sua sponte*. Assim o explica, no mesmo dia 22 de Agôsto, um telegrama do Sr. Teixeira Gomes.

« Comuniquei telegrama V. Ex.ª *Foreign Office* que agradeceu respondendo que Governo África Central Inglesa telegrafara fôra Governador Geral de Moçambique quem oferecera auxílio. Govêrno inglês telegrafou govêrno África Central pedindo precisasse situação acrescentando-lhe que a única coisa até agora pedida ao Governo Português era que se abstivesse de declarar neutralidade, desejando evitar quanto possível que Portugal fôsse envolvido na guerra ... »

Decerto o Sr. Freire de Andrade compreendera, humilhado. E melhor informado, cinco dias depois, encarregará por sua vez o Sr. Teixeira Gomes de esclarecer bem no *Foreign Office* que fôra com efeito o governador de África Central inglesa que, por intermédio do Consul inglês em Lourenço Marques pedira o auxílio dos soldados, canhões, e munições portuguesas... «Governador Geral não tomou pois iniciativa oferecer auxílio, mas respondeu em harmonia com atitude Govêrno Português á *démarche* do Consul.»

Entretanto as nossas relações com a Alemanha continuam. O dr. Sidónio Pais está em Berlim e de lá refresca, tenta acalmar supostas excitações germanófilas, ponderando, nos seus ofícios, a grandeza e a invencibilidade da Alemanha.

O barão de Rosen, continua em Lisboa... ¡Neutralidade condicional! A Inglaterra, apesar da angústia apremiante do seu *deficit* de efectivos, poupa-nos, não quere sacrificar-nos. ¡O govêrno português é um govêrno feliz! Todos os portos portugueses

da Europa e África são postos à disposição dos aliados...

Mas já o Sir Ellye Crowe começara o desencantamento. Em 26 de Agôsto comunicara ao Sr. Teixeira Gomes, da parte de Sir E. Grey, que, «no caso de qualquer ataque das possessões portuguesas pela Alemanha, a Inglaterra as defenderia atacando fôrças navais alemãs, *não podendo presentemente tomar a responsabilidade quanto às fronteiras terrestres das colónias e de Portugal!...*

Mesmo sôbre os oficiais ingleses prometidos em 14 e que viriam a Lisboa para se entenderem com o nosso comando militar, parece ao govêrno de Londres serem inúteis quaisquer conferências, por agora.

E em 24 de Agôsto o pôsto português de Maziua, na margem direita do Rovuma, em Moçambique, é assaltado por fôrças alemãs que assassinam o sargento Eduardo Rodrigues da Costa.

Pelos meiados de Setembro de 1914, Sir Edward Grey estará contente com a atitude portuguesa. Não esperava outra mesmo. Conta que ela em nada se altere. Teixeira Gomes pede ao seu ministro não extranhe a nota britànica acêrca do pedido feito ao Governador de Moçambique... A Inglaterra, diz, não quere envolver na guerra o seu fiel aliado. E, se a informação dêle, Teixeira Gomes, pode ter algum pêso, exorta o govêrno português *a resistir com firme serenidade a qualquer sugestão que tenda a modificar atitude conservada até agora, única que parece convir interésses portugueses.*

O chefe do Sr. Teixeira Gomes, no momento é o Sr. Freire de Andrade. Com o tempo mudará de chefes, compreenderá melhor.

Em 19 de Setembro, segundo alguns jornais, o Conselho de Ministros vota um crédito para continuação de despesas e trabalhos de preparação militar que se vem efectuando.

O que falta principalmente aos homens que dirigem a nossa política externa e à maioria dos que formam o govêrno, é a nítida previsão da impossibilidade, sem perigo para a nação, de uma atitude semelhante, dadas as nossas condições coloniais e os hábitos tradicionais da Inglaterra para comnosco, receosa de iniciativas nossas que lhe prejudiquem os interêsses possíveis.

Determina-os, assiste-lhes por demais a falta de confiança nos destinos da nação que êles mal dominam, antes só representam nos seus scepticismos, no receio de fortes sacrifícios, na indecisão interessada das oligarquias inimigas da grei, no oportunismo comodista que, com menoscabo da dignidade nacional, tem arrastado a honra dum povo na lama de todas as situações vergonhosas e, secularmente, vem preparando uma catástrofe em que, para a Pátria viver, sucumbirão todos os seus filhos inimigos, e todas as mentiras, numa tremenda bancarrota de falsos valores.

Os pequenos povos tem uma única fôrça, uma única grandeza possível; — a da consciência da própria dignidade e a dos seus direitos, o arreganho, a irredutível firmeza com que exaltam aquela e defendem estes. Na História, imperativa e formosamente comandados por essa consciência, há gestos e palavras que valem triunfos, levam em si um sabor de epopeia. Marcam as vitórias indeléveis ganhas no fôro íntimo das almas e no juízo da História, no concerto dos povos, pelas figuras representativas e supremas.

Em Agôsto de 1914, sem um exército, sem maior intenção duma actividade bélica, financeira e econòmicamente mutilados, podíamos, ao menos, ter sido inteiramente sinceros e dignos. Facilitamos aos outros, porém, sugerimos-lhes quási a política humilhante, inimiga do nosso bem e da nossa honra, provocamos o maior desacordo e, em volta da Pátria, a maior confusão do espírito nacional... Porque, no grupo de homens que a guerra surpreende no govêrno dêste povo, havia talvez um único chefe, alma capaz de suspeitar a fôrça daquelas victórias, e dar-se o gôsto violento de se bater rude e nobremente por elas.

Envenenou-os, tolheu-os, como a todos aqueles de cuja impotência estamos sofrendo as consequências e os êrros, — uma atmosfera de negação e desinterêsse, almas sem altura religiosa ou fé constructiva, escravas de tradicionais mentiras, sem directo contacto com as realidades do povo e do tempo, incapazes de alimentar, corporizar, impôr os programas salvadores que quebram velhos marasmos e acordam, vigorizam, libertam os gigantes adormecidos.

Homens de pequena política, homens de expediente, e homens de relativo mérito e serviços, — mas não almas altas e capazes, heroicas, decididas, que, nas horas de destinos, se faltam, se não se revelam e não dominam as tendências negativas, as inércias interessadas, as reacções blasfemas, — deixam passar inaproveitados e inúteis os momentos que não se repetem mais.

A história do povo português, nos últimos tempos, é uma longa repetição de tentativas, de atitudes desesperadas e libertadoras, plenas de possibilidades e esperanças, que os seus chefes medíocres nunca souberam realizar...

O coração de Portugal é vivo, pulsa e tortura-se de generosos anceios. Mas dos homens, que iludindo a vontade do povo ou impondo-se a êste na ausência daquela, aparentam dirigir-lhe os destinos, a maioria não o entende, não o ouve, é-lhe infinita e miseràvelmente inferior.

Dos homens do Ministério de Agôsto em 1914, — só um se levanta, incompleto por ventura, hostilizado e combatido pelo que representa a sua fôrça, rude figura de soldado que, a um dado momento, protesta e consegue provocar uma correcção da vergonha aceite, com sua atitude irredutível de chefe do exército.

O Sr. Bernardino Machado ignorava decerto os segredos das chancelarias alemã e inglesa. Mas a sua inteligência deixou-lhe ver o que significava a situação da Europa para o nosso destino. No entanto o seu desacôrdo com a política que condenamos, mal se exteriorizou; êle deu-lhe, aparentemente pelo menos, a adesão da sua presença no ministério, chefiando-o.

Dos outros, uns não contam. São inferiores à hora que passa ou receiam, não ousam.

Contrariam o interêsse, a dignidade do seu país, e estão, de certo, na sua mediocridade ou no seu scepticismo, convencidos sinceramente de que bem o servem, desejosos de serví-lo bem. Reflectem uma mediocridade maior que os tolera e donde resultam. Sobreviventes dum espírito que permanece, diminuindo, contrariando o poder renovador da nova fórmula política, são o terror das responsabilidades numa acção decisiva e clara cuja necessidade e alcance não suspeitam e estranhos lhes não impõem.

São a ignorância do amanhã que só a fé patriótica e a inteligência creadora desvendam. Vivem iso-

lados, longe da existência, do organismo sobressaltado e ardente da Pátria. Vítimas e agentes irresponsáveis, índices duma cultura irreligiosa e apatriótica que transige com o pântano e cresce à sua margem.

Homens que, comandados, seriam utilíssimos obreiros. Mas não levam em si, a dominá-los, o sangue ardente, a visão alta e profética dos verdadeiros condutores de povos. O espectáculo da dissolução portuguesa dos últimos séculos habituara-os à mesquinhês presente, impossibilitara, neles, a fé optimista nos destinos da sua Pátria e nos fados do mundo. As realidades aparentes da nossa mais recente história política pesam-lhe ainda, como montanhas, sôbre os ombros frágeis. Só há os heróis, os fortes, os grandes, que se não prendem aos remorsos ou às misérias dum passado. Só estes superam a desgraça, provocam e impõem destinos.

II

Expedição à África

Para fazer face a todas as eventualidades e não deixar indefesas as fronteiras do nosso império colonial mais expostas a um ataque alemão, organizara o govêrno duas expedições. Uma para Moçambique, fronteira norte, sob o comando do Coronel Massano de Amorim, outra destinada ao sul de Angola, sob o comando do T. Coronel Alves Roçadas, êste, como o primeiro, consagrado chefe de outras campanhas do mato africano.

É a vizinhança do alemão que as determina e «o facto, claramente denunciado na imprensa, dêsses nossos vizinhos projectarem instalar-se em nossa casa». «Se amanhã o tentarem», continuava na *Lucta* de 11 de Setembro o Sr. Brito Camacho, que mais não seja para irem à Conferência da Paz levando nas mãos algum trofeu guerreiro, — lá estarão os nossos soldados para lhes conter a fúria, e para isso não será necessário fazer prodígios de valor» ... «A nossa soberania impõe-nos o dever a que não poderiamos faltar, de repelir qualquer agressão que nos façam» ...

Em 10 de Setembro partem as duas expedições.

A de Angola embarca no paquete *Moçambique*, no Cais da Fundição. Ambas atravessam Lisboa, entre a multidão que enche as praças e as ruas, sob o Sol triunfante, ao meio de ovações e cânticos. Do varandim do teatro Nacional, das janelas e balcões, as senhoras acenam com lenços, agitam pequenas bandeiras aliadas, e, nas ruas, entre os cordões da polícia e guarda republicana, o povo entoa a *Portuguesa* e o hino da França, abraçando os soldados. Caem montões de flores. No Rocio, senhoras francesas vêm abraçar Roçadas, colocam-lhe ao peito uma bandeira tricolor, entre salvas de palmas. Das janelas pendem, estremecendo ao rumor dos aplausos, dos vivas, as bandeiras aliadas. Todo o comércio fechou as portas. Das varandas e janelas do Município chovem ondas de rosas e dálias. É um delírio sob o céu de azul e oiro. ¡Glorioso o Tejo! ¡A multidão possessa de uma alegria heróica!

Já a expedição alcança a margem, a velha margem das taracenas e das primeiras largadas. A multidão enche tudo. A mancha cinzenta das tropas afoga a grande mancha negra, fremente, sonora de ovações, em que um grande, um imenso rosto, sob o sol ardente, estua entusiasmo e febre.

O embarque faz-se entre vivas, numa fraternidade em que o céu e o Tejo, a velha cidade, o mar e o Sol comungam, a preparar, a pressentir um glorioso destino... E uma maré de sangue novo e de luz purificadora, a que sobe... As tropas transfiguradas vão passando para bordo. Povoam-se as amuradas e as enxárceas. Em cada *spardeck*, de cada vigia, agitam-se, saúdam, sorriem soldados. Ás nações aliadas são ininterruptos os vivas. O povo canta a *Portuguesa,* e o canto heróico, sôbre o Tejo lindo, não descansa o vôo...

«Quando o vapor largou, conta a *Lucta* de 11 de Setembro, — parecia que toda a gente tinha enlouquecido. De bordo os vivas eram tão entusiásticos como os de terra. A *Portuguesa* vibrava entoada por milhares de bôcas. Em todos os prédios de encosta de Alfama e Santa Engrácia só se via gente acenando com lenços. No cais de Areia, no Terreiro do Paço, eram milhares e milhares de pessoas aclamando os expedicionários que acenavam com os capacetes e gritavam aclamações à Pátria e à República». ¡«Não sabemos como descrever o que se passou!».

As bandeiras de Portugal, da França e da Inglaterra tremulam por toda a parte. Os telhados, ao longo das colinas, estão negros de gente. Há gente, cachos de gente nos mastros dos navios. A cidade resplandece, palpita, canta, sob o Sol doirado.

Ás 4h da tarde uma salva rompe o encanto da turba, do Tejo e do céu. O Chefe do Estado embarca no *Adamastor*... Longo, vibrante, ala-se, do *Moçambique*, o sinal de largada... Os corações batem mais rápidos. O entusiasmo sobe, é delírio, é loucura... Lento, o *Moçambique* ageita a prôa à barra.

À frente vão duas canhoeiras. Já o *Almirante Reis* se desloca sôbre o Tejo tranqüilo. A expedição para Moçambique, ao meio das mesmas ovações e do mesmo delírio, está já a bordo do *Durbham Castle*. É à espera dêste que o *Moçambique* estaca, frente ao Cais da Desinfecção.

Lisboa vai ruir sôbre o velho Tejo. De cada recanto, do alto das últimas muralhas, dos velhos palácios, de todo o burgo, de cada congosta, de cada tôrre, das praças, dos velhos bairros e do

casario novo a entender-se perdido, encostas além, desaba um éco formidável, uma ovação estupenda... Dir-se ia um mar que derribasse emfim as eclusas tirânicas!... ¡O Passado e o Futuro dando-se as mãos num clamor de triunfo! — O Tejo revive antigas horas... E ninguém quis ouvir as vozes do Restelo... «Um navio espanhol que entra o Tejo saúda com sua bandeira»...

Já os navios descem, entre navios floridos...

Alcântara, Junqueira, Belém são negros de gentes.

Rolam as ovações sem descanso.

Albuquerque, ao alto, saúda, e os Jerónimos parecem maiores, sob o Sol. A Tôrre de Belém palpita, escura, negra, quere largar, mastro florido, para o mar.

Os velhos monumentos acordam. E do alto dêles, zimbório ou Tôrre, o olhar abarca as longas praias repletas...

Pedrouços, Algés, Dafundo...

Salvam os canhões dos navios. A intervalos, sôbre os altos rumores, há vozes de clarim cavalgando Walkirias. Em continência, as guarnições formam nas cobertas.

Em Pedrouços está a Divisão Naval. Todos os barcos suspendem a marcha: o *Adamastor* vai ao longo dêles... Depois como outrora, lentos, eu direi saüdosos, e decididos, audazes, o *Moçambique* e o *Durbham Castle*, picam direitos à barra.

As sereias cortam o ar. As bandas de música a bordo dos vapores, a *Portuguesa*, o *God Save*, a *Marselhesa*, os vivas, os lenços como ásas, as palmas sem fim, um cântico sem termo, deslumbram, enlouquecem, fazem estremecer o Tejo e o ceu...

¡Êste é o povo! ¡Esta a Pátria! ¡Esta a sua alma!

III

Ainda o Livro Branco

Assim íamos... Já se vencera no Marne... Passara a hora da maior angústia. ¡Lord Grey estava contente connosco!...

Mas a França necessita de artilharia. Portugal é pelos aliados. O govêrno francês, a 24 de Setembro, pede-nos canhões.

O Sr. Freire Andrade cederia logo ao pedido, reforçado pelo ministro inglês presente em Lisboa. Já cedera muito mais; mas o ministro da Guerra, Pereira de Eça, é soldado. Protesta. O govêrno responde que só poderá ceder artilharia seguida de pessoal, se pedirem o auxílio de fôrças nossas. Os ministros da França e Inglaterra requerem então enviemos para França, em auxílio dos aliados, baterias de artilharia com as respectivas guarnições. Pereira de Eça protesta ainda, defendendo o prestígio do exército que a política do govêrno ameaça. O exército veria com maus olhos a partida de uma só arma. «Se a Inglaterra o desejasse, poderia seguir uma divisão completa com 48 peças e juntamente artilharia que possuímos sem carros e munições», responde emfim, em função daqueles

protestos, contrariado, o ministro dos Estrangeiros. E pede ao Ministro de Portugal em Londres, emquanto espera a resposta do govêrno de Sua Magestade, «faça sentir no Foreign Office que com prazer enviaremos tudo que Portugal possa fornecer nos termos da aliança inglesa; que pela aliança inglesa faremos todos os sacrifícios». E insiste: «Pode V. Ex.ª proceder para êste efeito pela maneira como julgar mais conveniente de modo que fique bem assente, que procedemos assim nos termos da aliança inglesa». Sir E. Grey, sente-se certamente contrariado. O pedido da França e as conseqüências da atitude do ministro da Guerra português vem perturbar a linha da sua generosa política para connosco. A atitude actual do Govêrno Português conduz a uma declaração de guerra. Sir E. Grey já vê Portugal fora do quadro, à sua política dêle e aos interêsses ingleses favorável, da nossa *neutralidade condicional*.

Em 28 de Setembro o cruzador inglês *Argonauta* fundeia no Tejo, com a missão especial de saüdar a nação portuguesa. ¿O Sr. Freire de Andrade está convencido de que temos de ir para a guerra? Não se entusiasma. Mas regista o entusiasmo das manifestações aliadófilas da imprensa e do povo da capital.

Sir Edward Grey procura ainda ganhar o terreno perdido. O conselho de ministros de Londres dispõe talvez o plano que fará afastar da intervenção guerreira a nação portuguesa. Grey telegrafa a Sir Lancelot Carnegie: informe o govêrno da República que «deixa ao arbítrio do govêrno português mandar ou não auxílio e caso resolva mandar, logo que a expedição esteja organizada e pronta a marchar, invocará a aliança». Assim o conta ao

ministro dos Estrangeiros o seu agente em Londres, senhor T. Gomes, colaborador decerto involuntário dos bons desejos do Sir Edward Grey.

Na altura, Portugal que abrira os seus portos aos navios aliados, lhes permitira se abasteçam de carvão e neles se demorem mais de 24 horas, não permite o fornecimento, nos Açores, a navios não-aliados e dá ordens para que a casa Ansaldo, na Itália, active o fabrico do contra-torpedeiro *Liz* comprado para a Inglaterra.

O telegrama do Sr. T. Gomes, em 2 de Outubro, afasta um momento, do espírito do nosso Chanceler, o pensamento da intervenção inevitável. A menor vontade do seu colega inglês vai autorizar, somar-se ao seu menor entusiasmo. No entanto parece disposto a admitir, na sua neutralidade, uma tendência para aquela intervenção.

Comunica ao ministro inglês em Lisboa «que o Govêrno «decidiu dar à Gran Bretanha todo o apoio que lhe fôr possível na presente guerra e enviar tropas portuguesas para combater ao lado das fôrças britânicas desde que o seu govêrno nos diga que o deseja. Para êsse efeito organizar-se há imediatamente uma divisão completa que será posta à disposição do General Comandante das tropas britânicas em França; *mas o govêrno, tomando em consideração as observações de V. Ex.cia a êsse respeito, fará embarcar em primeiro lugar a artilharia, estando dois regimentos prontos a tempo de acompanhar a artilharia se isso convier ao Govêrno Britânico...*»

O Foreign Office vê talvez com desgôsto êste rumo do Govêrno Português, a que o Sr. Freire de Andrade só contrariado dá a sua cumplicidade, falha de certeza, débil de decisão.

A um telegrama, recebido em 3, em que Teixeira Gomes lhe dá conta de hesitação de Sir Edward

Grey, Freire de Andrade diz o seu último pensamento:

«Tenho procurado com incansável energia, e através muitas resistências, manter nossa situação tal como Sir Edward Grey a deseja...»

No dia 5 de Outubro um navio de guerra francês traz-nos as saüdações de França. Lisboa realiza uma manifestação formidável apoiando os aliados, revelando a estreita e entusiástica solidariedade que a êles nos liga.

O Sr. Freire de Andrade, sciente e firmando-se no mesmo desejo da nossa não intervenção armada que anima Sir Edward Grey, procura haver, do Foreign Office, argumento mais forte que o habilite a abandonar ou a manter aquela atitude «que só podemos desejar seja de neutralidade».

Em 10 comunica ao Sr. Teixeira Gomes:

« Muito desejo Govêrno Inglês dissesse clara, terminantemente aquilo que deseja de nós afim de evitar mal entendidos que depois possam ser julgados como hesitação nossa parte, que não temos tido, pois de acôrdo com todo o Govêrno sempre tenho feito cumprir nossa declaração, perante Parlamento de que em caso algum faltaríamos aos deveres aliança. Depois da nota de Sir Edward Grey dizendo devemos reservar nossas tropas defesa nossas fronteiras terrestres (1), nota a que V. Ex.ª não deixará de se referir nas diligências verbais ou escritas que julgar convenientes sôbre êste assunto, mas por forma que não leve a supôr intenção fugir-nos obrigações aliados, — julgo indispensável que o pedido de material de artilharia ou fôrças seja feito nome aliança por Inglaterra,

(1) Constou, após o armistício, que Afonso XIII garantira à França a neutralidade da Espanha o que permitira, logo nos primeiros meses de guerra, ao alto Comando francês dispôr das tropas que cobriam a fronteira pirenáica.

não pela França com apoio Inglaterra, pois neste caso situação é diversa (1). Êste estado de coisas é prejudicial ao país pois há em Portugal estado natural excitação produzida entre outras cousas pela espectativa constante. Por isso muito convém saber qual desejo real da Inglaterra presente momento, i. é, quais os serviços que lhe devemos prestar».

O govêrno não tem um programa, uma política própria. A guerra não interessa em coisa alguma Portugal.

Em conseqüência desta situação provocada pelo pedido francês, modificada pela nobre atitude do ministro da guerra Pereira de Eça, porventura depois de *démarches* que o *Livro Branco* não acusa, o Sr. Teixeira Gomes recebe, de Sir. E. Grey, o seguinte *memorandum:*

«Numa comunicação que o ministro de Sua Magestade em Lisboa teve ordem para fazer ao governo português no comêço da presente guerra, deu-se a segurança formal de que, em caso de ataque de qualquer possessão portuguesa pela Alemanha, o govêrno de Sua Magestade se considerava ligado pelas estipulações da Aliança anglo-portuguesa. Em compensação, o govêrno de Sua Magestade declarou que, por emquanto, contentar-se ia com que o governo Português não declarasse a sua neutralidade. A forma leal e sem hesitação porque o govêrno português acedeu a êste pedido, anima-me a invocar a antiga aliança entre Portugal e êste país para convidar o govêrno Português a sair da sua atitude de neutralidade e a colocar-se activamente ao lado da Grã-Bretanha e dos seus aliados. A posição dos exércitos aliados

---

(1) Em 6 de Outubro Sir Lancelot Cornegie, escrevendo ao Sr. F. de Andrade, dizia: «Sir Edward Grey comunica-me que nos serviríamos duma parte da artilharia de que temos falado, mas que os franceses teriam também necessidade duma parte dela, e acrescenta que, emquanto nós e os franceses nos batemos lado a lado, não se poderia fazer uma distinção em todo o concurso dado a nós ou aos franceses».

no teatro ocidental da guerra ficaria muito sensivelmente fortalecida se o govêrno português podesse expedir agora uma fôrça especialmente de artilharia, seguida depois por outras armas, a fim de cooperar com as nossas fôrças na presente campanha. Os pormenores dessa cooperação teriam naturalmente de ser decididos entre as autoridades militares portuguesas e os estados maiores francês e britânicos, mas o govêrno de Sua Magestade confia que V. Ex.ª terá a bondade de submeter a proposta ao seu govêrno, *pedindo-lhe uma resposta favorável e urgente.*»

Conseqüência de factores extranhos aos desejos do Sir Grey, do Srs. Freire de Andrade e Teixeira Gomes, inevitável em face do que se vinha dando desde 24 de Setembro, êste *memorandum* honra-nos. É já por si, a desejá-lo assim o govêrno de Lisboa, um elemento primacial para seguirmos aquela política que, agrade a quem agradar, no Foreign Office ou no gabinete português, nos purificará das vergonhas anteriores, reabilitando-nos. O Sr. Grey não conseguiu antes pelo contrário, mau grado o seu menor entusiasmo pela intervenção portuguesa, evitar os efeitos do pedido francês.

De resto o convite traduz, mais que o pensamento do Sr. Grey, a simpatia e o desejo do povo e do exército inglês. ¿Será suficiente porém para vencer definitivamente as hesitações do Sr. Freire de Andrade? ¿Obstará êle, desque o govêrno passe às possíveis, urgentes realizações, o desenvolvimento duma corrente que alguns jornais e os inimigos da república provocam no país, entre o exército principalmente, e que dentro de dias, aos gritos de abaixo a guerra e viva a Monarquia, porá na rua uma revolta logo sufocada?

Agora só uma coisa resta; dar uma rápida resposta ao gabinete de Londres, iniciar com enérgica

decisão a tarefa que nos habilitaria a darmos, breve e generosamente, o nosso melhor concurso.

Habilitado deve sentir-se o govêrno a dirigir desde já, por si, a sua política para com a Alemanha.

O conselho de ministros reúne só em 12 de Outubro de manhã. As 16h do mesmo dia o conselho, agora presidido pelo Presidente da República reúne de novo. O govêrno apresenta a demissão, prevendo que a situação necessita um govêrno forte e unido. O Chefe de Estado mantém o govêrno. Resolve o conselho *ordenar a mobilização, preparar a artilharia e tropas* que devem partir com a *máxima urgência*, começando pela artilharia.

Tudo isso comunica, em 13, o Sr. Freire de Andrade ao Sr. Teixeira Gomes. E mais: que o govêrno aprova a declaração feita pelo Sr. Teixeira Gomes no Foreign Office e o autorizara a renová-la em nome do govêrno; que oficiais de Estado Maior vão partir no primeiro paquete para Londres.

Nesse dia, 13 de Outubro, o Dr. Rosen, ministro da Alemanha, procura o Sr. Freire de Andrade para iniciar a série de protestos do seu govêrno contra a atitude hostil que o gabinete português vem tomando contra o império alemão.

E o Sr. Freire de Andrade responde justificando o procedimento do govêrno com as obrigações da Aliança. Lamenta que alguns jornais tenham faltado aos deveres de correcção para com a Alemanha e promete levar a declaração do ministro alemão ao conselho de ministros.

¿O Sr. Freire de Andrade estará, a esta hora convencido, da nossa inevitável entrada no conflito, ao responder assim?

Os precedentes, as suas afirmações anteriores, tudo leva a indicar que não.

Em 14, o ministro de Portugal em Londres comunica a Sir E. Grey a resolução definitiva do ministério português acedendo ao pedido da Inglaterra. Grey agradece. «A Inglaterra, diz, nunca esquecerá a forma amigável como procedemos».

¿Estará o Chanceler inglês definitivamente convencido da intervenção de Portugal, resignando-se a vê-lo envolvido na guerra? Inclino-me a supor que sim. E sem razões, que o habilitem a renovar a sua política anterior, razões pelo govêrno português fornecidas, menor actividade, menor interêsse na efectivação daquela definitiva resolução, é de supor que o Sr. Grey se não aparte da nova trajectoria. O Sr. Edward Grey é inglês.

Mas aquelas razões vai dar-lhas, certamente, com inconfessada surpresa de muitos, o govêrno de Portugal. Em 14 o Sr. Freire de Andrade supõe *quási certa* a nossa intervenção.

Em 16, ainda autoriza o nosso ministro em Berlim, que não é por essa intervenção, a fazer a declaração seguinte: Que a situação de Portugal é a mesma que no principio da guerra, dependente do nosso tratado da aliança. Caso Inglaterra peça o nosso auxílio modificá-la hemos, mas não sem prévia declaração de guerra».

Em 17 não se deu ainda resposta à nota de Sir Edward Grey. O Conselho de ministros não reúne há dois dias. O Sr. Freire de Andrade espera reúna nesse dia... E o conselho reünido, emfim, responde, a sete dias de distância do *memorandum* de Sir E. Grey, nos termos seguintes transmitidos ao Sr. Teixeira Gomes:

«O conselho de ministros aprovou a seguinte resposta que V. Ex.ª deve dar ao *memorandum* pedindo o auxílio militar

de Portugal: *O Govêrno Português, tendo tomado conhecimento do memorandum de Sir Edward Grey entregue a V. Ex.ª em 10 do corrente, encarregou-me de declarar que, nos termos do tratado de aliança entre Portugal e a Grã Bretanha e considerando a estreita amizade que existe entre os dois países, Portugal auxiliará a Grã Bretanha e os seus aliados com a maior boa vontade na presente guerra, dentro dos recursos de que puder dispor.*»

Ora, em 18, Sir Lancelot Carnegie escreve ao Sr. Bernardino Machado, presidente do Conselho.

«Meu caro Presidente do Ministério: Enviei a Sir Edward Grey um relatório da nossa conversa aqui, sexta feira última, e êle acaba de me repetir o que eu já tinha dito a V. Ex.ª, isto é, que liga a maior importância a que Portugal se não comprometa a uma declaração de guerra antes que todos os arranjos estejam feitos para o transporte dos canhões. De outro modo, a saída de Portugal da neutralidade teria todos os inconvenientes dessa acção sem nenhumas vantagens. Sir Edward Grey acrescenta que, quando tiver recebido do govêrno português a resposta oficial ao seu *memorandum*, propõe-se, acusando a recepção, reconhecer plenamente a atitude dêsse govêrno, no sentido em que V. Ex.ª deseja, segundo creio. Tenho a pedir-lhe que nada publique aqui antes de que essa resposta do meu govêrno seja redigida e publicada. Acabo de comunicar ao Sr. Freire de Andrade que fui encarregado de retirar o meu pedido de carvão para o navio inglês, porque o meu govêrno não quereria, neste momento, pedir nada que pudesse constituir uma falta de neutralidade.»

Parece que o Sr. Edward Grey tenta voltar à sua anterior política para connosco. Demais não faltarão os plenos reconhecimentos da amável, leal atitude do govêrno português... E vem-lhe escrupulos, ao govêrno inglês... Não quere de nós, no momento, um acto que possa constituir uma falta de neutralidade...

Os oficiais portugueses partem em 18 para Londres. O govêrno guarda, para depois de fixada a

maneira definitiva do seu concurso militar, qualquer comunicação oficial acêrca dêle.

¿Quando reünirá o Parlamento? Estamos a 19 de Outubro. O Sr. Freire de Andrade recomenda ao ministro de Portugal em Berlim, não faça declaração definitiva nem peça passaportes emquanto não for resolvida a nossa atitude, no Parlamento. E acrescenta: «Entendo que não devemos entrar guerra nossa iniciativa, mas sòmente pedido Inglaterra. É preciso pois evitar caso passaportes seja origem do conflito».

O Sr. Pereira de Eça, supõe que a mobilização demorará três semanas. O govêrno já pensou em alijá-lo, tanto a irredutibilidade do ministro da guerra o contraria. Mas, — «para evitar a saída do ministro da guerra, que causaria crise difícil de remediar e por ventura divergências no exército, se propôs ao govêrno inglês, e se insistiu na idea da divisão, apesar de haver outra opinião entre alguns dos membros do Ministério que entendiam se deveria satisfazer apenas o pedido da Inglaterra e nada mais».

O pedido de material...

As conversas e a carta do Sr. Carnagie em 18 enviada ao Sr. Bernardino Machado devem ter fortalecido êsses membros do govêrno. ¡Pobre general Eça, isolado paladino duma honra tão mal defendida e entendida!...

Parece que dêste ponto em diante o *Livro Branco,* deixa de dizer-nos muito de essencial. Devem faltar documentos importantes, faltam certamente aqueles que melhor definiriam a atitude dos dois governos. Êles irão no seu significado aumentando de precisão e gravidade, até atingirem,

talvez pela última semana de Novembro, nas alturas ou depois da reünião do Congresso para permitir a saída das tropas, — uma gravidade que explica a sua não inclusão no *Livro Branco*, e muito do que se passará até Março de 1916.

Mas não precipitemos.

De facto, embora a opinião pública nada saiba e só vagamente um ou outro jornal se tenha referido ao pedido de 10 de Outubro, o govêrno deixa passar o tempo e parece que a data da reünião do Congresso dependerá do maior ou menor prontidão com que se despache o material de artilharia pedido.

O que não agrada ao Ministro dos Estrangeiros, parece não agradar ao ministro inglês, é a forma da campanha intervencionista que se trava na imprensa, a qual chega até à indiscreta publicação de notas enviadas pelo Govêrno Britânico... Assim o diz o Sr. Freire de Andrade.

E uma vez mais se afirma anti-intervencionista. Crê que a maioria da nação não deseja a guerra e que nenhumas vantagens nos pode trazer a beligerância. Nessa altura as hesitações, o silêncio do govêrno, e certa campanha em que os monárquicos se excedem, começam a produzir os seus resultados. Há quem, mantendo-se sinceramente aliadófilo e republicano, seja contra a nossa intervenção e quem, monárquico ardendo em germanofilia, declare essa intervenção um crime, a Alemanha invencível e a sua victoria essencial ao mundo.

A atitude do exército já não é de severa, austera espectativa. Começa a admitir-se que a ida para a guerra não é essencial...

O Sr. Freire de Andrade assim o pensa e diz:

¿Mandar tropas para a França? ¿E Angola que será imediatamente invadida, Angola onde as nossas

tropas fariam melhor serviço do que em França, «visto que neste país elas seriam apenas uma gota de água no oceano de homens que lá combatem emquanto que em Angola não só defenderiam a nossa terra como auxiliariam eficàsmente os ingleses do Cabo?»

Mas em Angola, veremos, nos termos e por causa das instruções do govêrno, não será imediatamente repelida a invasão do nosso território... Impedí-lo há a política que o Sr. Freire de Andrade defende.

O ilustre colonial, homem conhecedor do espírito inglês, antigo governador de Moçambique, não prevê um momento como, a colaboramos apenas em África com os ingleses da África do Sul, a nossa acção será prejudicada, intencionalmente diminuída por êles e permitida apenas quando a nossa iniciativa não tolher os projectos interessados da União ou do govêrno inglês.

O Sr. Freire de Andrade é apenas pela cedência de artilharia, pela cedência imediata. A artilharia não deve esperar pelas outras armas de que a Inglaterra não necessita. Desarme-se o exército, e se alguém se lembrou de invocar a dignidade e o prestígio dos soldados, e o do país, se a alguém repugna a cedência do material de artilharia, sem homens, êsse não tem razão. «O exército deve obedecer, diz, e demais estou convencido que, acima de tudo, há que atender aos supremos interêsses da Pátria e êle seria o primeiro a respeitá-los».

As responsabilidades do Sr. Freire de Andrade avultam nesta altura, as suas e as daqueles que lhe não provocaram a demissão e aparentemente lhe dão a sua solidariedade dentro do gabinete. Ao seu lado, igualmente censurável, é a atitude do Sr. Bernardino Machado, apesar de quanto a êste

possa ser atribuido na montagem da campanha intervencionista que a sua imprensa infatigàvelmente, cá fora, conduz.

O govêrno parece apenas esforçar-se por enviar a artilharia. Em 25 de Outubro o Sr. Teixeira Gomes comunica o novo pedido feito pelo ministro da guerra inglês á nossa missão militar: «20:000 espingardas». O Sr. Freire de Andrade responde: «govêrno resolveu enviar as 20:000 espingardas ...» e promete, deseja enviar o maior número de cartuchos... Em 31 seguem com 3 milhões de cartuchos, 20:000 espingardas. Na Itália a casa Ansaldo apressa o fabrico do contra torpedeiro que lhe encomendámos para a Inglaterra.

E do govêrno, ninguém decerto prevê como, certo dia, o govêrno inglês poderá dizer que material e munições não o cedemos como aliados, mas o fornecemos em virtude duma transação comercial...

O govêrno não age em função dum melhor entendimento do que se passa no mundo, não vê até onde a nossa situação lhes impõe uma política própria, valorizada e forte pelas circunstâncias especiais em que nos encontramos na Europa e na Africa. O que determina o govêrno é o receio do amanhã que não adivinha. E êsse receio, essa covardia impossibilita-nos qualquer decisão valorizadora, atira-nos miseràvelmente para mãos alheias, submete a nossa política, os nossos interêsses, a nossa honra, a um critério estrangeiro. Nem coragem, nem inteligência. Indecisão, receio, covardia... No govêrno só um homem comanda, fala em nome da Pátria. É Pereira de Eça.

Os outros obedecem, no pobre convencimento de que servem o país servindo os seus interêsses inferiores: — à vontade estrangeira, numa abdicação

esquecendo tudo, e dando sem convicção o que o receio dos dias futuros lhes não permite negar. Entretanto, dia a dia, sôbre a inércia, o desinterêsse, a ininteligência do gabinete, o exército diminuído material e moralmente, — outros nos tomam a precedência e vão garantindo, à nossa frente, em África, os direitos que só uma política decidida e portuguesa nos poderia garantir.

Em 31 de Outubro, o ministro inglês em Lisboa, insiste:

«Se o govêrno português se julga na necessidade de convocar o Congresso, Sir Edward Grey entende que nessa assemblea se não deve fazer alusão à remessa ulterior dos canhões e das tropas para França até que estejam prontos para partir. Por isso mesmo Sir Edward Grey opõe-se a qualquer publicação do seu *memorandum* de 10 de Outubro, comunicado ao ministro de Portugal em Londres; mas está redigindo uma declaração em termos gerais que vai comunicar ao ministro de Portugal. Nessa declaração, exporá a grande conta em que tem o concurso oferecido pelo govêrno português acrescentando que o govêrno britânico o aceita com o maior gôsto.»

A França, entretanto, manifesta por ocasião da ida a Bordeus, capital da República, da Missão Militar, — a sua satisfação e o efusivo agradecimento pelo concurso de Portugal.

Nenhumas dificuldades encontram no govêrno francês os pedidos que a nossa missão apresenta: o do municiamento das peças de 7,5 e dos obuzes de 15,5 que devem fazer parte da divisão portuguesa.

O govêrno francês, por intermédio do Sr. João Chagas que respira melhor, vendo desanuviar-se o

sujo ceu da nossa situação internacional, faz constar ao gabinete de Lisboa que «devendo a divisão trazer 96 peças 7,5, das quais apenas 48 guarnecidas, muito agradável lhe seria que o govêrno português lhe dispense desde já 36 dessas peças».

O govêrno português assentara «que partiriam, em 15, 48 peças 7,5 e duas baterias a cavalo, organizando-se seguidamente a divisão que deveria marchar logo que estivesse devidamente preparada». Assim telegrafa em 10 de Novembro, para Paris, o Sr. Freire de Andrade.

O Sr. João Chagas que, desde a primeira hora não repoisou na faina de defender o brio da nossa posição internacional, desacorde sempre com a política de Lisboa, relendo com atenção o telegrama, resolve nada comunicar no Quai d'Orsay. E, com justas dúvidas, pregunta se as peças 7,5 e as baterias a cavalo trazem as suas guarnições, e se é exacta a redacção do telegrama no que diz respeito à organização posterior da divisão.

Em 12, o Sr. Freire de Andrade, justificando tais dúvidas, responde-lhe.

«Agora só vai material. Reunião Parlamento ainda não fixada. Espero seja dentro de uma semana. Confirmo divisão vai ser organizada, marchará quando estiver devidamente preparada. Tudo isto se faz de acôrdo com missão militar portuguesa e Estados Maiores inglês, francês e belga.»

Em 13 de Novembro chegou às mãos do Sr. Teixeira Gomes a resposta de Sir E. Grey à nota com que o govêrno português respondeu ao *memorandum* de 10 de Outubro. Nela o ministro dos Estrangeiros inglês, acusava a recepção daquela nota dizendo que o govêrno de Sua Magestade «tomara conhecimento com prazer e gratidão do procedimento

imediato do govêrno português em conseqüência da comunicação formal que lhe foi feita pelo govêrno de Sua Magestade em 10 de Outubro, invocando o auxílio activo de Portugal na presente guerra». E agradecendo os oferecimentos freqüentes e espontâneos, relata os serviços por nós prestados, os sacrifícios feitos.

O govêrno de Sua Magestade está assim obrigado ao govêrno português, não só pela sua acção respondendo ao pedido agora feito para a sua cooperação activa, mas também pela sua invariável atitude de amizade no decurso das primeiras fases das presentes hostilidades e pelas suas repetidas expressões de prontidão para assumir os encargos da guerra. Reconhecendo estas disposições leais e nelas baseado, o govêrno de Sua Magestade Britânica convidou agora Portugal a dar-lhes efeito prático pela prestação de auxílio aos exércitos britânicos e francês, que operam como aliados, e confia que elas continuarão a sustentar e animar as tropas portuguesas em campanha. *O govêrno de Sua Magestade reputa contudo essencial que o govêrno português se não resolva a uma declaração de guerra nem publique qualquer coisa das negociações recentes entre os dois países, quer por declarações ao Congresso quer doutra forma, emquanto não estiver de facto em situação de pôr as suas fôrças em campanha e não tiver decidido, de acôrdo com os aliados, para que ponto e de que maneira poderão ser enviadas com maior utilidade. O govêrno português reconhecerá sem dúvida que qualquer revelação prematura das suas intenções antes de se ter chegado a uma decisão sôbre êstes pontos não seria de vantagem para a causa comum.*

¿Que faremos nós se acaso a Alemanha protestar contra a saída do material de guerra para França? O Foreign Office, apressa-se a aconselhar-nos: — devíamos consultá-lo antes de respondermos. E, talvez com surpreza, o Sr. Teixeira Gomes recebe do mesmo Foreign Office pedido para que «se façam activamente os preparativos necessários para a mobilização». Assim o comunica para Lisboa. O

govêrno português está pois habilitado a supôr que é sincero o desejo do gabinete inglês de nos levar à guerra. O Foreign Office «deseja igualmente saber se seria possível ordenar mobilização sem declarar pùblicamente motivo verdadeiro que a determinará». Sem dúvida. O Sr. Freire de Andrade, ao que parece, já não pode contar com os velhos desejos de Sir Edward Grey. Iremos para a guerra. Já o Foreign Office estuda jurìdicamente o procedimentò que devemos tomar para com navios alemães quando entrarmos na luta. Assim o comunica o Sr. Teixeira Gomes, e ainda, o que importa mais: «*Segundo compreendo govêrno inglês preferia fôsse govêrno alemão que declarasse guerra*, e como responsabilidade toda ficava assim cabendo govêrno inglês, julgo conveniente procedermos de acôrdo sempre com Foreign Office.»

Os trabalhos de mobilização vão muito lentos. Os jornais publicam, desde Outubro, listas de oficiais e com uma indiscrição que o entusiasmo meridional mal desculpa. A Divisão Auxiliar tem já uma autêntica realidade jornalística. E o ministério da guerra trabalha para ela.

Para ela, para não ficar à míngua de munições, já Pereira de Eça as regateia aos ingleses. Dá-se o pretexto de que estão sendo beneficiadas. O ministro da guerra português não quere diminuída a fôrça do seu exército. Lord Kitchener quere 540 cartuchos por peça. Explica mesmo que o govêrno francês se encarregará de municiar a divisão portuguesa...»

O Sr. Teixeira Gomes está já convencido de que a nossa intervenção é inevitável. Pode não ter compreendido ainda — há de compreendê-lo, — como o

nosso interêsse nos comandava desde o princípio a beligerância ou a intervenção, por muito dolorosa que fôsse a situação financeira do país e a falta de preparação militar. Trata junto do Foreign Office de obter, para nós, e por sua iniciativa, a assistência financeira inglesa.

O Sr. Freire de Andrade não lhe louva essa iniciativa.

Depois continuam os telegramas entre Londres e Lisboa, As munições ainda... Por todas as formas Pereira de Eça não consente fique o exército sem elas. Responde ao colega dos estrangeiros que entre Kitchener e a nossa missão se combinara não irem munições. O ministro de Inglaterra em Lisboa corrige. Há decerto um mal entendido. Lord Kitchener conta com 540 tiros por peça, na verdade. Pereira de Eça mantém o que disse. Mostra como, segundo o telegrama da Missão Portuguesa, Kitchener dispensava as munições. Era coisa assente. Mas telegrafaria por sua vez à missão. A missão confirma o seu anterior telegrama. Grey por sua vez informa o ministro inglês em Lisboa de que Kitchener espera as munições, insistindo por elas.

Dias depois, a 19, volta a insistência inglesa. O ministro da guerra português tem aquele telegrama para persistir na recusa das munições. «Só as dará, telegrafa com maior urgência, em 19, o Sr. Freire de Andrade ao Sr. Teixeira Gomes, se a missão telegrafar dizendo Lord Kitchener as pede, mas é preciso telegrama esteja aqui amanhã, sexta feira, até nove horas manhã».

As munições são-nos necessárias para a divisão em via de organizar-se. Pereira de Eça nega-se

terminantemente a fornecê-las porque lhe fazem falta e a missão nada respondeu.

O ministro inglês espera, até 20, o embarque. Já querem apenas 100 tiros por peça. No Tejo um transporte inglês perde à saída e larga sem êles depois.

Vencêra Pereira de Eça. As suas intenções são nobres. O seu critério é de um soldado cioso de honra do seu exército. O Sr. Freire de Andrade lamenta tal procedimento, pois «quem carece de auxílio, diz para Londres, é que sabe qual é aquele de que precisa e quando, e nós tinhamos prometido fazer o que fôsse possível». (Telegrama ao Sr. Teixeira Gomes).

A missão militar de que fazem parte Ferreira Martins, Ivens Ferraz e Freiria regressa a Portugal, depois de haver «conseguido introduzir no acôrdo para a organização da divisão militar destinada a combater sob o comando de Sir. John French, certas cláusulas que a simplificam consideràvelmente e representam para o nosso país a economia de muitas centenas de contos, além de poupar pessoal para o serviço de abastecimento. A impressão produzida pelos nossos oficiais neste ministério da guerra?, continua o Sr. Teixeira Gomes em seu ofício de 20 de Novembro, — não podia ser mais favorável e lisongeira, e Lord Kitchener, com quem casualmente me encontrei no Guidhall, falou-me a seu respeito com louvor e simpatia. Os membros da missão militar, certamente orgulhosos da confiança que S. Ex.ª o ministro da guerra neles depositou, escolhendo-os para representar o exército português nas necessárias negociações que precederam a cooperação das nossas fôrças com as tropas inglesas, mais orgulhosos deviam ter deixado

êste país, conscientes do aprêço em que os nossos aliados têm o auxílio que de nós esperam, e seguramente transmitirão aos seus camaradas a noção exacta do papel que está reservado ao exército português no actual conflito e das vantagens que o seu desempenho trará ao engrandecimento da Pátria?

Perfeitamente. Já o Sr. Teixeira Gomes, transfigurado, parece maior.

A 23 de Novembro reune o Congresso Português. O sr. dr. Bernardino Machado lê então o seguinte:

« Logo no princípio da guerra Portugal afirmou espontâneamente que estava pronto, como aliado da Gran Bretanha, a dar-lhe todo o concurso. O govêrno inglês, apreciando altamente êste claro testemunho de cordeal solidariedade, convidou, com entranhável reconhecimento, o govêrno português a contribuir de facto, consoante entre ambos se estipulasse, com a sua cooperação militar. E por êste modo os dois governos assegurarão os fins da aliança, há séculos subsistente entre as duas nações e cuja manutenção tanto é do interêsse comum duma e doutra.»

O parlamento decide o seguinte:

« É o Poder Executivo autorizado a intervir militarmente na atual luta armada internacional quando e como julgue necessário aos nossos altos interêsses e deveres de nação livre e aliada da Inglaterra, tomando para êsse fim as providências extraordinárias que as circunstâncias do momento reclamam.»

Dias depois o patriótico ministro de Portugal em Paris sabe que foi assinado o decreto de mobilização de uma divisão e que o govêrno tenciona, quando

estiver preparada, enviar essa divisão para França, de acôrdo com o govêrno britânico. É o Sr. Freire de Andrade quem lho comunica, e ainda o autoriza a informar o govêrno francês da resolução do Parlamento e do decreto de mobilização.

Em 30 de Novembro, em ofício, o Sr. Teixeira Gomes acusa a recepção dum despacho confidencial que em 26 lhe enviára o Sr. Freire de Andrade, e explica:

« A situação que V. Ex.ª descreve corresponde aqui ao seguinte:

Ao pedido de artilharia feito pela França e apoiado pela Inglaterra, o govêrno português declarou que, por motivos de ordem diversa, — para discutir os quais eu não tenho categoria nem competência, — só poderíamos fornecer auxílio se êste fôsse composto de contingentes de todas as armas que formariam uma divisão completa. No seu telegrama de 13 de Outubro, que li a Sir E. Grey em 14, dizia V. Ex.ª: «*Foi decidido ordenar mobilização, preparar armas artilharia, afim de poder enviar material, tropa, com urgência, começando pela artilharia*». Nos centros militares ingleses, aonde logo chegou a noticia, não se julgou que a organização de uma divisão, composta de cêrca de 20:000 homens, importasse real sacrifício para uma nação de seis milhões de habitantes, cujo orçamento de guerra é muito superior ao da maior parte dos estados balcânicos, os quais, com populações inferiores à nossa, fàcilmente põem em pé de guerra muitas centenas de milhares de homens.

A facilidade com que o govêrno ofereceu e a prontidão que prometia pôr na sua expedição corroboravam essa impressão. Uma das razões dadas pelo govêrno português para não oferecer auxílio de material sem que lho aceitassem também de tropas, era que o exército não o veria com bons olhos, parecendo mostrar assim conhecimento perfeito dos sentimentos que animavam o nosso brioso exército, cujo chefe supremo, o sr. ministro da guerra, certamente tomava a peito satisfazer-lhe as legítimas aspirações.

Desta forma o exército inglês aguarda a próxima vinda dos seus camaradas portugueses na persuasão de que êles constituem um auxílio voluntário justamente ancioso por

mostrar o que vale e o que pode. Isto é o que se pensa nos centros militares ingleses; quanto ao conhecimento que êste ministério de guerra possa ter de situação real, se ela não corresponde exactamente ao que se imagina, os membros da missão militar terão já informado o govêrno».

Quere dizer: Os centros militares ingleses o próprio Foreign Office que em 14 de Outubro fôra informado de que o govêrno português decidira ordenar mobilização, preparar artilharia, afim de poder enviar material, tropa com urgência, — o Foreign Office que a 14 de Novembro, um mês depois (estamos em guerra e os ingleses ignoram a nossa pavorosa falta de organização militar...), pede se façam activamente os preparativos da mobilização que só é decretada, em 26 de Novembro, — os centros militares e ingleses o Sr. E. Grey reconhecem até certo ponto a incapacidade militar portuguesa ou a menor boa vontade do govêrno português em realizar aquilo que êle proprio ofereceu, forçado a isso, pela atitude honrada de um ministro, um soldado, que não queria ligar o seu nome e a honra do exército que chefiava à vergonha da política pelo Sr. Freire de Andrade iniciada em Agôsto, com consentimento, aparente, pelo menos, de todo o govêrno, — pois ninguém soube dos protestos do Sr. Bernardino Machado ou de qualquer pedido de demissão por êle ou pelo Sr. Freire de Andrade apresentado então.

E Sir E. Grey que teve de ceder como cede sempre, por mais rude que seja, o egoismo inglês, perante as fortes razões impostas pela atitude honrada do ministro Pereira de Eça, Sir Edward Grey que de há muito está informado, pelo Sr. Teixeira Gomes e pelo seu ministro em Lisboa, dos desejos não intervencionistas do Sr. Freire de Andrade,

ganha o terreno perdido, vai, decerto, sucessivamente, tomando posições que compensam a sua velha política das cedências feitas; as notas entre Londres e Lisboa sucedem-se, aquelas que o *Livro Branco* decerto esconde, de dilação em dilação adiando a satisfação a que Portugal tem direito, adiando-a sucessivamente, até que nos amarram ao silêncio e nos abandonam, sepultando todas as esperanças que a situação de Outubro em si levava, para que a confusão nacional aumente e os micróbios que infestam já a opinião do país, desorientada, dementada, à mercê dos baixos interêsses sectários duns, das paixões germanófilas doutros, alastrem, contaminem todo o organismo, desmanchem, desorganizem o decidido moral do exército aqui e em África, e se organizem em Portugal, a anarquia das classes cultas, os movimentos de indisciplina em que a honra do exército se desmorona, os golpes de estado criminosos, as revoluções, as derrotas e as vergonhas.

E mais... Na hora, mais tarde, em que ainda o interêsse inglês, manobrado agora pela hábil táctica de políticos mais nobres vencer a coligação de circunstâncias e vontades hostis ao interêsse da nossa dignidade, — quando, ensanguentados e lutuosos dos combates com o alemão no Oriente e no Ocidente de África, magoados, afrontados, apelidados de escravos,—êle nos deixar sair emfim airosamente para a beligerância, para a guerra, será ainda essa confusão, êsse tumulto moral em que o sentido de nacionalidade anda sepultado em miséria, que há de impedir, dificultar a tarefa íntegra: a de a nação cumprir o seu dever na guerra, na África onde nos atacam amigos e inimigos, reduzindo-nos o valor do esfôrço, na França onde ao menos podemos

colher mais insofismáveis garantias, — e em Portugal onde teremos de pôr de parte, por culpa dos políticos e maior culpa das classes rebeldes, a tarefa que, mesmo na guerra, remediaria, prevendo-as, as crises da paz futura, e nos evitaria as maiores dores que estamos sofrendo hoje.

Assim se fecha, com vergonha e mágua, o primeiro período da nossa política de guerra. A vergonha prosseguirá, crescendo, complicada de ódios partidários. Por detrás da República certos monárquicos hão de ferir a dignidade da Pátria. E, na sua confusão, republicanos lançarão novas sementes de discórdia.

Nos lábios dos governos, dos mais interessados em revelar o que hoje mesmo o *Livro Branco* inteiramente não revela, há uma mordaça. Cá fóra a confusão generosa dos que estão com a Pátria e sabem apenas o que o sangue, a indignação, e o seu patriotismo ofendido lhes comandam... E as turbas possessas de interêsses vários, os escravos da Alemanha e da sua grandeza, os prudentes, aqueles em que a alma menos manda que a torpe prudência... Os instrumentos da Alemanha manobrando a nossa fraqueza... Dentro de nós os inimigos da alma servindo, justificando, coroando o nosso comodismo, a nossa hesitação ou a nossa covardia.

IV

Sul de Angola

A província de Angola confina pelo Sul com a Damaralândia. O Cunene, da foz à catarata de Ruacaná, daí o paralelo até ao Cubango, depois êste rio até Libebe, numa ilha ao meio do mesmo e, a seguir, na direcção dos rápidos de Catima no Zambeze, uma linha recta até ao seu cruzamento com o rio Cuando, — eis a fronteira nos termos do Convénio de 30 de Dezembro de 1886.

Desejosos de conservar em território seu a grande catarata de Ruacaná ou Kambele, os alemães pretendiam, como hoje os ingleses da União, que o paralelo fronteira não é o que passa nesta catarata mas sim nos rápidos de Nanguarí, muito a montante. Nos termos do tratado é toda nossa a razão, porque a «primeira catarata abaixo do Humbe e subindo o Cunene, é a Ruacaná» a que os alemães chamam Kambele, com um desnível de 95 metros, ao passo que nos rápidos de Nanguari é apenas de dois metros em média (1).

---

(1) Artigo 1.º do Convénio de 30-12-1886, ratificado em

Além disso, junto dos rápidos Nanguári não existe serra alguma, ao passo que é junto da grande Catarata Ruacana que se levanta a serra de Cana (Ruacana) a que se refere o convénio de 86.

Depois de uma longa permanência nas regiões do Sul, na grande Namaqualandia, para onde fôra comissionado pelo govêrno inglês do Cabo, em 1814, e nas terras ao norte limitadas pelo paralelo 22, o missionário alemão von Schemelen, de regresso a Berlim, consegue obter da Sociedade das Missões do Rheno, o envio de alguns missionários e respectivas famílias que, em 1847, iniciam a catequese dos indígenas da Dámara, estabelecendo com êles relações comerciais. Funantes ingleses do Cabo e missionários alemães concorriam juntamente no mesmo território, tendo os primeiros o apoio dos indígenas herreros que, na guerra de 1864 contra os hotentotes, foram mesmo comandados por negociantes ingleses e o viajante Anderson.

A vitória alemã de 70 permitiu, embora muito depois, um maior desenvolvimento da acção alemã na Damara, sem que o govêrno do Cabo se desinteressasse de levar o limite dos domínios até ao paralelo 22, no que se sentia apoiado pelos indígenas herreros sempre contrários à acção alemã.

14-7-887.— A fronteira entre as possessões portuguesas e alemãs no Sudoeste de África, seguirá pelo curso do rio Cunene desde a sua embocadura até às cataratas que aquele rio forma ao Sul do Humbe, ao atravessar a Serra de Caná. Dêste ponto em diante seguirá o paralelo até ao rio Cubango, daí o curso dêste rio ao lugar de Andara, que ficará na esfera dos interêsses alemães, e dêste lugar seguirá a fronteira em linha recta na direcção de Leste até aos rápidos de Catima, no Zambeze.

Foi em virtude da missão de Wiliam Palgrave e do seu relatório entregue ao governador do Cabo, Sir Henry Barkley, propondo a anexação de todo o território da Namaqua e Dámara, que o govêrno inglês ocupou Walfish Bay em 1878.

Os alemães viram-se ameaçados nos seus projectos coloniais. Uma nova campanha é por êles iniciada então. E de 1880 a 1890 seguem-se os esforços a favor dos seus interêsses no Sudoeste. Entre todos destacam os de Adolf Luderitz, de Bremen, que assegurou à Alemanha a posse do melhor pôrto da costa depois de Walfisch Bay, — Angra Pequena das nossas armadas, a que deu o nome de Luderitz-Bucht, e da zona de terras limitado pelo paralelo 26 e o rio Orange, o mar e uma linha N. S. a 20 milhas do litoral.

Em 1884 exploradores e naturalistas alemães reconheciam a Dámara e a Namalândia, certificavam-se das possibilidades de colonização, agrícolas e mineiras, emquanto (24 de Abril do mesmo ano), Bismarck integrava na corôa imperial alemã a posse dêsses territórios.

Logo em Agôsto dêsse ano Luderitz negoceia com os hotentotes de Topnaar a venda de todo o território ao norte do já adquirido, atingindo o paralelo de Cabo Frio, com a exclusão da zona inglesa de Walfish Bay.

Com a creação do distrito de Mossâmedes em 1849, começara verdadeiramente a obra da ocupação portuguesa no Sul de Angola.

É verdade que já em 1785 expedições portuguesas tinham alcançado a Angra do Negro (futuro Mossâmedes) e que em 1839 «o governador geral D. António de Noronha, mandara duas expedições, uma

por mar a bôrdo da escuna *Izabel Maria*, sob a direcção do Tenente Pedro Alexandrino, outra por terra sob o comando do Tenente J. Garcia. Esta, internando-se (como a de 1785) por Quilenques e passando no Quipungo e Huíla, dirigira-se ao litoral fazendo a sua junção na baía de Mossâmedes, com a outra que já havia explorado a costa» (1). Em 1845 contava Mossâmedes 120 colonos portugueses, entre os quais 50 praças de guarnição.

Nesse ano já a Huíla estava sob o nosso domínio eficaz que, em 1850, chegava aos Gambos.

Em 1854 estabelece-se a autoridade portuguesa no Pinda, e o governador de Mossâmedes, Costa Leal, reconhece a foz do Cunene, subindo o seu curso durante 20 milhas. Em 1855 estuda-se e reconhece-se a riqueza piscatória de Pôrto Alexandre (2). Mossâmedes é erguido à categoria de vila e, em 1857, já tem uma alfândega. Desde 1850 afluem ali os emigrantes vindos de Pernambuco, e em 1857, 33 colonos alemães.

Em 1859 ocupa-se o Humbe e a Camba, onde havia comerciantes brancos fazendo comércio, até ao Mulondo. O capitão Miguel Almeida que dirige a ocupação, quer levá-la até ao Cuanhama. Mas o govêrno de Mossâmedes opõe-se. Em 1863, a penúria de efectivos faz retirar dos Gambos e do Humbe as respectivas guarnições que só voltam a ocupar estes pontos em 1864 e 1865.

Abrem-se estradas. Os boers que, da África do Sul, se subtraem à acção inglesa, em 1881, apresentam-se no Humbe pedindo autorização para se

---

(1) João de Almeida, *Sul de Angola*, pág. 81.
(2) José Manuel da Costa, *Informações sôbre a zona confinante com o Sul de Angola.*

estabelecer no nosso território. Fundam uma colónia na Humpata e, em 1883, essa colónia tem já 325 pessoas de ambos os sexos.

Em 1884, «um numeróso grupo de colonos transvalianos, sob a direcção de William Jordaan, adquiriu ao Chefe do Ovampo o território da Dámara que hoje é conhecido por Grootfontein, e cuja capital fica na latitude de 19° e 42'...». Em 1880 e 1882, Joordan que reconhece a precedência da soberania portuguesa nas terras do Sul do Cunene, procura obter do Governador de Mossâmedes autorização para se estabelecer.

Os ingleses da colónia do Cabo fazem constar ser inglesa toda a zona ao sul daquele rio. Em 1882, somando-se à actividade patriótica do padre José Maria Antunes que funda missões e alarga a acção portuguesa sôbre o Cunene, o Governador de Mossâmedes insta para Loanda pelo envio de elementos com que possa apressar a ocupação das suas margens.

Os alemães, entretanto, alargavam a sua zona de acção batendo os ingleses do Cabo. Jordaan fôra já assassinado. A pequena República da Upiugtónia, que êle queria pôr sob a protecção do govêrno português, acabou com o seu presidente.

O congresso de Berlim em 1885 e o convénio de 1886 levaram-nos todas as possibilidades de domínio nas terras do Kaoko, e a colónia alemã estendia os seus limites até ao Cunene, desde a sua foz à catarata Ruacana, ao paralelo dêste ponto e ao Cubango até ao Libebe.

Os nossos direitos sôbre toda a região ao sul do Cunene até ao paralelo Cabo Frio-Pantano Etocha (1),

(1) As tribus do Ovampo que, geogràficamente, estão em

que o próprio soba Cuambi, Ipumbo, reconhece quando, em 1914, se opõe à passagem das tropas alemãs que vêm atacar Naulila, são desprezados. As explorações feitas por Costa Leal, e em 1878 pelos oficiais de marinha Almeida Lima, Nuno Queriol, Nunes da Silva e Gonsalves Pinto, não nos asseguram direitos. No entanto, em 1914, as fôrças de Franck, como veremos, reconhecem ainda como não ocupada por alemães, e rebelde, grande parte da zona que vai do Etocha ao Cabo Frio e dali ao Cunene.

Já em 1901 uma fôrça montada, sob o comando de um oficial alemão, avançara até a embala do soba Eyulo do Cuanhama, retirando só depois de uma discussão em que o padre Lecomte, superior da missão local, o convenceu de que estava pisando território português (1). Na N'giva, na Mopanda e em Namakunde, três missões alemãs servem uma política contrária aos nossos interêsses.

A ocupação dos territórios confinantes com a colónia alemã é bastante precária, expõe-nos a todas as interpretações favoráveis à cobiça germânica.

Depois da precária ocupação do Cuamato (1907), em seguida à do Mulondo e Dongoena em 1906, João de Almeida em 1909 inicia uma resoluta actividade. Para demarcar a fronteira, pondo um limite a possíveis incursões ou exigências, resolve construir dois portos «um na Unda, sôbre o caminho que vem das margens do Cunene, junto da mulola

---

território alemão, compreendem uma população de 20.000 almas; os seus chefes vivem em completa independência do govêrno alemão... (Do *Relatório* dum oficial alemão da coluna de Naulila).

(1) *Sul d'Angola*, João de Almeida, pág. 125.

Okipoco, de forma a garantir a ocupação da Hinga, Unda, Dombondola e Balando; e o outro na Va-Cuambi junto à mulola Ovalé, sôbre o caminho que do Cuamato conduz à colónia alemã» (1). Propunha-se ainda João de Almeida a ocupação do Evale e Cafima, além Cunene, e a construção dum pôsto de ocupação nas terras do Nekoto, junto à missão alemã, sôbre o caminho que do Cuanhama desce ao pântano Etocha, ou, na impossibilidade de erguer êste pôsto, o estabelecimento dum delegado do govêrno, em missão política, junto do soba Cuanhama.

Com efeito, em Abril de 1909, foi construído o forte do Evale, e em 5 de Maio, «na borda sul das terras de Dombondola, entre a Unda e o Balando, a uns 6 ou 8 quilómetros da fronteira da catarata Ruacana» o forte Henrique Couceiro, onde todos os chefes de *mucunda* (aldeia) veem, em seguida, fazer a sua apresentação, reconhecendo a autoridade de Portugal.

No Baixo Cubango, o mesmo activo governador constroe o pôsto Luso, o de Cuangar e outros, até ao Dirico, ao longo do Rio. Quando, em Agôsto, a coluna que comanda, chega ao Cuangar, encontra lá alemães, «convencidos de que aqueles territórios são alemães». João de Almeida intima-lhes a retirada. Apresenta-se-lhe o comandante da fôrça alemã, inspector da circunscrição de Namutuni. «Disse-nos que vinha, com ordem do seu govêrno, estabelecer um pôsto de polícia na Chimenha, e que a presença das nossas tropas era para êle uma verdadeira surpresa». *(João de Almeida).*

---

(1) *Su d'Angola*, pág. 143.

Trava-se uma discussão:

«Dissemos-lhe em termos correctos e delicados, mas terminantes, que não consentiríamos em tal e que êles estavam em território português e os intimávamos a sair imediatamente dêle, deslocando-se para sul do *paralelo* que passava, pouco mais ou menos, pelo forte que estávamos construindo, fronteira dos dois países. Pretendeu convencer-nos de que não era assim, que a fronteira deveria passar muito mais a norte, como indicavam as suas cartas. Efectivamente, consultando-as, constatámos que não coincidia com a nossa. Não nos demos por convencidos e com argumentos próprios e oferecendo-lhe instrumentos para êle fazer observações, convencêmo-lo de que a carta alemã é que estava errada e que, portanto, os intimávamos a sair do nosso território. Depois de jantarem conosco, já à noite, montaram a cavalo e seguiram todos para o seu acampamento. Parte da gente da embala veiu ao nosso acampamento armada, pedindo para irem correr com os alemães. Não lho consentimos e proïbimos-lhes praticassem qualquer acto de hostilidade contra êles.

«Na manhã de quatro chegavam em frente ao nosso forte homens montados e, pouco depois, uma escolta com sete camelos de baste e dois carros boers, acampando a uns 200m a sul do ponto em que nós efectuávamos a travessia do rio e onde estavam os nossos carros. Mandamos cumprimentá-los por um oficial ao içar da bandeira do nosso forte. Disseram a êsse oficial que estavam resolvidos a construir também o seu pôsto de polícia em frente do nosso, mas como não tinham gente nem ferramentas bastantes, se podíamos ceder-lhes alguns indígenas. Cabe aqui informar que toda a população do Cuangar está concentrada na margem esquerda do Cubango, sendo o território alemão completamente desabitado. Mandámos oferecer-lhes todos os auxiliares de que carecessem e que dissessem o número de trabalhadores de que necessitavam. A resposta foi que não podiam dar princípio à construção sem autorização do seu govêrno.

«Depois do almôço voltaram ao nosso acampamento e, de uma forma bastante delicada, pretenderam demonstrar que, se a fronteira não passava no ponto indicado pela sua carta, também não coincidiria com o indicado na nossa e, *ipso facto*, uma parte do caminho trilhado pelos nossos carros, até atravessar o Cubango em frente do nosso pôsto do Cuangar, já era território alemão. Não podia contestar em absoluto tal

afirmativa, pois isso só delegados especiais dos dois países, convenientemente autorizados, e poderiam fazer. Respondemos-lhe que nesse caso nós íamos estabelecer uma nova passagem mais a montante, mas que também não permitiríamos que êles seguissem para norte do paralelo que passa pelo forte do Cuangar, ou daquele lado exercessem qualquer acto de soberania. Para evitar qualquer conflito, acordámos, particularmente, é claro, visto que nenhum de nós tinha autoridade para mais, em que considerássemos neutra a faixa de terreno compreendida entre os paralelos que passam pelo forte do Cuangar e pela Chimenha, comprometendo-nos a não exercer nela actos de soberania e simplesmente a utilizar-nos do trôço do caminho nela existente, nós até à passagem em frente do forte do Cuangar, e êles para o seu forte de Namutuni. A linha sul daquela faixa é perfeitamente definida pelo forte do Cuangar, e para marcar a do Norte mandou mais tarde o comandante militar do Cuangar construir um pequeno barracão em frente da Chimenha.

«À tarde foram ao acampamento dos comerciantes, na margem esquerda junto à embala. Aparecendo nele o Auanga, sobrinho e sucessor do soba, intimaram-no, com modos bruscos, a ir conferenciar com êles. Uma vez na libata verberaram-lhe o seu procedimento em ter deixado entrar os portugueses na sua terra, quando a êles lhe havia já prometido a construção de um forte».

Em 6 partiram para Leste, ao longo do Cubango, estas tropas alemãs.

«No dia 16, à tarde, chegou ao outro lado novo destacamento alemão, a cavalo, e acompanhado de um carro, vindo, parece, de Tshumeb. Julgámos ser os reforços que os alemães foram buscar, e que os cuangares, aterrados, diziam constar de muitas fôrças, com 15 peças, que vinham para nos expulsar. ¡ Fantasias do gentio ! Um pouco mais tarde chegaram também uns oito comerciantes duvidosos com cavalos e dois carros. Alguns entretinham-se a tirar fotografias. Como estavam no nosso território, obrigámo-los a tirar licença. Na manhã seguinte voltaram também as tropas que haviam seguido em 6 ao longo da margem direita do Cubango. Todos confirmavam o massacre de três alemães, no Sambio, informando mais, êste e o oficial Zawada, que nada

puderam saber de seguro porque o gentio estava todo armado e concentrado, disposto a hostilizar os alemães».

Em 20, sem que novidade alguma se desse, tropas e comerciantes alemães tinham partido do Cuangar. A seguir, em 23, a coluna segue para a Bunja, junto de cuja embala encontra estabelecido, içando bandeira, um comerciante alemão. Em 3 de Setembro é ocupada, sem resistência, a embala do Sambio, que não ousou atacar-nos.

«Dentro da embala encontramos restos dos carros boers, pertencentes à família inglesa Barst que há anos aqui fôra massacrada. Do massacre dos alemães, em Junho passado, não encontrámos vestígio algum. Esses alemães chamavam-se Piohl, Schmaltz e Brawn. O seu massacre foi uma represália de abusos e espoliações praticadas por êles, provocada por causa de umas mulheres».

Construiu-se um reduto logo guarnecido. Em 4 de Setembro seguiu a coluna para o Dirico, onde acampou em 7 e, a quatro quilómetros da sua foz no Cubango, sôbre o rio Cuito, iniciou-se em 8 a construção dum forte.

«O soba veiu fazer os cumprimentos acompanhado da sua gente, manifestando muito contentamento pela nossa vinda. Referiu êle que nos esperava desde que ali fôra o *Capitango* (Paiva Couceiro) (1890), tomar conta da terra. O soba queixava-se de que a sua gente lhe estava a fugir para o Libebe e Mucoio por causa da fome e do receio dos alemães.

«Por êles soubemos também que o governador da colónia alemã D. Schultz, havia ali estado em 6 de Junho passado, e o padre alemão, superior da missão da Colónia, For Gothard, em 22 de Julho, como constava de uns bilhetes por êles deixados. Não sabemos bem explicar a estada ali de duas altas personagens, sabendo-se que a margem alemã é desabitada, bem como as freqüentes visitas aos povos da margem esquerda, que o gentio dizia ali fazerem, as autoridades (?) alemãs».

A pobreza da região, a demora na chegada de víveres, tornavam precária a situação da coluna. João de Almeida manda retirar grande parte das fôrças mas não desiste do seu intento de definir toda a fronteira Sul. Emquanto não regressam os enviados ao Mocusso, ponto extremo da fronteira sôbre o Cubango, João de Almeida espera.

«Entre os indígenas começou então a correr que nós não podíamos ir construir a fortaleza no Mucusso, porque os alemães, em grande número, se achavam entre os naturais para se opôrem à marcha da coluna e que a retirada das nossas fôrças era uma conseqüência do nosso receio. Uma confidencial do Comandante do Cuangar, de 14 de Setembro, comunicava-nos correrem ali idênticos boatos, vindos da Bunja, e que um de um grupo de cuanhamas ali chegados, havia dias, alguns tinham seguido com o lenga Cambongue e outras pessoas do Cuangar e Dirico, afim de observarem os movimentos da coluna. A nossa situação começava a ser, pois, desprestigiosa e em piores condições ficariam as guarnições dos postos já estabelecidos, se retirassemos sem ocupar o Mucusso».

João de Almeida resolve «marchar o mais depressa possível sôbre o Mucusso, sem aguardar a chegada de outras fôrças, embora fôssem inverosímeis estes factos e informações». Os mensageiros enviados, indígenas, regressam em 27 à tarde. Contam que no Libebe estava acampada uma patrulha alemã, de oficial, e que a atitude do gentio nos é favorável, parecendo mesmo que os refugiados na Mucoia e Cuando, com receio dos alemães, estão dispostos a regressar às suas terras. Em 29 parte a coluna. Em 2 de Outubro chega ao Libebe. Os alemães, ao saberem da nossa aproximação, haviam retirado. Eram militares e comerciantes, e dêstes alguns talvez ingleses. Em 4 estava o forte construído.

Em quatro meses fizera-se a ocupação desde a Massaca ao Mucusso, 700 quilómetros. Toda a fronteira com os alemães ficava definida. Nunca coluna alguma realizara tamanha marcha em África. Os alemães viam frustrados os seus desejos de apoderar-se da margem esquerda do Cubango, rica de pessoal e culturas, ao contrário da zona alemã árida e deserta. Mas os seus desejos, os seus planos, não eram abandonados. A colónia alemã necessitava do Sul de Angola. E, pacientemente, os diplomatas, os agentes comerciais, as missões scientíficas, continuariam, persistiriam nesse plano que à Alemanha se impunha e para o qual podia talvez contar com o auxílio da nossa aliada. Só a fronteira do Cuanhama com a Damaralândia continuava aberta. E se não se repetira o *raid* feito em 1902, executado por uma fôrça de 40 alemães, que chegara a atingir o Cunene, no pôrto da Jamba, a acção alemã prosseguia, nas missões, através do comércio, e a nós competia fazer-lhe face, ocupando definitivamente a zona.

Vimos, ao iniciarmos êsses trabalhos, os projectos de Berlim favorecidos em Londres, ignorados e protegidos em Lisboa.

A Alemanha espera possuir Angola. Variadas vezes escoltas alemãs armadas penetram no nosso território do Sul. A actividade desenvolvida pelas missões e comerciantes alemães, desacreditando-nos, não cessa de aumentar. Inundam o Cuanhama de armas finas. A *Angola Bund* prepara a absorção da colónia. O Dr. Ziegler, na inauguração desta liga que tem por fim estimular o desejo da anexação de Angola ao Sudoeste Africano Alemão, afirma em 1912:

«¡Nós devemos possuir o Sul de Angola! Só

então, por um forte esfôrço e um sério trabalho, o Sudoeste Africano poderá ser, para nós, um país, uma Pátria».

O gabinete português, apesar da insofismável precisão de tratado de limites, cede às pretensões alemãs, reconhecendo como neutra a zona em litígio. O forte de Dombondola é abandonado, apesar da vassalagem prestadas pelas gentes daquela zona, e com protesto dorido da sua guarnição e do governador do Distrito.

Há gentes para quem o Sul de Angola é terra de areia apenas...

Entretanto, no segrêdo das chancelarias, Sir Eduardo Grey e Carlos de Litchnowski, curam de compôr os tratados que habilitariam as suas potências a iniciar, segura, a obra de penetração, de influência que repartiria, alfim, talvez, entre Berlim e Londres, a soberania do nosso perdido império colonial.

Em Lisboa publica-se o decreto de 17 de Novembro de 1913.

Nem os nossos políticos, alguns dêles, chegam a perceber a marcha prudente e ameaçante que se faz sôbre Angola.

Na Inglaterra, os liberais com o Sr. Grey, e conservadores com o Sr. Bonar Law, apoiam as pretensões alemãs. A Inglaterra não se oporá ao desenvolvimento alemão em África, não porá embargos aos seus esforços para a Alemanha ser uma nação maior do que já é. A Inglaterra só quer reservar-se direitos para o futuro *entendimento* anglo-germano-português, no Sul de Moçambique, a Lourenço Marques, tão necessário à União.

Prepara-se a partilha do nosso império colonial

entre os dois colossos. Em Lisboa o govêrno ignora tudo. O ministro em Londres ignora tudo. Isto vem de 1911 depois do perigo afastado pelo tratado anglo-luso de 1909, Soveral-Salisbury.

Há políticos portugueses que se congratulam pela generosa assistência colonial que nos prestam as duas grandes nações europeias.

O govêrno de Lisboa colabora, inconscientemente, sem a menor noção do perigo, com o gabinete de Berlim. Em Angola há um redobrar de actividade alemã. O Império estabelece carreiras de navegação para os portos de Angola, o *decreto da porta aberta* está em plena vigência, criam-se novas missões alemãs, Berlim nomeia, para Loanda, um cônsul geral. Em Lisboa, Rosen triunfa.

O tratado que Londres e Berlim negoceiam não é assinado entretanto, porque os alemães temem, a sê-lo e a tornar-se conhecido, — que em Lisboa entendam afinal e cessem as facilidades de até ali.

Cego, infantil, de imprevidência ou incapacidade, o govêrno de Lisboa consente, não encontra razões, não as haveria para evitá-lo — que, em concerto com uma missão portuguesa, uma missão germânica proceda a estudos no Sul de Angola, — estudos scientíficos e os de uma linha que ligaria a colónia alemã à nossa rêde do Sul. A Missão alemã apresenta-se em Loanda. O governador geral não fôra consultado, nada sabe, nada lhe disseram. Toda a opinião, em Angola, está irritada e percebe as intenções, o carácter político e militar da Missão.

Norton de Matos dá o alarme, protesta para Lisboa. Em Angola, apesar das revelações de Litchnouwsky virem longe ainda, há uma apreensiva desconfiança. E Norton protesta, telegrafa ao Mi-

nistro Almeida Ribeiro, conta o que se passa. Termina:

¡ Eu não me sinto com disposições para ser o coveiro de Angola !

Aproximámo-nos da guerra. O vice-cônsul alemão Schöss é infatigável. Torna-se reparada a sua actividade. A missão germânica, no Sul, observa e estuda. O patriotismo dos colonos portugueses sente-se ameaçado. A pretexto de abastecer a missão, Schöss, dos planaltos, despacha para o Sul, para a Dámara, carros e carros de mantimentos...

E vai, na Europa anciosa, os exércitos do Kaiser violam a Bélgica.

Norton, os portugueses de Angola, receiam, lògicamente, uma violência alemã. Longe dos tumultos metropolitanos, estão mais próximos da Pátria, prevêem, determinam-se às atitudes que a hora manda, imperativa e trágica.

Do litoral ao mato mais longínquo, precipita-se a nova dolorosa da guerra. Há um momento de angústia. O monstruoso alude que, do Norte, sôbre incêndios e horror, inicia a marcha ameaçadora, vai decerto arrastar-nos. ¿ E Portugal ? ¿ Que novo destino nos prepara a Tragédia ?

A dôr do mundo misturar-se-há com a nossa. E nas tendas perdidas no mato distante e silencioso, nas casas solitárias dos comerciantes sertanejos, nos fortes que balizam ou guardam o imenso território, nas pequenas vilas, nas cidades, em cada parte, um sentimento português, igual e irmão, tem a mesma impressão dorida. — ¡ Deus proteja a Pátria ? ¡ Que a Pátria, do sofrimento inevitável,

saia com honra e maior! ¡A guerra é a ameaça, a dôr para nós também! ¡Quem ataca é a Alemanha! Todos os olhos se voltam para o Sul.

Já chegou a Loanda a nova de que o govêrno prepara expedições militares a Angola e Moçambique. Sabe-se depois que, em 25 de Agôsto, na África Oriental, o nosso pôsto de Maziua, foi atacado por fôrças alemãs. Ninguém suspeita sombra do que se está passando entre Lisboa e Londres. ¡É a guerra! ¡E primeiro que algures, na terra de Angola!

Da missão alemã que segue trabalhando nas nossas regiões do Pocolo, Otchinjau e margem direita do Cunene, só parte um médico. Os outros, oficiais muito embora, ficam. Suspendem os trabalhos e ficam...

No Huambo, Caconda, Lubango, Chibia, há armazéns de víveres para a Alemanha, escalonados na direcção da fronteira.

¿Não preparará o alemão uma linha de *etapes* para uma invasão da Colónia, um *raid* à Jameson? Assim pergunta a nossa Colónia, alarmada.

Schöss não descansa. Quando o interrogam oficialmente sôbre tantos mantimentos imobilizados, responde que são para seguir até Otawi. Em particular, blasona de próximo governador da Huíla Alemã.

¿Mas como? ¿Acumulam, escalonam, e sem saber se os poderão tirar daqui? preguntam oficiais e particulares.

Era lícito, lógico, admitir, com efeito, a possibilidade duma incursão alemã. Pela sua parte os alemães de Dámara vão, mais tarde, recear uma invasão nossa.

As notícias de Lisboa, as escassas notícias oficiais acêrca da nossa política externa, só a uma coisa habilitam o governador geral.

Foi determinado o estado de sítio nos distritos do Sul.

A Missão alemã detida. E ao cônsul alemão não permitido, pelo govêrno de Loanda, desembarcasse em Mossâmedes. Para o Sul são expedidas ordens bem terminantes. *Tropas alemãs que entrem o nosso território serão desarmadas e internadas*, ordena-se.

Entretanto a expedição, a bordo do *Moçambique*, aproxima-se.

No Sul, na região do Cuamato, a nossa cavalaria dos postos de polícia, realiza apreensões de mantimentos destinados à Damaralândia. O Dr. Vageler, da Missão alemã, em face dos acontecimentos, tenta atravessar a fronteira. O Engenheiro Schubert, apesar da companhia, por cuja conta aparentemente serve, ter, em Agôsto, suspendido os trabalhos, vai em Setembro a Loanda receber instruções e dinheiro.

Depois procura fugir para a Dámara, é prêso na serra da Chela. E receia ser fuzilado.

VII

19 de Outubro

Vimos como o vice-cônsul alemão Schöss organizara uma linha de postos que lhe facilitaria o transporte de mantimentos de Angola à fronteira, e como a organização dêstes serviços pôs de sobre-aviso a população da província receosa de que se preparasse a linha de *etapes* dum *raid* à *Jameson* sôbre Angola.

«Portugal e as suas colónias eram considerados por nós, na colónia do Sudoeste, nos primeiros dias da guerra, um país neutral. Depois, ainda que, segundo todas as aparências, não pudessemos contar com uma neutralidade amiga por parte dos nossos vizinhos portugueses, o Governador via-se obrigado a, pelo menos, tentar angariar os víveres e rações para homens e animais no único terreno neutral que estava ao seu alcance.

«Sabiamos já que em Mossâmedes e em Benguela se espalhavam notícias adversas aos alemães e se procurava dificultar a vida aos súbditos do Imperador que se encontravam em Angola.

«Em Setembro, como nos contou depois o soba do Ovambo-Ipumbo, — askaris portugueses andavam, enviados pelos comandantes dos fortes fronteiriços, preparando em território alemão caminhos de marcha por Okankuejo, para um ataque à Africa do Sudoeste alemã.

«Sabiamos também que em princípios dêsse mês haviam sido presos na «neutral» Angola, viajantes alemães, e levados prisioneiros para fortes militares sem que se dessem razões de tal procedimento. Também não ignorávamos ter Portugal reforçado as suas tropas de Angola, elevando-lhes o efectivo a 3.000, com unidades da metrópole e contingentes de Moçambique, afirmando um jornal português que o fim dessa medida era auxiliar a União Sul Africana (1).

«Apesar das disposições que nos eram hostis na região Sul da Colónia portuguesa, os homens de confiança do Governador conseguiram arranjar em Angola os víveres indispensáveis e pô-los em marcha para o Sul. .

«Em fins de Setembro (?) de 1914 apareceu em Outjó um boer de Angola, de nome Duplessis, que trouxe ao chefe dêste distrito um relatório escrito sôbre o estado e andamento das nossas coisas na colónia portuguesa. Como nada mais se soubesse dos víveres que esperavamos da vizinha colónia, em princípios de Outubro foi enviada à fronteira norte, através do Ovampo, uma patrulha mixta cuja missão era informar da disposição dos povos indígenas, tentar relações amigas com os portugueses e, quando possível, saber dos combóios de víveres que então deviam ter chegado já àquela fronteira.

«Que o fim desta patrulha era inteiramente pacífico, reconhece-se imediatamente pela sua constituïção. Compunham-na o funcionário do distrito, Dr. Schultze-Jena com plenos poderes do Governador, o activo tenente Lösch com três cavaleiros da tropa colonial, os rendeiros Röder e Jensen (êste dinamarquês e servindo de intérprete), dois ou três agentes da polícia e alguns indígenas desarmados.

«Ao todo 15 homens, dos quais dez brancos, e entre êstes três civis. Mandar um número inferior de homens para uma cavalgada de 500 quilómetros, através de terrenos habitados por povos selvagens, — seria de uma tremenda responsabilidade.

«Depois duma fatigante cavalgada de catorze dias atingiram êles, na proximidade do Eriksondrift, no dia 17 de Outubro, o rio Cunene, que separa as duas colónias.

«Acamparam perto duma aldeia Ovambo, na Oncuancua, e com grande espanto, receberam a visita de soldados portu-

---

(1) Relato dum oficial-médico da Coluna alemã que atacou Naulila.

gueses que lhes afirmaram estar o acampamento em território português (1).

«Travou-se então uma pequena discussão sôbre os cursos da fronteira que tanto mais dificultaria um acôrdo quanto não haviam sido feitos ainda trabalhos de delimitação nem existiam cartas em termos da região».

A um dêstes soldados entregou Schultze uma carta para o chefe do pôsto a que pertenciam, e cujo texto era o seguinte:

«Monsieur: Excusez is papier et cette lettre, mais je ne parle pas bien le français. Je suis venu de Outjô et j'ai envoyé deux de mes acompanheur á Dougoena pour notifier au comandeur de mon arrivé et parce que je crois que Dongoena serai la station la plus prochaine. Je vous propose une entrevue. Veillez destiner place et temps. With Kind regarde. Schultze-Jena».

É o comandante do pôsto de Naulila quem comunica telefónicamente a seguir ao Capitão mór do Cuamato a presença de alemães no Caloeque e é o comandante das Dongoena, circunscrição do Humbe, quem, telefónicamente, ouvidos os emissários que lhe enviou Schultze, avisa o chefe do Humbe.

O Dr. Vageler que suspendera os seus trabalhos na missão e «tinha pôsto os seus serviços à disposição da Pátria» (2) trabalhava agora no Sul, de acôrdo com Schöss, procurando auxiliar e apressar os transportes de víveres esperados na Colónia alemã, tornado mais difícil agora porque a 12 de Setembro fôra decretado o estado de sítio no Sul de Angola. No Cunene não havia notícias dos alemães que deviam receber os combóios de víve-

(1) Relatório alemão.
(2) Relatório do Director oficial da coluna a Naulila.

res nem mesmo dos seus mensageiros enviados à frente. O Doutor Vageler, que descera ao Cunene, voltou ao Humbe, residência da autoridade portuguesa mais próxima, contando lá saber algo. Entretanto a nossa polícia móvel, fiscalizando a fronteira, apreendia carros que se dirigiam à Damaralandia.

O rendeiro Schölz, que Vageler contara encontrar no Cunene, quando êste regressava ao Humbe, apareceu no mato, esfarrapado e faminto, anunciando soubera como o Dr. Schultze estava em marcha para o Ericksondrift onde chegaria de um momento para outro. «Não se podia tratar senão dum funcionário alemão. Se êle penetrasse em território português (Schölz acaba de evadir-se...), corria o maior risco, nos termos do decreto de 12 de Setembro, que declinava toda a responsabilidade do Estado pelos bens e vida dos estrangeiros».

«¡Por isso era preciso voltar ao Cunene! O Dr. Schultze devia ser avisado custasse o que custasse, porque decerto não tinha conhecimento do estado de sítio no Sul de Angola» (1).

Vageler parte de novo. Mas é detido antes de alcançar o rio.

Então o chefe do Humbe recebe a comunicação que lhe faz o seu subordinado da Dongoena, e admite, supõe que é o Governador da Colónia alemã em pessoa quem o convida a uma entrevista. O Dr. Vageler, que se encontra junto dêle, não o dissuade, embora perceba a impossibilidade de S. Excelência o Governador Seitz estar no Cunene. Oferece-se porém para o acompanhar como intérprete.

---

(1) Rittmeister Richard Hennig — Deutsch — Sudwst im Wielt kriege.

O chefe do Humbe aceita. E telefona para o Lubango. No Lubango, onde se encontra já, Roçadas, comandante da expedição que vimos sair de Lisboa, vai tomar posse do Govêrno da Huilla. O telefonema do Humbe anuncia que uma missão de alemães chefiada pelo Governador da Dámara, acaba de acampar na margem esquerda do rio, próximo da Dongoena, com o fim de conferenciar com as autoridades portuguesas. «¿ Que tenho a fazer ?», pregunta o chefe do Humbe. A seguir um novo telefonema comunica que resolveu partir para o local do acampamento, em 18, mal rompa o Sol.

Já sabemos que instruções nítidas e lógicas dera o Govêrno Geral ao Govêrno do Sul e como êste as transmitira às autoridades militares da fronteira. ¿ Ignora-as Alves Roçadas, comandante da expedição e Governador da Huilla ? Concedamos que o Chefe do Humbe o não informa de que os alemães se encontram em território português.

Ás 2 horas da manhã de 18 o Governador Roçadas responde ao Chefe do Humbe. *Que se dirija ao acampamento dos alemães e saiba dos seus objectivos, usando para com êles das atenções devidas à sua gerarquia.* E se vêm tratar do internamento de fôrças germânicas, que não o permita sem desarme prévio...».

As ordens dadas pelo Governador Geral Norton de Matos a todos os postos da fronteira eram: manter uma prudente neutralidade, não desafiar a hostilidade do inimigo, mas desarmar e internar, atacar, se necessário fôr, todas as fôrças alemãs que passem a fronteira...

Emquanto o Chefe do Humbe se prepara para descer ao acampamento do suposto Governador de Dámara, e tratar êste com as atenções devidas à

sua gerarquia, o Alferes Sereno, Comandante dum pelotão de dragões estacionado em Otoquero, que, nos últimos dias, em polícia da fronteira, já apreendeu vários carros de víveres ao alemão destinados, recebe ordens do Capitão-mór do Cuamato «para prender e desarmar uma fôrça alemã... que se acha em pleno território nosso à distância de 12 quilómetros de Naulila» (Carta de Sereno em 7 de Novembro).

No acampamento alemão os recém-chegados esperam. A sua roda, durante algum tempo, sôbre o crepúsculo, rondam soldados portugueses. Fora, em Otoquero e no Lubango, no Humbe e no Cuamato, pensa-se neles de forma diferente. A noite passa. É para alguns a última.

Em conformidade com a ordem recebida o alferes Sereno marcha do Otoquero com os seus dragões, em 18. Demora-se em Naulila, onde almoça, e se lhe junta uma diminuta fôrça de infantes indígenas; parte de novo, e às 16 horas chega ao acampamento dos alemães. Êstes, ao avistar a nossa fôrça, sobressaltam-se um momento, tomam as espingardas. Mas depressa a atitude da tropa que se aproxima e a ordem imperativa, marcial, dum dos viajantes, talvez o Tenente Lösch, fazem desaparecer as desconfianças e depôr as armas.

Sereno pregunta quem ali comanda. O Dr. Schultze adianta-se. E Sereno, com uma carta na mão, pregunta-lhe que faz, com uma fôrça armada, em território português.

—Venho em busca dum desertor e, além disso, retruca Schultze ao tom elevado com que Sereno interroga, além disso pretendo falar com a autoridade do Humbe para conseguir licença para ir ao Lubango...

«Vi logo, escreve dias depois Sereno a um parente, vi logo que a primeira parte era aceitável e a segunda duvidosa. Fiz-lhe ver que o Administrador do Humbe não podia dar-lhe a licença que desejava por não estar na área da sua jurisdição mas sim o Sr. Capitão-mór do Cuamato, — pelo que os convidei, bem como os seus oficiais, para me acompanharem ao Cuamato, afim de serem presentes ao Capitão, e êste lhes dar a referida licença ou o destino que entendesse. Aceitaram o convite, mas para marchar na manhã seguinte, dormindo eu no seu acampamento. Eu acedi a tudo...».

«Na verdade, escreve por sua parte o Rittmeister Hennig no seu volume *Deustch-Südwest im Welt Kriege,* — era duvidoso se o oficial português tinha razão... Uma marcação especial não existe. Mesmo que se tratasse duma violação de fronteiras, o Dr. Schultze tinha em todo o caso procedido de bôa fé, esperando o funcionário português. Acêrca da declaração do estado de sítio nada sabia. O oficial português deixou-se evidentemente convencer pelas razões apresentadas, desistiu de mais representações e aceitou reconhecido um convite de jantar para si e para os seus homens, reinando no acampamento a maior concórdia. Na manhã seguinte antes da partida, pediu êle aos alemães que aceitassem também a hospitalidade portuguesa no forte de Naulila».

O Tenente Löesch, desconfiado, não queria aceitar. Mas, por fim, o Dr. Schultze aceitou o convite.

Esta versão, é a versão alemã, que, sôbre o acidente de Naulila, se baseia nas declarações do polícia indígena da Dámara, Augusto. Até aqui é

evidente a sua inverosimilhança. ¿Sereno oculta-lhes as ordens recebidas? ¿Quem o não faria nas condições dêle? Quanto à sua convicção de que o acampamento está em território português, ela é absoluta. Os alemães que, por sua conveniência, como vimos, consideram fronteira, naquela região, o paralelo que passa nos rápidos Nanguári, — também não podem afirmar o contrário, confessam. Demais vê êle ainda, embora justamente suspeitoso do alemão, sabedor do ataque a Muziua e das novas que lhe chegaram de Portugal e da Bélgica, que as razões apresentadas por Schultze para justificar, ali, a sua presença, podem ser verosímeis.

Em todo o caso tem uma ordem a cumprir. O Capitão-mór que resolva em última instância.

Os alemães entendem acaso (Jensen é um mau intérprete) que o convite é feito para Naulila. Sereno sómente se demorará, porém, neste forte, para o almôço; daí continuarão depois até ao Cuamato. ¿Que razões tem o tenente Löesch para contrariar, aos seus camaradas, a aceitação do convite? A situação de Sereno, rude e bravo soldado, que a quantos o conheceram deixou uma forte impressão de carácter e honra. — não é das mais agradáveis. No convívio daquela refeição, ao meio do mato, sob a noite do sertão africano, as suas prevenções são desarmadas por momentos. Mas Löesch desconfia sempre, cala-se.

Sereno participa da impressão sofrida por toda a colónia em conseqüência dos manejos alemães que de há muito vem preparando a absorpção do Sul de Angola.

Fala-se, discute-se em bons termos a linha da fronteira, apreciam-se as novas de Lisboa, a atitude francamente aliadófila de Portugal... Schultze traz

consigo um exemplar do *Século* que o espião boer Duplessis levara do planalto à Damaralandia.

Sereno convence-se de que a missão principal dos alemães é preparar e obter a passagem dos 11 carros de víveres que o seu pelotão já apressara na fronteira...

Mas o exemplar do *Século* fala de expedições para Angola...

E os alemães preguntam com desconfiança:

«¿ Pensa então o govêrno português em ocupar o Cuanhama na época das chuvas ?». Sereno procura desfazer as justas desconfianças alemãs...

Mas toma precauções, avisa os seus homens, não vão os alemães escapar-se durante a noite...

No dia seguinte, 19, às oito horas, (os soldados de infanteria indígena já regressaram na véspera a Naulila...) Sereno com os seus dragões, Schultze, Löesch, Röder e Jensen, e três pretos da colónia alemã, largam do acampamento...

Ás nove horas chega a Naulila. Já um cavaleiro nosso seguira à frente para o comandante do pôsto preparar, a tempo, o almôço.

«Logo que os senhores chegaram ao forte cuja guarnição, naquela ocasião, era de 16 a 20 homens, foram convidados a entrar por Sereno, e os indígenas ficaram fora, junto dos cavalos, que por ordem expressa do Dr. Schultze se conservaram selados, — diz uma versão alemã.

«... Desaparelharam-se os cavalos e os alemães foram conduzidos para o interior do forte», diz outra versão, referida por R. Hennig no seu já citado livro.

¿ O que vai passar-se no pequeno pôsto ?

Naulila, na região da Hinga, é o pôsto policial

estabelecido, em Maio de 1912, para substituir o Forte Henrique Paiva Couceiro que os alemães diziam estar em território alemão, dada a sua interpretação interessada do convénio de 1886 e a excessiva condescendência do govêrno português. Não tem trincheiras, não tem uma rede de arame farpado à volta. Uma habitação para o comandante, sargento, e casernas, palhotas, para a guarnição apenas... O seu estabelecimento fizera-se por ocasião duma agressão realizada pelo gentio de Oncuancua e pretos da Unda sôbre os indígenas da Hinga. O comandante militar do Cuamato interviera, sendo então prêso um aventureiro que se dizia alemão e que capitaneava os negros da Oncuancua. Foram as próprias praças do destacamento interventor, com os recursos do momento, os construtores do pequeno pôsto que poucas modificações apresentava dois anos depois.

O pôsto, erguido num terreno argiloso, mal coberto de areia, ficava na margem esquerda e a um quilómetro do Cunene, e a êle suavemente sobranceiro. Em volta, por Este, Sul e Oeste, num raio médio de 1.200 metros, o horizonte da terra dominava-o insensìvelmente. e o espinheiro, e o *mutiati*, sobretudo na direcção sudoeste, cobriam o solo, em que, aqui e além, se erguiam altos imbondeiros.

Vindo do Nordeste, do Cuamato e Otoquero, a caminho de carros, passava junto ao pôsto e seguia para a Oncuancua, a SE.

Outros caminhos o ligavam, ao Humbe, pelo vão do Cangondo e Chiquenda; ao Caluéque, ao longo do Cunene, depois de passar à margem direita, pela vau Cabelo.

Na direcção sudoeste, perto dêste vau, o terreno

é ligeiramente ondulado, sem desfazer a monotonia dominante da planura coberta.

Das várias versões, portuguesas e alemãs, correntes sôbre o depois chamado *incidente de Naulila*, nós resumimos quanto, com verosimilhança, se concerta e reforça, dando-nos a mais avançada aproximação da realidade.

Fixe-se já que as versões alemãs que conhecemos se limitam a bordar de considerandos ofensivos e injustos, as declarações do preto Augusto, e as nossas são o resultado, o confronto destas últimas com as de Sereno, do intérprete Jensen e do Cabo Kimmel, alemães.

A caravana alemã e o pelotão de Sereno estão em Naulila.

Apeiam-se todos.

Parece que Schultze recomendara aos seus pretos não desaparelhassem os cavalos. Já entram na pequena casa do sargento comandante do forte. Por ordem de Sereno aos seus homens fôram desaparelhadas as montadas. O Dr. Schultze percebe-o logo e avisa o tenente Löesch. Êste vem examinar os cavalos, que encontra desarreados. Os soldados do pôsto, conta o polícia indígena alemão Augusto, haviam desaparelhado as montadas dos senhores, dizendo em mofa, aos creados dos alemães que «já ninguém sairia dali». Löesch ordena que selem de novo os cavalos. Então o cabo do pelotão de dragões vem avisar Sereno. Este pede a Jensen explique ao Dr. Schultze não haver necessidade de selar os cavalos, visto que só depois do almôço seguiriam para a Capitania-mór, como se combinára, e o almôço não estava pronto ainda. Schultze ¿ supunha acaso encontrar em Naulila o Capitão-

-mór do Cuamato? ¿Não tinha êle mesmo, na véspera, interrogado Sereno àcêrca do itinerário e distância à capitania? O funcionário alemão suspeita um perigo, o internamento, e não quere esperar.

¿Que lhe teria dito, imprudentemente, o alferes Serêno, ou o tenente Löesch, ao regressar, exaltado, ao interior do pôsto?

Já as vozes sôam mais alto. Ouvem-se cá fora. Todos estão alarmados.

Schultze e os seus companheiros vão a sair...

Sereno declara-lhes então que tem ordem para fazê-los apresentar no Cuamato, que não os pode deixar partir. Os alemães estão fora do pôsto, encaminham-se para as suas montadas. Serêno pede, insiste que fiquem, emquanto os criados, os cavaleiros enfreiam os cavalos. O oficial português não os ameaça. Já os alemães montam. Schultze, a cavalo, não atende às razões de Serêno. Serêno então segura-lhe as rédeas, não as larga, e repete que devem acompanhá-lo ao Cuamato. Irritados, os soldados portugueses presentes, compreendem que os alemães tentam fugir. Para êles, pelo que sabem, pelo que sentem, o alemão é o inimigo. Duro, resoluto, Schultze tenta fazer mover o cavalo. Serêno segura-o pelas rédeas ainda. Então o administrador de Outjô, já os seus companheiros largam, toma a carabina, volta-lhe a patilha do fecho de segurança, aponta-a ao peito de Serêno. O cabo de dragões grita, avisa o seu comandante; êste larga, com espanto, as rédeas. Os outros, a cavalo, fora do pôsto, apontam as pistolas.

É tanta a bôa fé de Serêno que, dos seus soldados, só ali estão, por acaso, três praças. As outras

recolheram às suas cazernas exteriores, na sanzala. Serêno, atónito, não dá uma ordem, não sugere um gesto. Schultze aponta-lhe a carabina, já volta a montada, vai a largar. Mas os três soldados colheram as espingardas, à primeira suspeita. Disparam. Schultze tomba ao sair do pôsto. Os outros vão ao galope, fora. Roëder é alvejado, Löesch a seguir, Jensen fica prisioneiro, ferido num ombro. Schultze e Roëder cairam mortos. Loësch vive ainda dois dias.

Eram 9h, 30m. Ás 12h, 30m, o Capitão-mór do Cuamato modificava as instruções dadas ao Alferes Serêno, punha-as de acôrdo com as recem-chegadas do Lubango, do novo Governador.

Era tarde demais.

Uma hora depois da partida para Naulila do Alferes Sereno e Dr. Schultze com os seus companheiros, o chefe do Humbe entrava no acampamento do Caluéque. Saira à meia noite da Dongoena onde chegara de tarde com o Dr. Vageler e o intéprete Van der Kelen.

O sargento alemão informa-os de que os senhores oficiais haviam saído e que devem chegar por todo o dia. O chefe do Humbe espera. O tempo corre. Por fim pede ao sargento envie um portador a Naulila com um bilhete anunciando a sua presença. É o cabo Kümmel (Gefreiter) que monta e parte a levá-lo. A anciedade aumenta com o passar das horas. O sargento alemão julga que só um perigo, um desastre, uma traição, podem explicar tamanha demora... «Pelas instruções que me deixou, o meu comandante já cá devia estar...».

O peior é que Kümmel não regressa também. Por fim um indigena traz «um papel no qual estava escrito (versão alemã), pelo comandante português

que, por um engano muito lamentável, os alemães tinham sido mortos pelos pretos e que lhes pedia viessem também ao forte para se informarem do estado do coisas».

¿ Que porção de verdade há nestas palavras ? O chefe do Humbe devia ter visto êste bilhete, se na verdade foi recebido. E nada consta, ninguém nos diz que o visse.

O passado honesto de Serêno, o seu procedimento naquela manhã dolorosa, não nos autorizam a supô-lo capaz duma vilania. Ele é a vítima do que entende o cumprimento do seu dever. Diante de si tem dois meses de vida ainda. E depois a morte... Uma morte de soldado, gloriosa, atacando... Que Sereno era um rude, simples, bravo e lealíssimo soldado. Só os alemães, ou os espíritos apoucados de defectismo puderam atacá-lo sem justiça e com paixão.

O sargento alemão pensa em vingar, no chefe do Humbe, a morte dos chefes e companheiros. No seu desespêro de soldado fiel quere atacar a Dongoena. Por fim parte. O chefe do Humbe fica em liberdade.

Os alemães tentam levar consigo Van der Kelen que fica também. Têm deante de si, de novo, a travessia dum sertão inimigo, uma viagem dolorosa e longa. Mas chegarão a Okankuejo a 23 de Outubro para que o Sudoeste saiba que Portugal é inimigo.

Vageler despede-se do chefe do Humbe. E tem esta expressão final: — *¡ C'est la guerre !*

VIII

Na Dámara e em Portugal

¿ Como se soube dêste incidente na Dámara e como impressionou êle as autoridades e opinião pública da colónia alemã ?

«No dia 23 de Outubro a colónia tomou conhecimento de uma notícia que, como um raio caído do céu, desencadeou uma onda de indignação. A fraca patrulha alemã que, por ordem do Governador, se encontrava na fronteira norte da colónia, fôra atraída a uma cilada e cobardemente assassinada pelos portugueses no forte de Naulila. (Relatório dum oficial médico que acompanhou a expedição alemã contra Naulila).

«Como é fácil de compreender, escreve o Rittmeister R. Hennig, êste horroroso crime não só provocou a maior indignação mas também sérios cuidados na opinião pública do Sudoeste. Vista a atitude incerta dos nossos vizinhos do Norte, era bem fácil ver nisto o começo das hostilidades» *(Deutsche Südwest im Welt-Kriege).*

«Tinha-se dado uma infame violação da neutralidade, que nada desculpava, cometera-se um assas-

sínio cobarde, em que pereceram três dos nossos melhores homens.

«Mas, àlém da indignação sem limites e do desejo de vingança que em nós excitou o vergonhoso crime, tinha o acontecimento uma grande importância para o nosso domínio colonial.

«¿ Que fazer depois de tudo aquilo? Que os portugueses estavam presos à Inglaterra por uma dependência de escravos, sabia-se; que, durante os dois primeiros meses da guerra, êles se tinham mostrado ofensivos para com os alemães, também se não ignorava. Notícias que pudessem esclarecer a situação, faltavam-nos completamente, devido ao nosso afastamento de todo o resto do Mundo. Depois de quanto se havia passado, do ataque aos súbditos alemães, a África alemã do Sudoeste só podia tirar uma conclusão: A Alemanha está em guerra com Portugal; o assassinato de Naulila é o começo das hostilidades. (Relatório do oficial médico).

«Se o oficial português (Serêno) se fez assassino por ordem superior ou se procedeu sob sua própria responsabilidade, não se pode averiguar visto o govêrno da República se ter abstido de qualquer atitude. Com a adulteração do costume, o assassinato de Naulila apareceu na imprensa portuguesa como uma vitoriosa riposta a um ataque alemão, tão ousado como contrário ao direito das gentes.

«E, assim, tudo ficou extraordinàriamente satisfeito.

«Provàvelmente, o acto impensado dum jovem alferes ajustava-se muito mal aos planos dos dirigentes políticos da República, e nestas circunstâncias pareceu melhor abafar quanto possível a desagradável ocorrência.

«O Governador da África do Sudoeste pensou duma forma diversa, a êste respeito. Logo após a notícia do assassínio, resolveu, de acôrdo com o comandante militar, tomar vingança imediata do crime». Hennig *(Deustche-Sudwest im Welt-Kriege)*.

«¡ O ataque é a melhor defesa ! No dia 24 toda a colónia conhecia o assassínio de Naulila. A 25 ordenou-se uma expedição a Naulila, e a 26 começou a fazer-se a concentração das tropas...».

¿ E em Portugal ? O incidente, interpretado ao sabor do aliadofilismo e desejo intervencionista que dominava a maior parte da opinião pública e da imprensa, — viera aumentar êsses sentimentos, por haver pôsto a claro, julgava-se, os suspeitados planos alemães sôbre o Sul de Angola.

O govêrno, porém, cala-se. É ao ministro alemão que cabe reclamar. Entretanto, o govêrno espera o relatório de Naulila e notícias de novos e mais graves acontecimentos. Já terá caído o govêrno do Sr. Bernardino Machado, e será Ministro dos Estrangeiros o Sr. Augusto Soares, quando, em meados de Dezembro, o representante alemão, Sr. Rosen, apresentára reclamações em nome do seu govêrno, referindo-se únicamente à prisão de Schubert e ao seu internamento no forte de S. Fernando, em Mossâmedes, bem como à concentração em Loanda de todos os alemães que se encontram em Angola.

Sôbre os acontecimentos de Naulila, silêncio de parte a parte. A Alemanha prefere ver-nos assim. E, com efeito, o acto que resultara do honrado cumprimento duma ordem justificada e necessária, lógica com as circunstâncias, «ajus-

tava-se muito mal aos planos dos dirigentes da República...».

A reacção alemã vai ser pronta e decisiva, brutal, deslealíssima. Não curam de saber de razões, basta-lhes o depoimento dum preto, modelado ao sabor da indignação dêles.

«Dignos de menção, escreve o Rittmeister Hennig, no seu já citado volume, — por terem sido conduzidos com energia e destreza, são tão bem as pequenas operações dirigidas a seguir sôbre fortes portugueses da fronteira.

Por ordem do comando das tropas da guarnição, o capitão de cavalaria de reserva D. Lehmann, comandante militar de Grootfontein, com 20 dos seus homens, logo após o conhecimento da morte de Schultze, partiu sôbre o Cubango. No caminho foi reforçado pela guarnição de polícia de Kuring-Kuro que havia trazido a sua metralhadora».

O Capitão-mór do Baixo-Cubango, Tenente Durão, comandava o pôsto do Cuangar. Só em 23 de Agôsto, quando nós a recebíamos nos extremos confins do distrito de Benguela, lhe chega a notícia da Conflagração europeia. As relações que, até ali, existiam entre os postos fronteiros, vinham sendo as melhores, retraindo-se, de então para deante, as guarnições alemãs. Estas receavam a atitude portuguesa, dada a nossa aliança com a Grã-Bretanha, chegando a reforçar os seus entrincheiramentos e procurando captar as simpatias do chefe indígena da região, Auanga. O Capitão-mór, sem notícias de Portugal, mantinha ainda relações epistolares com o chefe do pôsto alemão. A êste comunicou Durão, em fins de Setembro, ter emfim recebido uma comunicação oficial de que Portugal

estava neutro e o Sul de Angola em estado de sítio por causa do Cuanhama. As relações de margem a margem do Cubango arrefeciam cada vez mais no entanto. Mas Durão, soldado honestíssimo, não admite um momento a possibilidade de um ataque sem que o avisem.

Na madrugada de 31 de Outubro, o Capitão Lehmann, com os seus vinte homens, os dez homens de guarnição de Kuring Kuro, e um numeroso bando de guerreiros do soba Auanga, surpreendem o forte do Cuangar. A vigilância não era, com efeito, rigorosa. Subjugada a sentinela, parte dos assaltantes penetram no interior do forte, emquanto a metralhadora varre, massacra os soldados indígenas que acorrem às armas, saindo em chusma da sua sanzala exterior.

Durão, surprêso, pregunta, longe de supôr ali os alemães: «¿ Quem faz aqui fogo sem ordem minha ?» e cai, logo, varado... O outro oficial do pôsto, um comerciante português, as cinco praças europeias, muitas indígenas, são impiedosamente massacradas. O resto foge... Quando o Sol rompe, a bandeira alemã flutua sôbre o forte que o infatigável João de Almeida construïra em 1909. E os alemães apreendem um canhão, víveres, gado, espingardas, munições e levam alguns soldados indígenas prisioneiros.

Mas não é tudo. Os homens que acusam com tanta ligeireza sôbre as mortes incidentais de Naulila, não estão contentes da vingança.

«Imediatamente, após a tomada do Cuangar, o cabo de polícia Osteman, em companhia de alguns empregados e polícias, desceu o Cubango e surpreendeu quatro pequenos fortes, sem sofrer perdas». Bunja, Sambio, Dirico e Mucusso são os

nomes dêsses postos. As reduzidas guarnições são massacradas e os postos saqueados.

O Governador de Huíla sabe, por fugitivos, a horrível nova. E a 19 de Novembro o govêrno de Lisboa envia ao nosso Ministro em Berlim, Sidónio Pais, o seguinte telegrama: «Governador Geral de Angola telegrafou alemães com indígenas atacaram o pôsto Cuangar matando três oficiais e várias praças, incendiando tudo, levando material e subsistências. Ataque revestiu forma de massacre. Govêrno Português manda nova expedição que deve partir Lisboa 1 de Dezembro. *¡Este telegrama é só para conhecimento de V. Ex.cia e não para qualquer reclamação!*».

Muziúa, Cuangar, Bunja, Sambio, Dirico e Mucusso!... *¡e não para qualquer reclamação!*

¡Já partiram os nossos canhões para a França e correu sangue em África!

¿O Sr. Freire de Andrade está no Ministério dos Estrangeiros?

¡Quem manda é o Foreign Ofice, acima dos nossos interêsses, mais alto que a nossa dignidade! O Sr. Freire de Andrade obedece. O Sr. Dr. Bernardino Machado obedece. E ainda, pelo menos, Presidente do Conselho. São êles os culpados da miseranda situação.

Com desdenhosa ousadia, descuidoso de nós, o Foreign Office sugere «... *Que o melhor, para Portugal, seria esperar as representações do Govêrno alemão, e especificar então como essas acusações de quebra de neutralidade, que se lhe imputam, foram já excedidas pelo procedimento dos alemães em Angola. Entretanto, sem ser preciso declarar a guerra, Portugal pode imitar o proce-*

dimento germânico, atacar-lhes as colónias, atacá-la em Africa como julgar conveniente !!!

Em 1 de Dezembro o Sr. Freire de Andrade telegrafa para Londres ao Sr. Teixeira Gomes:

«Alemães atacaram pôsto de Cuangar no Cubango, por surpresa, matando parte guarnição e assassinando feridos, praticando outras barbaridades. Cônsul alemão foi apresentar suas desculpas ao Governador de Angola, dizendo ter certeza de que incidente Cuangar fôra contra ordens do govêrno alemão, oferecendo-se para ir fronteira com oficial português afim evitar novos incidentes.

«Por êste motivo, e por informações fidedignas que tenho, govêrno alemão parece disposto não declarar agora guerra ao Govêrno Português e esperar que êste a declare, não sabendo eu qual é o motivo êste seu procedimento que certamente obedece a qualquer fim. Não desejo proceder senão acôrdo com Govêrno Inglês e receio que, quando se saibam em Portugal detalhes Cuangar, situação se torne difícil, sendo Govêrno acusado não ter tomado resoluções enérgicas pedindo satisfação à Alemanha ou declarando-lhe guerra. Mas seguindo êsse caminho podemos ser contrários à política aliados e fazer vontade à Alemanha».

O govêrno inglês promete estudará os acontecimentos de Angola...

Em 8, o Ministro em Berlim anuncia que a agência Wolff, alemã, nega tenha o govêrno alemão apresentado desculpas, por causa das incursões em Angola, ao Govêrno de Portugal. Em Berlim, a 5, os jornais dão notícia de que o Govêrno Português prepara quatro expedições para a Africa e uma divisão para a Flandres, e «lançam sôbre a Inglaterra a culpa da nossa intervenção...».

Num conselho de Ministros, então, em Lisboa, alguém, — ¿ foi o Sr. Bernardino Machado, o General Pereira de Eça ou ambos? — impõe, defende

o dever de se apresentar uma reclamação ao Govêrno de Berlim. O Sr. Freire de Andrade vota contra e, contra o seu voto, que justifica no telegrama de 9 para Teixeira Gomes, — envia no mesmo dia, a *contre cœur*, êste outro para a legação de Berlim:

«Relatório sôbre acontecimentos passados norte Moçambique fôrças alemãs atacaram nosso pôsto *(Muziua)* matándo comandante, uma mulher, queimaram, destruiram tudo. Motivo foi, segundo disseram. ter julgado estar guerra declarada, ofereceram restituir objectos roubados. De Naulila não chegou ainda relatório e se foram mortos dois alemães, ferido terceiro, nem porisso deixa de ser certo alemães entrarem armados nosso território. Do Cuangar não chegou relatório mas todas informações Governador Geral Angola dizem ter pôsto sido atacado madrugada, depois de alemães terem dito que não estava declarada guerra, o que fez com que comandante afrouxasse vigilância. Guarnição foi grande parte assassinada pois não parece ter havido luta indo alemães acompanhados gentio. Feridos foram abandonados sem socorros e por fim assassinados perto noite. Como disse não chegou ainda relatório oficial, mas informações obtidas podem, querendo nós, servir de base reclamação, porisso rogo V. Ex.cia apresente êsse govêrno, pedindo também compensação vítimas caso seja considerado incidente fronteira sem ordem Govêrno alemão conforme declaração feita pelo Cônsul Angola ao Governador Geral».

E continua:

«*Não deverá V. Ex.cia levar reclamação até ao ponto de considerar assunto* casus belli, *visto necessidade marchar de acôrdo Govêrno inglês que muito nos recomenda não declarar guerra ou proceder modo torná-la necessária sem acôrdo com êle e bem assim porque convém que, indo para a beligerância, o façamos como conseqüência aliança inglesa, não por iniciativa nossa. Resolução fazer reclamação foi tomada Conselho Ministros por maioria, pois*

minha opinião foi contrária àcêrca oportunidade, por entender não devemos tomar iniciativa, emquanto dignidade, honra do país não forem ofendidas, afim que fique bem claro que se vamos para a guerra é para cumprir dever aliança inglesa, e demais Cônsul em Angola apresentou desculpa. Porisso entendia eu convir ir adiando a reclamação com fundamento falta esclarecimentos completos. Indicações Govêrno inglês, são todas sentido não precipitarmos acontecimentos e não declarar guerra emquanto não tivermos preparado tropas para efectivar nossa declaração, quer aqui, quer em Angola, conforme compromissos tomados».

¡Adiar a reclamação... até que a dignidade, honra do país sejam ofendidas!...

A Inglaterra abandonou já o Govêrno Português e impôs-lhe silêncio Portugal não conta com a Inglaterra, negou-lhe a Inglaterra o auxilio, para o caso de Portugal por sua iniciativa, para seu prestígio, em desafronta da sua honra ultrajada, declarar guerra à Alemanha... ¡E silêncio! ¡Silêncio! ¡Assim o exige a causa aliada ou Sir Eduardo Grey!...

Depois, dias depois, o ministério do Sr. Bernardino Machado cái. Com êle o Sr. Freire de Andrade.

Fecha-se, na nossa política exterior, uma fase de misérias. Falta só o coroamento, a trágica, sangrenta apoteose, o fruto doloroso de tanta hesitação e insensibilidade patriótica. Falta Naulila. O Major Frank aproxima-se do Cunene. No país, nas tropas expedicionárias, a política do govêrno, certos jornais que a defendem, destruiram em muitos o poder de compreensão clara, de sensibilidade pa-

triótica que dinamisa, multiplica o valor e a eficiência dos soldados. Os chefes das tropas vão hesitar também, alguns chefes. Alguns, no silêncio do govêrno e na confusão que se ergue sôbre tal silêncio, vêem as razões que lhes justificam o egoismo, a rebeldia e a insensibilidade perante o imperativo dorido do seu patriotismo. O moral do exército diminue, perde-se em interrogações, interpretações que lhe roubam o prestígio, o afundam na confusão desvairada de lutas políticas sem honra, em que a honra do exército é invocada sem sinceridade e que arrastam, um momento, os melhores...

O Govêrno não obedeceu à Pátria. Foi inferior à hora.

A guerra é vista em Portugal, pela maioria das classes ditas cultas, como um prélio entre duas fórmulas políticas.

Uns são pela Democracia. Outros pelo Império. Muito poucos, pura e exaltadamente, pela Pátria, ciosos da sua dignidade e do seu interêsse, capazes de aliar, ao entusiasmo da sua solidariedade com o Mundo ameaçado, a consciência dum objectivo português.

Ausentes, ignorantes dos que nos convinha à honra e ao interêsse nacional, obedecemos às imposições da nossa incapacidade, hesitamos, démos o passo a alheias vontades, desperdiçamos dignidade, desorganizámos a nação, dividindo-a.

Freire de Andrade já não é ministro. E, será ainda por muito tempo, uma das primeiras figuras da actividade nacional, trabalhador infatigável e cheio de recursos, aparentemente insubstituível entre o pessoal do Estado Republicano, índice e reflexo duma mentalidade, duma classe de homens

que amam a sua terra e a servem, contra seus intuitos, duma forma precária, nas suas horas mais altas... Vencidos, homens idóneos para servir submissos a programas que lhes excedam as deficiências, mas capazes de assistir também à morte duma Pátria, sem intentar crer no milagre da sua salvação.

IX

A Coluna de operações do Sul de Angola

Em 31 de Outubro ficou constituïda, no Lubango, a coluna de operações que, sob o comando do Tenente Coronel J. A. Alves Roçadas teria como objectivos: *assegurar a integridade da colónia, impedir a passagem de víveres desta para a colónia alemã, opôr-se ao avanço de quaisquer fôrças que pretendam invadir o território de Angola e fazer a ocupação do Cuanhama.* Em 1 de Outubro fundeara em frente de Mossâmedes o paquete *Moçambique* e, desde 22, todo o pessoal da expedição se encontrava no Lubango, com excepção do esquadrão de cavalaria 9.

Roçadas mandara proceder a reconhecimentos no Cuanhama e na região Cunene-Chela, — por onde o alemão poderia atingir Porto Alexandre e Mossâmedes, bem como encarregou pessoal auxiliar, de recolher informações na Dámara, acêrca dos alemães, das suas intenções, atitude das tribus fronteiriças, etc...

Durante o mês de Outubro continuaram-se, ou

continuaram sem princípio, os fabricos de aquartelamentos, ambulâncias, carros, jangadas, material de bivaque e acampamento, depósitos de víveres e forragens que Roçadas, em Setembro, ordenara se preparassem a tempo de servir e facilitar as operações.

Porque muitos dêstes trabalhos não tinham sido iniciados, e outros, quando chegou a ocasião de ser utilisados, estavam atrazadíssimos ainda...

Continuara-se também o estabelecimento dos serviços da retaguarda. A linha de *etapes*, que não fora ainda montada, como de Lisboa pedira Roçadas, com a base em Cubango-Chibia e a testa no Forte do Cuamato, era dividida em duas secções, uma da Chibia à Cahama, outra do Chicusse ao Forte Cuamato, a primeira com três postos principais (Chibia, Gambos e Cahama) e a segunda com um (Forte Roçadas.) Na Chibia, Gambos, Cahama e Tchipelongo armazenar-se hiam víveres para oito dias e para 2:600 homens, forragens para o mesmo tempo e para 200 solípedes No Forte Roçadas os mesmos víveres e forragens, devendo funcionar neste posto um hospital para 50 doentes, uma enfermaria nos Gambos e outra na testa de *étapes*. Nesta, Cuamato, armazenar-se hiam víveres e forragens para 2:000 homens e 500 solípedes, bem como material e munições. No Lubango, seria instalado um hospital fixo, uma enfermaria na Chibia e um hospital de evacuação no Humbe.

Dera o comando todas as instruções que julgou convenientes para a boa montagem e realização dos serviços, transporte de víveres e munições, distribuïções etc., e nomeara director de *etapes* o capitão de artilharia Alfredo de Barros Júnior.

Em Outubro e Novembro os serviços foram pre-

judicadíssimos pela grande falta de meios de transporte. Não havia camiões, o número de carregadores era muito reduzido, pouco numerosos os carros boers mais lentos que qualquer outro sistema. De Mossâmedes a Vila Arriaga faziam-se também os transportes demoradamente. Apenas quatro e nunca mais de cinco comboios, com uma carga máxima, cada um, de 25 toneladas, eram organizados com intervalo de um dia, e um rendimento total, prático, de 300 toneladas por semana, ao máximo.

O *Moçambique* carregara 1.200 toneladas para a expedição; com outras cargas vindas noutros barcos, a tonelagem desembarcada em Mossâmedes só ao fim de sete semanas poude ser transferida a Vila Arriaga.

O director dos serviços prevê porém a conveniência de pôr em prática medidas que garantam a existência, em Vila Arriaga, de «munições e géneros indispensáveis à marcha imprevista de qualquer das unidades à data (23 de Outubro) estacionadas no Lubango».

Da Vila Arriaga ao Cuamato vão cêrca de 400 quilómetros que toda aquela carga devia vencer utilisando apenas o lento carro boer, com *espanas* (atrelagens) de bois. A falta de água, a falta de pasto na estação sêca, as pessimas condições ao longo da linha de *étapes*, os maus caminhos, etc., — diminuiriam a já de si grande lentidão dêste transporte.

E os géneros amontoaram-se, primeiro em Mossâmedes, nos anais, sob o Sol ardente que os inutilizava, e em Vila Arriaga depois.

Os carros faltavam. O director de *étapes* resolveu aproveitar a estrada Quilemba-Lubango uti-

lizando carregadores para o transporte da estação testa à Quilemba. Os camiões em segunda mão que Roçadas conseguira, só em Dezembro chegaram ao Lubango. Já tinham sido preparadas as estradas que lhes permitiam o trânsito até àquela vila e depois para o Sul. *Mas o seu aproveitamento não poude fazer-se de forma que as operações realizadas até 18 de Dezembro* fôssem como tal beneficiadas.

Desde 1 de Novembro as várias unidades expedicionárias que, com excepção do esquadrão de cavalaria 9, se encontravam no Lubango desde 22 de Outubro, ficaram constituindo, o núcleo da Coluna de Operações no sul de Angola. As companhias de Moçambique tinham já partido para o Cunene.

Era o seguinte o efectivo da coluna:

Quartel General: Tenente Coronel Roçadas, Comandante; Capitão Maia Magalhães, Chefe do E. M.; Tenente Bertoldo Machado, sub-chefe.

Infantaria:

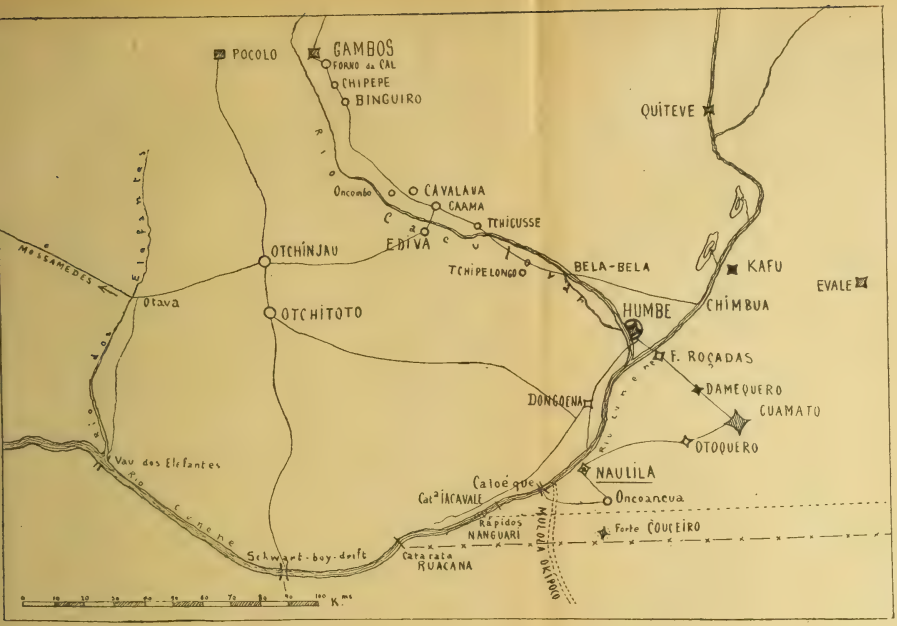
3.º Batalhão de Infantaria 14; Comandante Major Alberto Salgado.

1.ª Companhia europeia de infantaria de Angola; Capitão Rogerio Afonso.

15.ª e 16.ª companhias de Moçambique; esta comandada pelo Capitão Sepúlveda Rodrigues.

16.ª companhia indígena de Angola; (nunca foi utilizada; permaneceu, reduzidissima, nos Gambos).

17.ª companhia indígena de Angola; (guarne-


POCOLO
GAMBOS
FORNO da CAL
CHIPEPE
BINGUIRO
QUITEVE
Rio Cacuiovan
Oncombo
CAVALAVA
CAAMA
TCHICUSSE
EDIVA
OTCHINJAU
TCHIPELONGO
BELA-BELA
KAFU
EVALE
MOSSAMEDES
Otava
OTCHITOTO
HUMBE
CHIMBUA
F. ROÇADAS
DAMEQUERO
CUAMATO
DONGOENA
OTOQUERO
Rio Cunene
Vau dos Elefantes
NAULILA
Caloéque
Cat.ª IACAVALE
Oncoancua
Rápidos NANGUARI
Forte COUCEIRO
MULOLA OKIPOLO
Schwart-boy-drift
Catarata RUACANA
0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 K.ms

cia, com fracos efectivos, postos do Cuamato);

Metralhadoras:
A 2.ª Bataria do 1.º Grupo de Metralhadoras; Comandante Capitão Mendes dos Reis.

Artilharia:
2.ª Bataria de Montanha 7^{cent},5 Canet; Capitão Lopes Baptista.
Bataria Ehrard (3 peças); Capitão Justiniano Esteves.

Cavalaria:
1.º Esquadrão de dragões; Comandante Tenente Francisco Aragão.
3.º Esquadrão de Cavalaria 9.

Engenharia:
Uma secção mixta de telegrafistas e sapadores.

Serviço de *étapes*.

O esquadrão de dragões fôra organizado pelos esforços do seu comandante, tenente Aragão, com cavalos recemvindos do Cabo, adextrados à pressa por um reduzidissimo pessoal, ao meio das maiores dificuldades, inutilizando temporàriamente a maioria das praças que eram 18, apenas, quando os 115 solípedes chegaram ao planalto.

Um pelotão encontrava-se no Cuamato, desde Setembro, com o alferes Sereno. A mobilização do esquadrão arrastou-se e nunca poude ser devidamente completada.

As requisições de armamento e arreios não foram satisfeitas inteiramente, das carabinas muitas não funcionavam, e não havia lanças ou espadas bastan-

tes. Os arreios eram péssimos, velhos ou mal concertados. O tenente Aragão e os seus oficiais e sargentos, vencendo tudo, conseguiram organizar aquela unidade de forma a poder contar-se com ela, disciplinando, treinando os homens e valorizando as possibilidades que as circunstâncias apontadas tanto diminuiam. No entanto, ao chegar ao Cunene, 30 % das montadas estarão incapazes de serviço, feridas pelos arreios.

O batalhão de infantaria 14, comandado pelo Major Alberto Salgado, é formado por elementos mal recrutados, heterógeneos, que vão dificultar, mas não impedir a acção disciplinadora dos seus oficiais.

A Bateria Ehrardt, (capitão Justiniano Esteves), guarnecida por praças de artilharia de montanha compõe-se de três peças que já haviam feito a campanha do Cuamato, e o seu pessoal, não adextrado suficientemente no tiro com aquele material, fôra recrutado na 2.ª bataria de montanha e entre as praças de artilharia em serviço na província.

À data organizava-se a Companhia Europeia que o Capitão Rogério Afonso daí a pouco apresentará valorizada e capaz para as mais difíceis tarefas.

As faltas de armamento e munições repetiam-se para esta como para todas a unidades a organizar-se.

As companhias de Moçambique, até ali empregues em trabalhos vários e fatigantes, não apresentavam toda a capacidade de que é susceptível o soldado landim. Ambas tinham, à data, partido para o sul, como vimos.

A bataria de metralhadoras, (Capitão Mendes dos Reis) com quatro metralhadoras Maxim, formava guarnições adextradas que em Portugal tinham acabado recentemente a sua instrução.

A 2.ª bataria de montanha Canet, (Comandante Capitão António Lopes Baptista) organizava-se também, no Lubango.

Os acontecimentos de Naulila vão fazer precipitar a partida de algumas destas fôrças. Tudo indicava como possível uma incursão alemã, em desforra do sucedido, caso o seu conhecimento mais exacto não justificasse, explicando-o na vizinha colónia, o procedimento havido para com a patrulha do dr. Schultz-Jena.

Com todas as dificuldades íamos decerto realizar marcha tão longa, quando ainda o serviço da linha de *étapes* não estava organizado. O comando, em 20 de Outubro, tinha à sua disposição apenas três dias de víveres na Huila, sete na Chibia e quatro nos Gambos. Para o gado podia contar apenas com 30 dias de forragens.

Preciso, urgente se tornava porém que o sul da província fôsse guarnecido e, em 31 de Outubro, uma ordem de serviço organizava o destacamento do Humbe ou Forte Roçadas, sob o comando do Major Alberto Salgado e constituído por:

Três companhias de infanteria 14 (a 9.ª 11.ª e 12.ª);

A 2.ª bataria do 1.º grupo de Metralhadoras;

A bataria Ehrardt (3 peças);

O 1.º esquadrão de dragões.

Com o destacamento, desde a Huilla, marchou um combóio de víveres dirigido pelo deligente adjunto dos Serviços Administrativos da Coluna, Tenente Manuel Brazão. Este combóio forneceria ao destacamento as subsistências durante a marcha, devendo organizar um depósito para um abastecimento no Humbe.

Como chefe dos Serviços de Saüde ia o tenente médico Pereira Barbosa, de cavalaria 9, que aquela ordem de serviço determinava acumulasse com as funções de chefe dos serviços de *étapes*, «duas missões difíceis de conciliar atendendo à necessidade que poderia ter êste oficial de se separar da coluna para estudar os pontos onde deviam ser criadas enfermarias de pôsto, sucursais do Hospital de evacuação e mais estabelecimentos sanitários para hospitalização».

Não recebeu o destacamento instruções escritas, e o itinerário marcado à coluna não poude ser seguido à risca por faltar a água em alguns altos constantes do mesmo.

Sem dependência alguma do comando do destacamento, seguiu com êste o Chefe do Estado Maior, Capitão Maia Magalhães.

A marcha foi iniciada em condições que lhe não garantiam a sua melhor execução. Em 6 de Novembro, já nos Gambos, o Major Salgado recebeu ordem para destacar para a Ediva uma companhia, 11.ª, que só seguiu ao seu destino ao chegar o destacamento.

A falta de água e o excessivo cansaço das atrelagens obrigaram o comandante Salgado a dar um dia de descanso no Oncombo, a 11 de Novembro. Aí, e de acôrdo com as instruções recebidas do Quartel General, em 6 e 7, Salgado passou guia de marcha à 11.ª companhia fornecendo-lhe as respectivas instruções, de acôrdo com as recebidas do Comando Superior.

O destacamento possuía uma única carta da região. O comandante da 11.ª companhia, partiu, sem carta, ao seu destino, em 12.

A companhia destacada ia reconhecer o terreno

e estabelecer-se de forma a interceptar os caminhos de carro Blomfontein-Ombumgo, Ediva, o caminho da margem do rio Kalujo, e estabelecer um pelotão em Volola, outro em Otchinjan vigiando os caminhos do Cunene, dos Vaus do Caloeque Schwartz-boy é dos Elefantes, impedindo o trânsito de carros e pessoal para o Sul e resistindo enérgicamente, esfôrço, no caso de ser atacada.

No mesmo dia o destacamento reatou a sua marcha para o Sul.

Alves Roçadas que já partira do Lubango, sabe, na Chibia, do massacre do Cuangar; dão-lhe a seguir a nova, de que uma coluna alemã se acha em marcha, através dos territórios Cuambi, na direcção do Cunene.

Em a noite de 15 para 16, o destacamento Salgado, em Bela-Bela, sabe dos outros massacres do Cubango.

Em 17, está no Forte Roçadas, com excepção da bateria de metralhadoras. Em 18, Roçadas, em viagem ainda, pregunta a Salgado, pelo telefone, como distribuíra êste as fôrças do seu comando. *Salgado entende que não deve dissiminá-las e que, devendo cobrir o Humbe, se limitaria à defesa da linha do Cunene em qualquer parte onde o inimigo aparecesse e sem passar a outra margem.* Roçadas lembra-lhe, aconselha porém a marcha para o Forte do Cuamato, «solução impossível de adoptar, pondera Salgado, por não haver água alguma nessa região e não poder ali viver tanto pessoal e solípedes, visto que, para a pequena guarnição do forte, têm de vir carros ao Cunene, periòdicamente, encher tanques de água».

O destacamento que sob o pulso férreo de Sal-

gado e através da muita deficiência de alimentação, fizera uma marcha correcta e pronta, traz várias praças doentes, necessitando ser hospitalizadas. No Humbe não há porém enfermaria. E é necessário improvizar uma, no Forte Roçadas, utilizando o barracão que servia de alojamento à 15.ª indígena de Moçambique.

Apesar de todos os esforços do Tenente Brazão, durante a marcha, a alimentação fôra por vezes, com efeito, deficiente. «Em todos os pontos da linha de *étapes* nada havia e a ausência de recursos fazia supôr que até se ignorava ou pelo menos fingia ignorar-se a marcha do destacamento.» Os telegramas que, em Agôsto, Roçadas enviara de Lisboa, não tinham tido conseqüências de maior. As rações foram por vezes diminuidas. As forragens faltaram mais de uma vez. Na Cahama foram de grande auxílio os sacos de farinha apreendidos aos alemães no Otchitoto. Os carros ficavam para traz. No entanto as dificuldades maiores afastou-as, conseguiu vencê-las o comando enérgico de Salgado e actividade improvizadora, atenta do Tenente Brazão e seus auxiliares.

Em 19, pela meia noite, o Capitão Mór do Cuamato, informa o Major Salgado que um destacamento alemão tinha entrado em território português, e pede um refôrço para o pequeno posto de Naulila que supõe seja o objectivo do invasor.

Salgado envia na manhã de 20 um destacamento formado por dois pelotões da 9.ª companhia (Homem Ribeiro, Figueiredo e Marques) uma divisão Ehrardt e dez dragões, sob o comando do Capitão Justiniano Esteves em socorro do pôsto, seguindo a margem direita do Cunene e cobrindo a Donguena.

Roçadas, telefónicamente informado, aprova.

Em 21, novas informações parece confirmarem a presença de alemães em território português, em marcha sôbre Naulila ou Donguena. Na noite dêsse dia Roçadas, informado por sua vez, ordena siga para a Dongoena um pelotão de infantaria, a reforçar o pôsto, e toda a fôrça disponível de dragões para Naulila. As fôrças seguem em 22 e em 23 ao alvorecer.

Em 22, porém, o Capitão mór do Cuamato já reconhecia e participava o nulo fundamento das anteriores informações.

Nessa altura, Roçadas que se avizinha do Forte do seu nome, tem notícia de que uma coluna alemã se aproxima, com efeito, do Cunene.

Em 23, às 17h, chega ao Forte Roçadas. Em 26 há mais notícias do inimigo. O emissário que as traz vem da embala do Soba dos Cuambís, terras de Além-Cunene, e conta que ao Sul do Tamanzo, nas cacimbas, estão acampados alemães com carros e cavalos.

¿ Um *raid* sôbre a linha férrea de Mossâmedes?...

¿ Uma incursão ao planalto?

Roçadas já pôs de parte a ideia de ocupar o Cuanhama.

Agora, se o não prendem instruções contrárias, a sua atitude lógica será preparar a defesa e dispôr-se a atacar...

Em 25 porém, 25 de Novembro, um telegrama chega da metrópole, recomenda neutralidade: «*É necessário todos, oficiais e praças, saibam não estamos em guerra com Alemanha e tomar medidas nossas patrulhas não entrem sequer zona neutra. Facto V. Ex.cia estar exercendo funções governador devem levá-lo pôr-se em contacto autoridades*

administrativas território vizinho a fim conhecer sua atitude e fazer-lhes conhecer nossa. É o Sr. Freire de Andrade através do Ministro das Colónias, Lisboa de Lima, quem recomenda assim... Pensa-se em publicar, na ordem às unidades, êste telegrama, para que o conheçam as praças.

Que terá informado, para Lisboa, o Comandante da Coluna a essa hora decerto habilitado a supôr mais que possível o ataque alemão? ¿ Que lhe respondem de Lisboa?

A 29, em Naulila, Roçadas recebe uma embaixada do Soba do Cuambi, Ipungo, afeiçoado a Portugal. Sa-Kalume, fidalgo, trás novas aos portugueses, novas sôbre os alemães. O inimigo está acampado entre o Gangela e o Cuambi, com tropas montadas e metralhadoras... Roçadas supõe que dentro de quatro dias é possível um ataque a Naulila ou Humbe, preliminar de incursão mais longa, para o Norte. E pregunta-se:

— ¿ Onde atravessará o inimigo o rio Cunene? ¿ No Schwarts boy Drift que há três meses a missão alemã estudara com toda a minúcia, decerto, e que espiões cruzavam com freqüência? O caminho Schwartz boy Drift-Otchinjau-Pocolo é, com efeito uma linha de invasão provável. Roçadas manda vigiar aquele vau e o dos Elefantes, ao sul pelo Capitão Cabral e auxiliares; no Otchinjau e no Pocolo estão já duas companhias. No Pocolo a 1.ª Europeia, Capitão A. Afonso, já organizada; no Otchinjau, Ediva, a 11.ª do 14, Capitão Mateus.

Em 3 de Dezembro é dissolvido o destacamento Salgado.

Depois, Roçadas parte para o Cuamato em cujo Forte instala o seu Quartel General.

Em 4 de Dezembro, o Sub-Chefe do Estado Maior tenente Ernesto Machado, apresenta-se ao Major Salgado no reduto Moçambique. Traz as instruções do Comando para organização de dois destacamentos, o de Naulila e o de Caloeque-Dongoena. Com Salgado está a 12.ª companhia do 14 e uma divisão Canet. Deve chegar, nesse dia, ao Humbe, a 10.ª companhia que ficará também sob o seu comando. Faltam-lhe viaturas e atrelagens. Através de mil dificuldadas organiza-se o combóio de víveres que há de acompanhar o destacamento à Dongoena. O tenente da Administração Militar Francisco Moreira de Almeida, desenvolve uma actividade e um zelo que vencem todas as dificiências.

Ao vau do Caloeque vem incidir o caminho que da Damaralandia atravessa as regiões do Cualudi, Hunda e Oncuancua. Situado 12^{k} a jusante de Naulila, está ligado por carreteira à Dongoena e ao Humbe e, por caminhos que marginam o Cunene, áquele posto.

O Comandante Alves Roçadas, vai dispôr o grosso das suas fôrças disponíveis face ao sector agora lògicamente mais ameaçado. As informações não se prestam a dúvidas sôbre a intenção do inimigo.

Roçadas deve contar com o ataque.

Aos dois núcleos de fôrça, por ora, o comando fixa a missão de vigilância além rio, na direcção de Oncuancua. A cavalaria procurará obter, bem como os irregulares, informações das tropas alemãs que atacarão Naulila, Dongoena e o Humbe, ou, seguindo directamente ao Norte, a Ediva, passando o rio no vau de Caloeque.

Assim ficarão a coberto as duas linhas do Cunene

e o vale do Caculovar. Roçadas não tem razões para concentrar entre Naulila e o Caloeque as suas fôrças. É lógico prever o ataque pela linha do Pocolo e até uma incursão a E. pelo Cubango. Os seus recursos em efectivos são limitados.

Para o Cubango mandará no entanto um destacamento mixto estacionar em Cassinga.

O destacamento Dongoena-Coloeque deve ficar assim constituído:

Na Dongoena:

A guarnição do pôsto da Dongoena;

Um pelotão da 9.ª de Infantaria 14;

Um pelotão da 15.ª indígena de Moçambique mais tarde, substituindo aquele.

E, nas pròximidades do cruzamento da nova picada (aberta pelo pelotão da 9.ª companhia) Naulila-Donguena com o Cunene, em terreno que não possa ser alagado por uma cheia súbita:

A 10.ª e a 12.ª companhia de Infantaria 14;

O 3.º esquadrão de cavalaria 9 (em marcha sôbre o Humbe);

A 2.ª bateria de montanha Canet, com uma divisão a reünir).

Comandará o destacamento o Major Salgado.

O destacamento de Naulila, segundo as mesmas instruções, em 4 transmitidas, e sob o comando do Capitão Mendes dos Reis, ficará constituído por:

A 9.ª companhia de infantaria 14; (recolherá de Dongoena um pelotão);

A Bataria de Metralhadoras;

A Bataria Ehrardt;

A 16.ª Indígena de Moçambique;

O 1.º esquadrão de dragões;

Os dois sectores do Caculovar e do Cunene ficarão, pois, cobertos.

Entre Naulila e Dongoena medeiam 24 quilómetros. O 3.º pelotão da 9.ª companhia acaba de abrir a picada que as liga. Da Dongoena ao Caloeque vam 35 quilómetros. Do Caloeque a Naulila, 12.

Tudo indicava que o ataque viria a incidir sôbre êste lado menor do triângulo. Guarnecê-lo era impedir, fechar ao alemão a passagem que lhe permitiria atingiria Dongoena pondo em risco as fôrças de Naulila. A cargo do destacamento de Naulila fiacria a defesa dos vaus de Cabelo e Catangombe. O outro destacamento protegeria o vau de Nangula. Assim pensa Roçadas. Para jusante ainda, no Schvartz-boy drift e Vau dos Elefantes, há auxiliares vigiando.

As instruções recebidas em 4 fixam a missão do destacamento Salgado:

Opôr-se à acção das fôrças inimigas que tentem seguir pela margem do Cunene sôbre o Humbe ou Ediva;

Cooperar com o destacamento de Naulila, quér o inimigo ataque Naulila pela margem esquerda quér pela margem direita do Cunene.

Partiu êste destacamento ao seu destino em 5 de Dezembro às 2^{h} da manhã, chegando em 7 às proximidades da Dongoena. Reconhecido o local de estacionamento e a posição de combate, em 8 vai estacionar nas pròximidades do cruzamento, com o Cunene, da picada (caminho) Dongoena — pôsto de Naulila.

O abastecimento das tropas, na Dongoena como

em Naulila, continua a ser deficiente. Á falta de pão fabricam-se, com milho reduzido a farinha pelos pretos e sem fermento, bôlas que os soldados mal podem comer. Faltam muitos géneros. Só a carne abunda. Em 8, porém, o regime modifica-se, os carros de víveres alcançam o Cunene.

O destacamento Salgado não tinha cavalaria. Salgado requisitou ao Comando auxiliares montados ao serviço da coluna. Em 10 apresentava-se um grupo sob a direcção do auxiliar António Narciso Machado que foi encarregado de patrulhar o rio do Caloeque até ao Vau dos Elefantes, com recomendação expressa pelo Tenente Coronel Roçadas pessoalmente feita, em 10 de Dezembro, de não passar o território alemão, ou a fazê-lo, de ir, como a sua gente, completamente desarmado.

O governador da Dámara, dr. Seitz de acôrdo com o Governador Militar da Colónia, Tenente Coronel Heydebreck, resolvida logo uma *expedição punitiva*, sôbre Naulila, não perde tempo. A 26 começou a fazer-se a concentração das tropas. A colónia ia «tirar vingança imediata do crime».

As tropas que o comando alemão pode dispensar nas operações contra os invasores da União são postas sob o comando do Major Franck, velho e consagrado soldado da Dámara. Partem de Kalkfontein (Sua) a 27 de Outubro. Concentram-se. O seu objectivo é Naulila. As instruções as mais enérgicas e decididas. Franck é um chefe cheio de prestígio.

A coluna compõe-se da 2.ª e 6.ª companhias activas de Infantaria montada, esta completa aquela reduzida a $^2/_3$; ambas com 14 oficiais e 70 auxiliares pretos, num total de 370 homens; da 1.ª Bateria

de Montanha e meia bateria m/96 Weiher, com dois canhões, ao todo 6 canhões, com 576 tiros, 115 oficiais e praças europeias e 50 pretos auxiliares; vêm mais duas metralhadoras, um posto de telegrafia, uma ambulância e o Estado Maior.

Ao todo 450 praças europeias, trinta e oito oficiais combatentes, dois médicos e os auxiliares, Lopes Chat, o boer Duplessis e depois Vageler, além dos 150 auxiliares pretos impedidos, condutores, sotas, etc., todos armados e municiados.

O Capitão Weiss comanda a 6.ª, o Barão Von Water a 2.ª, a artilharia Trainer.

Os primeiros 900 quilómetros até Otjivarongo, eram fáceis de vencer, em linha férrea. ¿Mas os restantes, através das regiões desabitadas ou inimigos, sem agua, por caminhos de areia ardente, entre miragens, com o desconhecido ao fim lá onde a água corria farta sob os olhos talvez duma guarnição cuja fôrça Franck completamente ignorava?

Iniciada em 1 de Novembro, por Okakona, Outjõ, Otjuvasando, da testa da linha férrea até à fonte de Ombika (ao S. de Okankuejo), a marcha fez-se normalmente. As bagagens foram aligeiradas, reduzidas ao indispensável. Mas de Ombika ao Cunene eram ainda mais de 300 quilómetros. A previdência alemã aconselhava uma grande paragem neste ponto, para que se tomassem todas as disposições que permitissem vencê-los com o menor sacrifício de homens e animais. Ás febres, ao calor, às areias ardentes, à falta de água, acresciam os perigos da hostilidade indígena naquele território não ocupado efectivamente, sem cartas explícitas, e governado por chefes independentes cuja atitude se não podia seguramente prever. A época era péssima. «Informações davam o avanço como impossí-

vel ou pelo menos, como uma audácia de grande responsabilidade».

«Só Franck conhecia o Ovambo. Desde a fama alcançada na guerra dos Herreros, a lenda da sua invulnerabilidade acreditada pela maioria dos indígenas da colónia, tinha feito dele o comando escolhido e nunca substituído».

Já fôra mandada organizar a linha de *étapes* desde Okakona (Outjõ) a Okankuejo, e a que dêste ponto levaria à fronteira. O serviço de *étapes* do Norte da Colónia esforçou-se por diminuir, vencer as dificuldades. Foi necessário reconhecer primeiro o terreno, descobrir cacimbas, locais em que houvesse água, construir bebedoiros e carros, recrutar bois, etc.

Entretanto o doutor Vageler informava o comando sôbre o estado de coisas na fronteira Norte. Encontrara-se com a coluna em Outjô e, graças a êle, o govêrno da Dámara poude ter informações mais precisas sôbre a colónia vizinha. Vageler, extenuado, ardido de febres, oferece-se para voltar ao Cunene. Franck recebe-o no seu estado-maior.

Era Novembro. Por toda a parte faltava o capim verde, e a água.

«Das cacimbas conhecidas em que se apoiava todo o plano de marcha umas estavam sêcas, outras só existiam na carta; uma foi assaltada pelos bois que morriam de sede e ficou juncada de cadáveres»...

«Levávamos dois mil bois atrelados aos carros; nestes ia só o indispensável; víveres, aveia e munições»... «Centenas de bois morreram à sêde e os seus esqueletos, por muito tempo, balisarão o caminho que seguimos em 1914. As suas carcassas

semi-devoradas pelos chacais e abutres empestavam ainda a atmosfera, quando, de volta, seguimos o mesmo trilho».

Como vimos, Franck alcançara, nos primeiros dias de Novembro a estação de Ombika, convencido será de dois ou três dias apenas a demora ali.

«¡Era um sítio medonho! Uma planície calcárea de umas centenas de metros, cercada de mato, com um pequeno oasis no meio. O sol de Novembro brilhava impiedosamente sôbre o chão pedregoso, aquecia o ar até uma temperatura de fôrno».

«A demora prolonga-se, porém. O serviço de *étapes* do Norte, continua as suas explorações e trabalhos. No acampamento dispõem-se, somam-se os elementos que facilitarão a difícil travessia.

« Os tufões que todos os dias, ao meio dia, assaltam a pequena planície, e de noite, os leões, ardendo em sêde, disputando a água, atacando os cavalos, a fuga desordenada dêstes através do mato, a caça aos fugitivos, entretêm os soldados do imperador».

Franck calculava alcançar o Cunene ao fim de três semanas. Para facilitar a marcha e não acumular, nos mesmos pontos das várias *étapes,* todo o efectivo da coluna, ordenou à 2.ª companhia comandada pelo Capitão von Water, marchasse à frente, com largo avanço sôbre o resto da expedição e a incumbência de preparar o abastecimento da água a esta. Von Water desempenha-se admirávelmente da sua missão.

...«Nascentes de água tiveram de ser aprofundadas, outras abertas completamente de novo»... «...Entrou-se em negociações com o chefe dos Ovambos

que, a muito custo e a trôco de valiosos presentes, se resolveu a pôr à disposição das tropas alemãs toda a água que se encontrasse no seu domínio... ¡E que água!..»

Em 12 de Novembro sabe-se, no acampamento de Ombika, a morte do Tenente Coronel Heydebreck, comandante militar das tropas da Colónia, em conseqüência dum desastre no polígono de tiro de Kalkfontein, ao experimentar-se uma nova granada para a artilharia. Em 15 realizar-se há o seu funeral em Windkuk. O major Franck é agora o soldado mais graduado das Dámara. É o chefe das fôrças alemãs. Em 15 assiste ao funeral do seu camarada e, em seguida, regressa a Ombika. Em 30 de Novembro, emfim, — a coluna larga e vai acampar 15 quilómetros ao norte, perto de Okankuejo. Dali para diante é o mato, o deserto, os caminhos de areia...

« A planície extendia-se a perder de vista, sem uma pedra, uma única pedrinha, toda a areia, só areia»... «Tiramos as ferraduras aos cavalos.» Não se lavava roupa. A água faltava.

As tropas montadas adiantam-se. Atraz, lentos, enterrando-se na areia, seguem os carros e os canhões...

As étapes fazem-se a passo e a trote, dez minutos de descanso ao fim de cada hora.

De noite o calor não deixa dormir ninguém. No segundo dia estão em Okahakano, 50^{k} ao norte de Okankuejo.

— ¡Okahakana! « Olhando para êste lugar no mapa, apercebe-se um adorável lago azul que nos faz evocar um lindo barco à vela e as alegrias duma praia... Mas... Talvez tenha sido, um lago...

Itinerario de Franck através da Dámara.

(assim o afirmam geógrafos)... um lago, há cem ou mil anos. Hoje, porém é uma grande cova, uma grande cova de sal. Areia, cristais de sal, e areia, areia a perder de vista.

« Quando aqui chegamos, conta o médico da bataria de Montanha Doutor Walter Suchiez, rompia a aurora... Eu fiquei encantado.

«Na claridade dupla do luar que morre e do dia nascente, a região aparecia-nos na sua grandeza melancólica e tomava as mais variegadas côres. Atrás de nós, através da neblina, como um fio negro, caminhava a longa coluna de tropa, destacando no chão claro da areia como duma região coberta de neve. Nenhum ruido interrompia o silêncio...

«A lua tinha desaparecido, o nevoeiro desfizera-se, o sol, no céu azul-cinzento, sem nuvens, brilhava dum modo que eu nunca vi nem tornarei a ver...

«... Já o calor excedia 42°. Nem uma sombra de árvore. E o sol subia e o pêso ardente dos seus raios, escaldando a areia que feria a vista.

« Mal o sol vai alto, todo o horizonte se cobre de miragens... Um lago azul com as margens cobertas de arvoredo, uma montanha além, outras paisagens, surgem, substituem-se, num abrir e fechar de olhos, põem uma pessoa louca... E em verdade nada daquilo existe.

«Quando os nossos homens se afastam para ir buscar água, a uns 200 ou 300^{m} transfiguram-se... As suas imagens dão-nos a impressão duma scena ilusionista numa barraca de feira» (Doutor Walter Suchiez)...

¿ Okahakana ?... Lago, pântano Etocha...

Dali a coluna seguindo o trilho da companhia Von Water e respectivo combóio, pela mulola de

Okanduka, seguiu até Onoolongo onde descansou um dia. A marcha proseguiu depois. Na sua frente estava uma *étape* de 80 quilómetros sem uma gota de água. Marchava-se de noite, no silêncio cortado pelo grito dos chacais, tropeçando em carcassas de bois que empestavam o ar e balisavam o caminho.

Depois de 22 horas de marcha chegavam a Tamanzo onde estagnava uma mulola de água negra e lôdo revolto pelos animais e as feras, nauseabundo e porco de escrementos.

Os primeiros Ovambos aproximavam-se do acampamento.

Franck recomeça a marcha. Estava a dois dias do Cunene, que Von Water atingira em 12, em frente aos morros do Caloeque, no Erikson drif.

Seguindo a mulola Okipocco, passa a missão de Rehobath. Era outra a paisagem... Já há novas dos portugueses. As patrulhas da 2.ª companhia tomaram contacto, sabe-se, com a cavalaria inimiga. Von Water está acampado tranqüilamente, a oeste dos morros Kampito (Caloeque) ocupados, de fresco, por um destacamento português.

Na manhã de 12 de Dezembro Roçadas, com o seu estado maior, viera reconhecer o Caloeque onde um pelotão de dragões se encontra vigiando. Para lá do rio, na margem esquerda, a protecção é feita por auxiliares cuamatos. Roçadas regressa a Naulila.

Ás $13^h,30^m$, uma pequena patrulha de dragões que acaba de passar à margem esquerda avista os primeiros alemães.

¡Water chegou ao Cunene! É uma forte patrulha que retrocede ao ver a nossa, se oculta próximo do rio e abre fogo sôbre a nossa gente. A pequena

patrulha retira, sem poder levantar duas praças feridas. E informado o Comando.

O alemão ocupa território nosso. Sangue português correu.

Roçadas dá ordem a Aragão para seguir para o Caloeque com a sua reduzida unidade.

Com êle vão o Tenente Matias, o alferes Sereno, o 1.º sargente Oliveira.

O alferes Alves fica no forte, doente. Aragão, de cama, levanta-se e exulta. Homens e cavalos andam fatigados dum longo serviço exaustivo.

Mas às 16^h e 23^m o esquadrão abala, num alvoroço. Às 17^h,30 está no Caloeque. A mocidade de Aragão electriza-o. O cordão de cuamatos que protegia, na margem esquerda, o Vau, já não existe. Os auxiliares fugiram. Aragão é recebido a tiro. Anoitece. Volta à margem direita e comunica estes factos. O alemão está acampado, à vista da margem direita, 2 a 3 quilómetros a oeste dos morros. O seu efectivo deve ser grande a calcular pelo fogo feito. E estas notícias chegam a Naulila às 21 horas, apròximadamente.

Roçadas dá ordem ao Comandante Salgado para mandar apresentar, até às 9^h de 13, em Naulila, uma companhia, e ter pronta para marchar à primeira ordem, a divisão Canet. O Comandante Salgado nomeia a 12.ª, contrariado. ¿Tem ali o inimigo e levam-lhe a sua gente? Em 13, de manhã, recebe a seguinte informação:

« O Ex.mo Comandante encarrega-me de comunicar que fôrças alemãs a cavalo, acompanhadas de pretos fardados, fizerão fogo sôbre o esquadrão de dragões que ontem de tarde marchou para os morros. Os alemães estavam, às 19^h de ontem, acampados a oeste dos morros, na margem esquerda do Cunene, julgando o comandante do esquadrão, pela viveza do tiroteio, que o efectivo não é pequeno».

Ás 10h,15m de 13 uma ordem chega à Dongoena. Manda marchar o destacamento para o Caloeque, a fim de defender esta passagem. Salgado, duas horas depois, está a caminho. Nesse dia bivaca, em 14 estabelece-se no Caloeque.

O pelotão da 15.ª companhia viera com o destacamento, em substituição do pelotão da 9.ª companhia de infantaria 14 que recolhera a Naulila em 13. Na Dongoena tinha ficado uma guarnição de 12 praças indígenas, sob o comando dum 1.º cabo.

Aragão estabelece ao longo do rio, frente ao acampamento inimigo, postos de observação. Em 13 passa à margem esquerda. Leva dois pelotões, avança com um grupo de atiradores até à orla de uma clareira (chana), da largura de uns 200m que o separava do acampamento germânico. Ali estão os dois feridos da véspera que os alemães não tinham aprisionado ainda. O avanço fôra feito a coberto. O inimigo não dera por êle. Quando tratava da evacuação dos feridos ouve-se um nutrido tiroteio na direcção do rio. Aragão manda uma patrulha nessa direcção, avançando êle, com alguns homens, em seu seguimento. A patrulha apeia-se, abre fogo que os nossos postos da margem direita continuavam fazendo. Um cavaleiro alemão passa, na frente, à redea solta. Aragão prossegue na direcção do rio com o fim de cortar a passagem aos inimigos que ainda não tenham retirado e, logo a seguir, o soldado n.º 46 vê um alemão estendido no chão que, depois de tentar fazer uso da sua Mauser, se entrega logo. O capim está alto e espesso. Ocultos nele há outros alemães e um sargento que, mais tarde, depois do combate de 18, reconhecera Aragão contando-lhe as peripécias do dia. Os alemães têm vários feridos.

Aragão regressa ao vau com o seu prisioneiro. Mas a caminho sente novo tiroteio. Vêm dizer-lhe que a patrulha que deixára na chana, oculta no mato, em observação, tem dois homens feridos. Dois dragões, apezar das recomendações feitas, tinham avançado até ao meio da chana, a 100^{m} do acampamento, com o fim de revistar e recolher os arreios dos cavalos que lá tinham ficado mortos, um alemão, outro nosso.

O inimigo procura aprisioná-los. O tenente Matias, à frente de alguns cavaleiros debaixo do fogo, protege-os, recolhendo-os... ¡É a guerra, a guerra!

No vau, Aragão interrogou o prisioneiro. Contou êle que Franck trazia consigo 600 ou 700 homens, mas que na véspera chegara apenas a guarda avançada da coluna, porque a falta de água no percurso da marcha obrigára ao seu fracionamento.

Disse o objectivo que os trazia — «Vingar a morte de Schultz-Iena e dos seus companheiros...» ¿Confirmou êle, no posto de Naulila, estas declarações?

Aragão comunicou-as ao comando, em nota. E nesse mesmo dia mandou recolher ao forte um norueguês, Brod Kop, grande caçador que serviu de intérprete, e lhe parece indesejável. Registe-se.

Em 13 já o comando superior mandára reforçar o posto do Otoquero, no Cuamato, o mais próximo de Naulila, com dois pelotões da 15.ª de Moçambique que estava ainda no Forte Roçadas. Para o Humbe recomenda com instância que o esquadrão de cavalaria 9 apresse a marcha.

Em Naulila vão ficar concentradas as seguintes fôrças: a 9.ª e 12.ª companhia do 14, 15.ª indígena

de Moçambique, a Bateria de Metralhadoras e a Bateria Ehrardt com 3 peças. Comanda o destacamento o capitão Mendes dos Reis. No pôsto, instala-se o Quartel General.

¿Roçadas, telegrafou acaso ao govêrno de Lisboa, comunicando-lhe os encontros de 12 e 13? Se o fez não recebeu outras instruções. Nem precisava delas. Com alemães acampados em território português, para cá da Dombondola, eram desnecessárias instruções.

Às 14h,30, desta vez acompanhado por um pelotão de infantaria que nessa manhã comboiava os víveres de Naulila enviados ao esquadrão, Aragão torna a passar o rio, no vau de Nangula. Comanda os infantes o alferes Amadeu de Figueiredo. O tenente Andrade, com 60 auxiliares, acompanha-os.

Estes três oficiais tinham tido conhecimento da matéria do telegrama de 25 de Novembro. Não lhes diminue a iniciativa aquele conhecimento, no entanto... A sua revolta, o seu desgosto, não lhes diminuem a actividade e a audácia.

Nenhum deles levava instruções escritas sôbre o que deviam fazer, mas sabiam ter sido recomendado não se atacasse os alemães...

«O nosso reconhecimento, conta o alferes Amadeu de Figueiredo, devia estender-se por uma zona de dois quilómetros a partir da margem esquerda, até às alturas do Caloeque. Durante êle foi anunciada uma patrulha alemã, quasi encoberta com o capim, a uma distância de 400m, pouco mais ou menos. De combinação com o Aragão decidimos manobrar de forma a cortar a retirada a essa patrulha.

«Para isso, emquanto eu, com algumas praças, chamava a sua atenção sôbre nós, fazendo deslocações quási a descoberto e encaminhando-nos para

o lado do rio, o Aragão e o Andrade executavam com alguns cavaleiros um largo movimento torneante. Nessa ocasião, um cabo que me acompanhava (era de infantaria 13, de apelido Botelho, e morreu no combate de 18), insistia comigo para que o deixasse fazer fogo. «Alça 4, dizia êle entusiasmado, — não erro, meu alferes, sou atirador especial!»

«Não permiti que o homem atirasse, — ùnicamente para não prejudicar o plano combinado, — o que o deixou desolado... principalmente quando se verificou que o nosso plano falhara e a patrulha conseguira retirar. Entretanto anoitecia e retirámos para a margem direita pelo vau de Nangula, onde pernoitamos...»

Os cavalos de Aragão estão fatigadíssimos. O serviço violento, as marchas, as rações diminuidas, os péssimos arreios, inutilizam as montadas. Há três dias que os soldados mal comem. ¡Em 14 o esquadrão recebe ordem para, por turnos, ir fazer a Naulila as suas refeições! Estavam a 9 quilómetros.

Em 14, ainda, de manhã, o pelotão da 9.ª é mandado recolher ao forte. A intenção de realizar um reconhecimento ofensivo nesse dia fica prejudicada. O pelotão do tenente Matias, recolhe a Naulila com os cavalos inutilizados pelo serviço.

«Tive pena, — escreve Aragão, — porque estou convencido de que nessa ocasião escangalhávamos os alemães que eram ainda poucos e não tinham artilharia...»

A ordem de retirada ao pelotão é terminante. A actividade belicosa e juvenil de Aragão não agrada a Roçadas. Este chega a dizer a Aragão *que está sacrificando gente em demasia*... («um morto e

alguns feridos numa acção que durou uma hora e em que nós puzemos em fuga o inimigo, fizemos um prisioneiro, apreendemos cavalos, matámos e ferimos gente! ...» — «*que não podiam estar assim a deixar reduzir os efectivos e era preciso, pelo contrário, conservá-los para mais tarde ... Que os arreios e cavalos apreendidos aos alemães deviam ser inventariados e não aumentados à carga do esquadrão, como êle, Aragão, fizera, porque ninguém sabia ainda se as circunstâncias nos não conduziriam a entregá-los outra vez!*»

Ferido o coração do cavaleiro por estas palavras contrárias na boca do bravo soldado africano, Aragão protesta.

A sua actividade não lhe vem, diz, da sua vaidade ou sêde de glória. Ninguém se expuzera mais que êle próprio, conduzindo primeiro os seus dragões e ajudando, debaixo de fogo, a transportar feridos seus que, desgraçados, com as pernas presas ao joelho quási só pelos tendões, tiveram de ser evacuados ao galope, a cavalo... Nem os seus soldados, ardentes de entusiasmo, fraternos no heroismo com que tomavam a si o perigo e partilhavam com os outros a miséria de ração daqueles dias, nem eles tinham a impressão de que o seu tenente os sacrificava estúpidamente.

«Senti-me, junto deles, maior e melhor naquele dia... Assim os vi também eu...»

E o moço ardente que é tão soldado pela alma, tão cavaleiro, e obedece ao impulso mais forte do seu instincto que não erra, e prevê e domina, — verdadeiro chefe em audácia e em alma, ousa dizer ao soldado destemido que é Roçadas: «Eu supunha, Comandante, que na guerra, as coisas deviam ser assim...»

«Se era necessário evitar baixas, o melhor, o mais simples, era enviar um parlamentário ao inimigo (como lhe aconselhava o govêrno de Lisboa em 25 de Novembro) e provocar um entendimento...»

Roçadas, então referiu-se às apertadas instruções que recebera do govêrno para, em caso nenhum, provocar um conflito.

Depois Aragão volta para Nangula. Roçadas fica em Naulila, prisioneiro das instruções do seu govêrno, torcido, magoado o seu feitio de soldado valente, na obediência que lhe diminue o potencial de victória... Prisioneiro de si mesmo, sobretudo...

Em Naulila, a 14, pela manhã, uma informação, dá um grupo de 50 alemães passando o rio ao Sul do Caloeque.

¿E a incursão ao planalto, pelo Schwartz boy e Pocôlo, já prevista? No Schwartz boy devem estar auxiliares boers. No Pocôlo, em Otchinjao e na Ediva têm de ser, a ser verdade a nova, reforçadas as guarnições. Para o Pocôlo, nesse caso, deve seguir o Batalhão de Marinha recem-chegado ao Lubango.

A tarde, porém, a informação reconhece-se destinada de fundamento. Não há alemães a jusante do Caloeque. Mas em Naulila e no Caloeque os efectivos não são suficientes. Então Roçadas a instâncias do chefe do Estado Maior manda recolher a Naulila a 11.ª de infantaria 14, distribuïda entre Otchinjao, Ediva e Otchitoto. A marcha deverá ser o mais rápida possível, recomenda.

Na tarde de 12 a coluna avançada, de V. Water alcançara o Cunene. «Deante de nós, víamos o

lindo rio, o desejado fim da marcha que tanto nos custou e que, desgraçadamente, estava nas mãos do inimigo. Chegara o momento mais angustioso de toda a expedição: o inimigo, segundo informações das patrulhas, era bastante forte, talvez mais forte que o nosso pequeno batalhão... O peor era, porém, que nos tirava a possibilidade de chegarmos à água, ou pelo menos, se quisesse, podia fazê-lo.

«Do outro lado do rio, a uma distância inferior a 300 (?) metros, havia uma única elevação, um monte chamado Kampito que, estratégicamente, dominava toda a região. Esse monte estava ocupado pelos portugueses e, como mais tarde pudémos ver, até foi guarnecido com artilharia.

«Agora tudo dependia de saber se os portugueses nos deixariam chegar à água que, completamente a descoberto, estava sob o seu domínio. E havia apenas duas soluções agora: voltar para traz ou atacar imediatamente. A primeira solução nem era da nossa vontade nem destituida de perigo. Primeiro tornava-se difícil voltar com o gado extenuado, até ao local onde havia dias, tinhamos encontrado água. Além disso era perigoso passar pelas tribus ovampos que, em face do nosso aparente insucesso, perderiam todo o medo e respeito e sem dúvida nos atacariam.

«A segunda hipótese oferecia ainda menos vantagem: era temeridade ir forçar o Cunene com os animais e homens ainda extenuados, contra um inimigo bem preparado e ocupando uma boa posição. Se o fizessemos, custar-nos ia ainda muitas munições, prejudicaria o objectivo da expedição, o ataque a Naulila que, desta forma, não se poderia talvez realizar...

«*Com grande alegria nossa, porém, os portugue-*

ses deixaram-nos em completo socêgo... » (Doutor W. Suchiez).

15 de Dezembro. De madrugada partem para o Schwartz boy drift quatro auxiliares montados, em exploração. Os dezoito restantes ficam em Nangula, sob o mando de António Narciso Machado, junto dos Dragões.

Von Vater continua acampado a Oeste dos morros na margem oposta do Cunene. No Caloeque, inactivo, porque nenhuma ordem competente lhe determina o contrário, está o destacamento Salgado com o pelotão de dragões do alferes Heitor.

Em Naulila, reconhece-se a necessidade absoluta de actuar. O chefe do Estado Maior sai de manhã com o fim de se informar pessoalmente da situação e precisar as informações sôbre os alemães. Roçadas concorda que, obtidas estas, será necessário actuar. Com Maia Magalhães irão Aragão e alferes Andrade. Descem ao Caloeque. Almoçam com Salgado. Este comunica a Maia Magalhães que os alemães continuam estacionados para oeste, na margem esquerda, e que, salvo um ou outro tiro entre patrulhas e vedetas, nada houvera de novo em 14 e até áquele momento. Ao findar o almoço uma ordenança de dragões vem comunicar os alemães marcham de Oeste na direcção do Caloeque. O Comandante Salgado encara o Chefe do Estado Maior. Este diz-lhe: Será conveniente reforçar as guarnições dos vaus Caloeque e Nangula, e manter a postos as restantes fôrças. Ele, entretanto, vai fazer o reconhecimento. E sai, sempre acompanhado por Aragão e Andrade.

Seguem para Oeste, pela margem direita, durante uns 3 quilómetros. Aproximando-se cautelosamente do rio, descobrem os alemães na margem oposta, despreocupados... Pretos vêm à água a uma mulola próxima. Dali sobem os três oficiais ao alto dos morros onde não se colocara ainda um pôsto de observação nem fôra ninguém. O local do acampamento estava à vista. Desaparelhados, e conduzidos 2 por cada homem, os cavalos alemães vão beber à mulola. Os três oficiais reconhecem o momento optimo para uma operação ofensiva. Descem à pressa os morros, galopam para o acampamento, expõem ao Major Salgado a situação. Maia Magalhães faz um *croquis* e explica como julga, para melhor êxito da operação, «se deve empregar a artilharia, dispôr a infantaria e ter a cooperação dos dragões (1)».

---

(1) «Era aquele o momento mais próprio para operarmos activamente sôbre aqueles que invadiam o nosso território. Só uma ofensiva imediata e enérgica sôbre os alemães nos poderia livrar fácilmente de sacrifícios futuros, de combates em peores condições, e evitaria, indubitávelmente, o desastre que sofremos.

Ao comandante do destacamento do Caloeque se oferecia ocasião de usar da iniciativa que todo o chefe, naquelas circunstâncias, tem obrigação de usar, sob pena de não corresponder à missão que lhe foi confiada. A acção não podia deixar de ser coroada de êxito e, se fôsse executada, hoje essa gloria caberia ao destacamento do Caloeque.

... Eram 14 horas... Desçemos dos morros...

... Dirigi-me ao comandante do destacamento do Caloeque, na presença do comandante da Bateria Canet (capitão Baptista), dei-lhe conta da situação. Em primeiro lugar mostrei-lhe a necessidade absoluta da existência dum pôsto de observação no alto dos morros; depois, num *croquis*, defini a situação dos alemães e disse claramente o que se deveria

O comandante Salgado entende, que aquela conversa tem apenas um caracter particular, e que o capitão Maia Magalhães lhe sugere, sòmente, «o bombardeamento da posição alemã, seguido de um ataque feito pelo esquadrão de dragões, que não lhe estava subordinado.» Não se deixa arrastar pela sugestão suposta (1).

Maia Magalhães conta-lhe como na frente está apenas uma companhia avançada, de efectivo de certo inferior no nosso destacamento. Diz-lhe por fim: «Se hoje fôr impossivel preparar tudo, ataque amanhã, escolhendo a oportunidade, mas hoje é melhor.» Ele, Maia Magalhães, seguiria imediatamente para Naulila a comunicar ao Comandante Roçadas tudo o que acabava de dizer-lhe. Se Salgado não recebesse ordem em contrário, era que Roçadas concordava com a operação e êle devia atacar. Aragão vai, a seguir, juntar-se ao esquadrão em Nangula. O chefe do Estado Maior recolhe a Naulila e comunica ao Comandante o que dissera a Salgado, frisando que, se ordem não fôsse dada em contrário, Salgado deveria atacar, entendendo que o Comando estava de acôrdo com a operação.

---

fazer para fácilmente os aniquilar, deixando-lhe assim bem expressa a orientação do comando.

O Comandante do destacamento ficou com o *croquis* para orientar a sua acção. (Do relatório do chefe do Estado Maior, Maia Magalhães).

(1) «... E na manhã seguinte, 15 de Dezembro, apareceu o Senhor Chefe do Estado Maior, Capitão Maia Magalhães... Aquele senhor depois de passear pela margem do rio, retirou para Naulila e depois da sua retirada recebi as instruções para o meu destacamento com a data de «Naulila, 15-XII-914 às 6 horas». (Do Relatório do Comandante do destacamento do Caloeque, Major Alberto Salgado).

E pregunta: — *¿ Quer, Comandante, que eu mande ordem terminante para o ataque?*»

Roçadas responde: «*Não é preciso. Tudo isso cabe dentro da iniciativa e atribuições do Comandante do destacamento; demais o Senhor já lhe deu as instruções precisas...*» O chefe do Estado Maior insiste: — «*Eu acho conveniente mandar a ordem...*» — «*Não,* responde Roçadas, *não é preciso, e se a mandassem o Salgado até podia melindrar-se...*» A ordem competente, terminante, não parte, a que decidiria Salgado a actuar. Demais a missão do destacamento, raciocina êle, desde que saiu da Dongoena, é puramente defensiva, as duas peças Canet têm apenas 35 granadas ordinárias cada uma, 35 granadas de exercício, como diz o Capitão da Bateria! O destacamento nada mais tem a fazer agora, que defender os vaus de Nangula e Caloeque, opondo-se ao avanço do inimigo pela margem direita do rio, nas direcções de Naulila e Dongoena *conforme as instruções* (1), *que, no mesmo dia de tarde, Salgado recebe, do Quartel General, datadas de 15, às 6 horas,* e assinado pelo Chefe do Estado Maior.

«Parece inacreditável, escreve Salgado, — que

---

(1) Instruções ao destacamento da Dongoena — Caloeque — Naulila, de 15-XII-914.

I. — Do destacamento de Naulila são mandadas duas secções de infantaria uma para cada um dos vaus do Cabelo e de Catangombe que ficam entre Naulila e o vau de Nangula, afim de interceptarem as passagens do rio.

2. — A missão do destacamento do sr. Major Salgado é defender os vaus de Caloeque e Nangula e opor-se ao avanço do inimigo pela margem direita do Cunene, nas direcções de Naulila e Dongoena...

. . . . . .

estas instruções me não fôssem entregues pessoalmente, visto a chegada do Senhor Chefe do Estado Maior ao Caloeque ter sido pelas 11 horas da manhã de 15 e elas terem a data acima referida».

O reconhecimento que o Chefe do Estado Maior efectua, com Aragão e Andrade, na tarde de 15, modifica a situação, altera por conseqüencia o critério que produziu as instruções enviadas de Naulila aquela manhã. — As instruções verbais de Maia Magalhães inutilizam aquelas. Salgado não pensa igualmente; fixa-se, não concordando, com as *sugestões* do seu Chefe do Estado Maior, nas instruções que recebe depois da retirada dêste e anteriores àquelas...

Para se justificar da não observância do que supõe, decerto, leviana sugestão de Maia Magalhães, basta-lhe aquele documento... E resolve ficar inactivo.

De resto na outra margem, Von Vater já se habituou à nossa inconcebivel inércia. A sombra má da política do nosso govêrno alcança, envenenadora, as terras do Sul de Angola. À mesa do *mess*, no posto, discute-se, diante de Roçadas. Para alguém a terra do Sul é areia apenas, não merece uma gota de sangue português. Sereno é, na sombra, acusado. Deante dos mais puros soldados de Naulila, dos que levam na alma a decisão e a voz de comando da Pátria ofendida, — as vozes calam-se, acobardadas.

Entre Maia Magalhães e Salgado, entre o comandante do destacamento do Caloeque e o Chefe do Estado Maior da Coluna, há, separando-os, pondo-os em desacordo constante, o feitio militar diverso,

uma compreensão diversa do dever, e uma nítida diferença de pensamentos. Maia Magalhães é pelo ataque, pela expulsão ou internamento do alemão que passar a fronteira. Para êle, as instruções do govêrno — já nada valem. Mandam acima dos regulamentos o seu amor de português e o sangue derramado que não chega ainda para desafrontar, purificar o terreno pisado pelo invasor. Salgado conhece as ideas de Roçadas, sabe as opiniões do comando. Conheceu em 10, as instruções dadas por Roçadas aos auxiliares. Leu o telegrama do govêrno central. (1) Já durante a marcha para o Sul, entre Maia Magalhães e Salgado, houve mal entendimentos. As sugestões do camarada ou as instruções verbais do chefe do Estado Maior não calam demais no espírito de Salgado que se sente diminuido, sem a companhia destacada para Naulila, sem munições de artilharia ou cavalaria bastante, julga — e não crê ter apenas, guerrilhas na sua frente, como o supõe o chefe do Estado Maior (2).

Roçadas não deu, não dará ordens para atacar, embora instado, como as não dará, as não deu para se não atacar...

---

(1) «É verdade ter sido publicada uma circular em que se recomendava a mais estricta neutralidade e o próprio tenente Coronel Roçadas quando os auxiliares montados foram patrulhar o Cunene assim o recomendou. (Duma carta).

(2) «Depois da marcha sôbre o Caloeque o meu objectivo era a defesa dos vaus de Nangula e Caloeque e opôr-me ao avanço do inimigo pela margem direita do Cunene nas direcções Naulila e Dongoena. Demais o Chefe do Estado Maior não podia dar-me ordens imperativas da sua iniciativa e tudo me leva a crer que êle, à sua chegada, a Naulila, comunicou isso ao tenente Coronel Roçadas que não ordenou a operação...» Idem.

Em Naulila espera-se, espera sobretudo, Maia Magalhães, incomodado e impaciente, novas do Caloeque. O dia, a noite passam...

O moral das tropas, apesar das privações sofridas, manifesta-se bom. Discute-se porventura em volta do telegrama do govêrno de Novembro. Há oficiais que, invocando-o, refreiam em si e nos outros o espírito ofensivo. ¡E' o govêrno que o recomenda!... Estão ali para cumprir apenas o regulamento, as ordens que competentemente lhes derem... Alguns ardem de impaciência, desejam o ataque. Compreendem como tudo indica, impõe a ofensiva. Mas Roçadas está sob a acção daquele telegrama. A sua consciência de soldado sofre. A sua inteligência, o seu feitio de valente, já se decidiram. ¿Mas as instruções do govêrno?

As deficiências que êle não pôde evitar e não são da sua responsabilidade, os fracos efectivos, as poucas munições, etc. — podem ser afastadas com a ameaça que anda com elas... ¡Atacar, tomar a iniciativa do ataque, cair sôbre as tropas chegadas em 12!...

O soldado é admirável. Sofre e adapta-se. O bom oficial encontra-o sempre pronto para todos os esforços. Nos dias de contacto com alemães, antes de 18, cometem-se actos de verdadeira temeridade. E' necessário sofrear-lhes o ímpeto. «Duma vez em que os alemães não puderam apanhar uma patrulha a boa distância de tiro e sôbre ela atiram, os dragões desta, emquanto as balas caem perto, ao redor, — afastam-se chasqueando, a passo, zombando das pontarias alemãs». Nos dias de provações que precederam 8 de Dezembro, repartiam, dragões e infantes, a escassíssima ração, fraternalmente. «Em

infantaria 14, na 9.ª companhia, de que eu fazia parte, conta um bravo oficial ferido em 18, — sempre que era nomeado para qualquer pequena operação de risco, tive sempre dificuldade em escolher os soldados que deviam acompanhar-me, porque todos queriam ir.» Ao partir para missões perigosas, os soldados cantam. Desprêzo pelo perigo, alegria, atenção e interêsse no cumprimento das ordens, uma entusiástica boa vontade, encontra cada bom oficial nos homens que comanda... *Para êles a terra do Sul de Angola não é areia apenas, é terra da Pátria, vale o sangue que derramarem...*

¡E é o inimigo, o alemão!

Ninguém admitirá, até 18, a possibilidade de ser vencido. Em pleno combate, momentos antes da retirada, ninguém o suporá possível ainda. «E não havia apenas oficiais bravos até à temeridade e ao sacrifício inútil; outros, de valentia serena, eram a maioria».

Na hora decisiva, quási todos os oficiais e soldados, hão de bater-se com honra e com pertinácia. E, se não vencerem, para lá das causas irremediáveis, das acumuladas deficiências, da diminuïção do próprio moral à mercê de críticas e apreciações inferiores, para lá da pobreza dos efectivos, das munições escassas, acima de qualquer falta e de toda a responsabilidade contraída pelos chefes, — mais responsável, único responsável, estará o govêrno que mal cuidou da honra do seu território e do seu exército, e o colocou moralmente diminuido, manietado, nas condições em que somente a mais aberta desobediência, a menor observância das suas recomendações poderiam facilitar, garantir a vitória.

16 de Dezembro. Ás 6h da manhã, do pôsto de observação dos morros, avistam-se ao longe, numa nuvem de poeira, numerosas fôrças que, trazendo os cavalos à rédea, se apróximam do Caloeque, vindas do Sul. Oito minutos depois, a observação reconhece três peças de artilharia e mais cavaleiros em marcha na mesma direcção. Uma patrulha de dragões confirma a nova, — ¡Franck chegou ao Cunene!

Salgado comunica-o às 8h,30 ao quartel general.

Depois durante o dia, há um curto tiroteio entre uma patrulha alemã e uma vedeta dum pôsto português, colocado 1800m a jusante do vau.

Uma patrulha alemã persegue uma nossa. O alferes Raul de Andrade acode com os seus auxiliares e alguns dragões, perseguindo aquela até muito próximo do acampamento alemão.

A's 17h apresentam-se a Salgado os auxiliares que em 15 tinham partido para Schwart boy drift.

Informam de que a jusante das cataratas não há alemães. Salgado fica com a impressão de que não chegaram mesmo ao Schwart boy e pouco passaram para jusante das cataratas.

«Como durante todo o dia (16 de Dezembro), não ouvimos, como esperavamos, tiros de artilharia na direcção dos morros, vendo portanto que os dois destacamentos, — o nosso de Caloeque e o dos alemães, — continuavam inactivos um em frente do outro, formulámos, o comandante Roçadas, o capitão Reis e eu, um plano de ataque ao acampamento alemão, visto estar dentro do nosso território e ter já havido agressão às nossas tropas de cavalaria.

«Nesta acção cooperavam os destacamentos de Naulila e Caloeque. Este último era encarregado de guardar os vaus e de, com a sua artilharia pos-

tada entre os morros e o acampamento alemão, bombardear êste logo que a artilharia de Naulila estivesse em condições de fazer fogo também. O destacamento do capitão Mendes dos Reis marcharia de Naulila pelo caminho entre a estrada de Oncuancua e o rio, até à altura do vau de Nangula, e avançaria pela chana, com a frente a Oeste, apoiando o flanco esquerdo, na orla do arvoredo que limita a chana pelo Sul, numa formação em massa, (com distâncias e intervalos suficientes para tornar essa formação pouco vulnerável aos fogos da artilharia inimiga). As unidades de infantaria (9.ª e 12.ª, do 14 e 16.ª de landins) marchariam em formação de costado prontas a desenvolver à primeira voz. As metralhadoras enquadradas na face da frente. A artilharia Ehrardt no interior da formação, um pouco à frente da face da retaguarda. O esquadrão de dragões acompanharia o destacamento um pouco à frente e à direita pelo interior do arvoredo, próximo da orla, constituindo a protecção do flanco esquerdo. O ataque devia começar pela artilharia dos morros, e logo que a atenção dos alemães fôsse chamada nesse sentido a artilharia Erhardt, cruzaria com ela os seus fogos sôbre o acampamento português protegendo o avanço da infantaria e metralhadoras, emquanto a cavalaria, vigiando a linha de comunicação dos alemães, estaria pronta a cair-lhe sôbre a retaguarda.

«A marcha seria executada durante a noite para o ataque começar à alvorada». (Do relatório do chefe do Estado Maior).

Aragão com os seus dois pelotões, Sereno e Oliveira, e os auxiliares a cavalo, continua em Nangula, cumprindo estrictamente a sua missão. E esta

conservar o contacto com as fôrças inimigas que pretendam marchar junto ao rio em direcção a Naulila, opôr-se ao avanço e, caso não consiga sustá-lo, em nenhuma hipótese permitir que essas fôrças cheguem ás posições sem as fôrças nossas que as ocupam terem sido avisadas a tempo da aproximação e efectivos inimigos...

A frente a explorar e o seu reduzido efectivo, (47 homens) «não permitem mais que manter um serviço activo de patrulhas numa frente que, muito à larga, não poderá exceder três quilómetros» — pondera nessa altura o tenente Aragão ao Comando. «Parecia-lhe conveniente restabelecer o serviço de patrulhas entre Oncuancua e o rio, e, para êsse efeito, necessitava êle, pelo menos, de mais um pelotão, o que estava no Caloeque (Heitor) — ou o que ficara no pôsto de Naulila». Mas o primeiro é necessário no Caloeque, dizem-lhe, e do segundo todos os cavalos têm assentaduras, estão incapazes de servir. Aragão, incapacitado de fazer mais, envia em 16, como o fará em 17, duas patrulhas na direcção de Oncuancua a estabelecer ligação com os postos de auxiliares cuamatos até a uma distância de 4 ou 5 quilómetros de Nangula. Roçadas magoou-lhe o generoso ímpeto entusiasta... Mas êle vela sempre... Os seus soldados e cavalos diminuem. Faz o que pode, tudo o que pode...

Lentamente, o esquadrão de cavalaria 9 desce do Lubango...

X

Organização defensiva de Naulila

Roçadas chegára, em 9 de Dezembro, a Naulila. A 10, com o Chefe do Estado Maior, o comandante do destacamento e o estado maior da coluna, procedera ao reconhecimento necessário, previsto um ataque, para a organização defensiva da posição.

Ao referirmos os acontecimentos de 19 de Outubro, tentámos esboçar o que era o pôsto de Naulila, nas terras da Hinga.

A sua posição central, relativa aos caminhos que dêle seguem à Dongoena e Humbe, ao Caloeque, às terras de Oncuancua e ao Cuamato, decidiram o Comando a escolhê-lo para sua sede.

Sôbre o terreno quási plano, a uns 1500^{m} em média, do pôsto, erguia-se uma ligeiríssima elevação circular que do Cunene ia até Nordeste, limitando o horizonte, se o não limitara antes o mato espêsso de espinheiros, árvores mutiáti e alguns imbondeiros... Do pôsto, e para a Dongoena, atravessando o Cunene nos vaus Cangondo e Chiquenda, seguiam duas estradas. Para Nordeste, uma outra ligava Naulila a Otoquero. Para Oncuancua, para S.S.E.,

cortava um caminho o mato mais espêsso. Até ao Vau Calundo, e dêste até ao Caloeque, uma outra picada descia na direcção do Sul.

O pôsto era constituído por uma parada interior em que se erguiam pequenas casas maticadas, paredes de ramos e barro, tétos de capins ou zinco, a secretaria, a habitação do comandante, o refeitório, a caserna das praças, arrecadações, as cavalariças, uma cantina. Fora, na face NOE, acampavam os carros boers. Na SO era o bivaque da infantaria. No vértice Sul uma árvore observatório e um pequeno tambor.

Trincheiras não as tinha. Junto ao ângulo Sul uma ténue rêde de arame. Defronte da entrada principal, olhando para OE, a 200^{m}, aproximadamente, um forno de pão junto a um imbondeiro. Por terra velhos troncos apodrecidos. Para a frente abatizes...

O pôsto não tinha importância militar alguma. Tê-la ia, na opinião alemã, «como base para futuros empreendimentos portugueses dirigidos contra a Africa do Sudoeste» (Henig).

O Comando português, porém, dificilmente poderia admitir, excluída a tenção alemã de vingar a morte dos seus compatriotas no próprio local dos acontecimentos de Outubro, que o objectivo do Major Franck fôsse apenas aquele pôsto. Admitiu de certo o Comando a possível passagem por Naulila, na direcção do Humbe, se os alemães não optassem pela passagem do rio em frente dos morros do Caloeque para dali seguirem, pela Dongoena, para o Humbe, ou directamente para o Lubango por Otchinjau.

Quando o primeiro destacamento (Comandante

Esteves) chegou a Naulila, os dois pelotões da 9.ª Companhia haviam começado a construção de um entrincheiramento cujo perfil era o da 2.ª fase da trincheira abrigo regulamentar, face a Este e a Sul.

A principiar no vértice, para um e outro lado, haveria, em 18 de Dezembro, uns 150 metros de rêde e abatizes.

Em frente da entrada principal, dentro, instalara-se o comando e, entre êste e a porta, improvisara-se um paiol.

Quando o destacamento Mendes dos Reis atingiu o seu maior efectivo, foi iniciada a construção das obras mais avançadas e começou a preparar-se o campo de tiro abatendo parte do espêsso mato ao redor.

O Comando, sem fôrça suficiente para organizar uma linha defensiva desde o Vau Calundo, junto às dunas no extremo da ligeiríssima elevação lògicamente escolhida para posição de defesa, até ao caminho para Otoquero, pelo menos, e convencido pelas informações que o ataque provàvelmente viria de Sudoeste ou na direcção de Oncuancua-Naulila, dispôs as suas reduzidas fôrças, sôbre aquela ligeira linha de relevos, apoiando o flanco direito no Vau Calundo, colocando a bateria de metralhadoras, a um lado e outro e sôbre a estrada de Oncuancua. E sem poder atingir a estrada para Otoquero, apoiada a esquerda das metralhadoras por um pelotão da 16.ª de Moçambique, pôs os dois pelotões da 9.ª Companhia de Infantaria 14 e de reduzidos dragões do Tenente Matias, como reserva e sob a protecção do forte, à retaguarda, ao meio, entre as duas estradas.

Roçadas, note-se, fica convencido de que na hora

do ataque e na extrema esquerda, à rectaguarda, terá em reserva dois pelotões.

As três peças Ehrardt tomam posição entre o Cunene e a estrada de Oncuancua, sensìvelmente ao meio dêste sector, e à retaguarda da posição da infantaria. Da posição ao forte há um caminho balizado.

Apesar de tudo levar a supor, desde 16, que o ataque se dará por S ou SO, o comando não deixa de prever a hipótese do aparecimento do inimigo, em fôrça, por E, nas alturas do flanco esquerdo. «Este ataque estava previsto, simplesmente o que não havia era mais fôrças disponíveis» (1).

Se a cavalaria toma contacto com Franck, se os auxiliares cuamatos não desertam, se os reconhecimentos das noites de 17 e 18 derem resultado, levados a fundo, o Comando poderá alterar talvez ainda a disposição das fôrças.

Bem informado, poderá chamar a Naulila os dois pelotões de Aragão, dispor dêles, e determinar que a unidade de comando das Baterias de Metralhadoras e Artilharia, sofra a colocação, no flanco esquerdo, de uma secção de Maxims e uma divisão Ehrardt.

O esquadrão de Cavalaria 9 desce do Lubango...

A 10.ª companhia de Infantaria 14, do bravo e honrado Capitão Mateus, não teve tempo ainda para chegar.

Mas voltemos...

---

(1) Do Chefe do Estado Maior.

Entretanto procedia-se à organização defensiva da posição. A ferramenta faltava. O material de defesas acessórias e as ferramentas vinham a caminho ainda. Com os recursos possíveis tentou-se alargar o campo de tiro.

Nos sectores dos pelotões de landins (16.ª de Moçambique) os grandes baobás foram aproveitados para a vigilância, estabelecendo-se neles pequenas plataformas dominando o terreno e que, no combate, serão ocupadas por atiradores escolhidos.

Na frente do rio, apoiada no Cunene, sôbre as pequenas dunas de areia, está a 12.ª Companhia do 14, comandada pelo Capitão Aristides da Cunha, fazendo face ao Sul. A seguir, obliquando face ao Sudeste o 1.º e 2.º pelotões da 16.ª companhia (landins) com uma secção de metralhadoras à sua esquerda e a estrada de Oncuancua. A retaguarda, e entre o último pelotão da 12.ª (1.º), o primeiro pelotão de landins, a bataria Ehrardt (3 peças...). A maior distância desta linha a Naulila seria de 2.000m sôbre a estrada de Oncuancua. Para lá desta, em ângulo e a 200m da 1.ª, está a 2.ª secção de Metralhadoras já fazendo face ao Este, com o 3.º pelotão da 16.ª (landins). É a frente de Oncuancua. Sobram apenas os pelotões da 9.ª Companhia do 14, os convalescentes e impedidos que guarnecerão o forte, e os 12 dragões do pelotão que o Tenente Matias comanda. Do 3.º pelotão de landins à estrada de Otoquero vão 1.200m ou 1.500m. Roçadas dispõe dois pelotões da 9.ª, como vimos, e os dragões apeados, a uns 800m do forte, a uma distância igual entre as duas estradas. Fixa-lhes uma função, a de reserva. O 3.º pelotão está a quatro quilómetros do pôsto,

guardando os vaus Cabelo e Catangombe. No pôsto ficará o pessoal de saúde, doentes e impedidos no rancho...

Para lá da linha organizada, do Caloeque ao Oncuancua, na extensão de uns treze quilómetros, frente ao Sul, vigia uma linha de auxlliares cuamatos, armados, sob o comando de Andrade, que traz também gente sua espionando na zona neutra e território alemão.

Em Oncuancua deve estar uma patrulha de soldados landins.

Em Naulila, fora das posições, as unidades de cada sector estabelecem diàriamente um serviço de protecção e vigilância. De noite as rondas e patrulhas percorrem estes postos e o outro cordão exterior, a 3.000^{m}, entre aqueles e a linha Caloeque-Oncuancua, formado também por auxiliares.

Mas êste cordão não excede, mal atinge mesmo a estrada Naulila–Oncuancua. Um oficial, rondando na noite de 16–17, constata o facto, corrige-o logo...

Nas posições as tropas passam as noites de 16–17 e 17–18. Um terço do efectivo conserva-se em alarme.

As informações do prisioneiro, as que o Major Salgado fornece em 16, as que o Alferes Andrade traz pessoalmente a Naulila, fixarão a opinião do Comando sôbre o momento do ataque. Roçadas conta com êle, se o alemão não se perder no mato espessíssimo, para o dia seguinte.

Os trabalhos de fortificação são deficientíssimos. Falta o material, não há arame farpado, não há ferramentas.

Se o alemão atacar no Caloeque, o Major Sal-

gado poderá opôr-lhe 300 infantes, uma divisão Canet com 70 granadas e um pelotão de dragões com 30 cavalos.

Naulila põe em combate 550 atiradores, três canhões Ehrardt e quatro metralhadoras Maxim. Cada soldado do 14 e os dragões dispõem de 200 cartuchos. Os landins 400. Tem 200 granadas cada peça Ehrardt.

XI

A véspera do combate

17 de Novembro. — Como vimos, em Naulila o Comando pensa, finalmente, em descer ao Caloeque, com o destacamento que está ao redor do pôsto, e atacar o acampamento de Francke. O Chefe do Estado Maior esboça, detalha o plano da operação.

Os dois destacamentos e o esquadrão cooperarão no ataque.

Maia Magalhães traça o *croquis* do dispositivo das fôrças, redige ordens e instruções para as unidades. Ao meio da faina, em 17, uma comunicação chega, vinda do Caloeque. São 15^h e 30^m.

«Fôrças de operações ao Sul de Angola. — Destacamento da Dongoena. — Caloeque (Morros), 17-12-914. As 13^h. Urgente. N.º 36. — Ao Sr. Chefe do Estado Maior. — Pôsto de observação nos morros acaba de comunicar o seguinte: Seguiram por entre o mato três grupos de cincoenta cavaleiros em direcção que reputo ser para Naulila. Avistou-se um carro puxado a bois e uma metralhadora ou peça de artilharia na mesma direcção que os cavaleiros, seguindo estes trinta minutos antes. — (a.) *Alberto Salgado*, major».

O Comando decidira-se tarde mais. Em Naulila

então estranha-se que Salgado deixe passar os alemães pela sua frente, em marcha de flanco, ao alcance dos seus canhões, sem os hostilizar.

A idea da ofensiva estava prejudicada. Era preciso resistir em Naulila.

Já noite, chega outra comunicação.

Salgado rectifica a comunicação do pôsto dos morros. Diz que o carro de bois e a presumida peça ou metralhadora saíra meia hora antes dos três grupos de cavaleiros. Acrescenta puzera ao facto do observado os auxiliares de Nangula e o 1.º esquadrão. Supõe que os alemães iam à data de água à Mulola próxima.

Porém a terceira, datada uma hora depois da anterior, às 17h, participa que «pôsto de observação poude contar 185 cavaleiros em marcha e na mesma direcção que os primeiros que já comuniquei, seguidos de 16 carros do tipo do carro de esquadrão português puxados por 4 parelhas de muares. Pôde mais contar 64 muares sem cavaleiros, parecendo-lhe que transportavam carga a dôrso que poderia ser artilharia ou metralhadoras. Estas muares marchavam à retaguarda da fôrça montada e à frente dos carros. Informa ainda que no local onde estacionavam estas fôrças ficaram mais homens e cavalos, podendo contar, dêstes, 75.

Salgado enviara cópia destas comunicações ao chefe dos auxiliares que ocupam Nangula e ao Tenente Aragão.

No mesmo dia Salgado recebera uma nota, datada das 12h, em que o Chefe do Estado Maior lhe comunicava que o «Comandante achava conveniente fôsse guardado o vau de Nangula também com fôrça de infantaria (que poderá ser uma secção),

pois os auxiliares eram poucos e os cavalos do esquadrão estavam extremamente fatigados pelo extenuante serviço».

Salgado respondeu às 16h,30, cumprida a ordem, reputar insuficiente a fôrça do seu destacamento para a dispersar em pequenas guarnições de vaus e outros pontos a guardar. «Avançado como está êste destacamento, diz, preciso da companhia de infantaria què destacou para Naulila».

O pelotão da 15.ª companhia de Moçambique (Alferes Gonçalves Losa), foi guarnecer o vau de Nangula.

Em Nangula, Aragão mantém a mesma actividade do dia anterior. As 16h,30 recebeu a comunicação de Salgado e convence-se de que uma coluna inimiga marcha através do mato em direcção a Naulila e outra junto do rio. Nessa convicção destaca patrulhas, mas até à noite não há, por elas, notícias do inimigo. Este iniciára a sua marcha às 13h.

Aragão manda o Alferes Sereno, com uma patrulha mais forte, estabelecer contacto com a coluna que supõe caminhando ao longo do rio. As 19h Sereno recolhe sem ter avistado qualquer coluna em marcha, mas apenas algumas patrulhas inimigas no acampamento alemão dos morros.

Entretanto o ex-soba dos Cuamatos, Xetaquela, destronado por nós em 1907, exilado na Dámara e agora acompanhando Franck, Xetaquela faz desertar os auxiliares cuamatos do cordão Caloeque-Oncuancua. As patrulhas de Aragão já não dão com êles. Os alemães passaram...

Cai a noite. Nos morros do Caloeque, o Major Salgado, na previsão de um ataque, ao romper da manhã de 18, sôbre qualquer vau a montante do

Caloeque, determina que os carros de munições e bagagens fiquem atrelados e manda desarmar as tendas.

A falta de notícias sôbre o inimigo levará Aragão, por fim, a admitir que a coluna não marchara junto do rio mas sim no seu flanco esquerdo. As comunicações de Salgado justificavam a primeira convicção do Comandante dos dragões. A nota do Major Salgado, enviada às 13h, como vimos atrás, refere a marcha de 150 cavaleiros, seguidos de um carro puxado a bois e uma metralhadora ou peça, por entre o mato, e em direcção que «reputo ser para Naulila».

O próprio Major Salgado, parece, se convence de que esta coluna marchará junto do rio.

Assim o faz ver a comunicação das 16h.

«Rectifico comunicação do pôsto de observação. Carro de bois e pequena viatura que parecia peça de artilharia ou metralhadora saíu meia hora antes dos três grupos de cavaleiros. Auxiliares no vau de Nangula e esquadrão de cavalaria *foram prevenidos e até agora ninguém dêstes grupos deu pela passagem das fôrças para montante do vau.* Acabo de ter notícia que alemães íam agora com os cavalos à data de água à tal mulola. — (a.) *Salgado*».

A terceira comunicação, das 17h, como vimos atrás, confirma a matéria da anterior e sem referir com exactidão a direcção da marcha das colunas que Salgado indica apenas ser «por entre o mato» e na direcção de Naulila, não orienta exactamente o comando, mas fixa-o apenas na hipótese dum ataque pelo S ou S E, e dá-lhe indicações certas sôbre efectivos.

O pelotão de dragões (Heitor) não passa à margem esquerda do Caloeque. Salgado limita-se a

colher as informações que dos morros, do pôsto de observação, lhe enviam.

Aragão, sem notícias da coluna em marcha, ao recolher das suas patrulhas, conclue pois com inteligência que as colunas mencionadas nas comunicações dos morros, como seguindo a mesma direcção por entre o mato, para Naulila, marcharam sôbre o seu flanco esquerdo... Assim fôra com efeito... Aragão não é só a mocidade ardente e guerreira, por si só irreflectida, é a intuïção inteligente clareada de paixão patriótica.

Ele tem o bivaque dos seus pelotões na margem esquerda do Cunene, um pouco ao sul do caminho que vem de Oncuancua.

Na hipótese de que as colunas ou uma das colunas tenham marchado para Este, passando àlém do seu flanco esquerdo, Aragão prevê a possibilidade de que toda ou parte dessa tropa venha de Oncuancua, na manhã seguinte, por aquele caminho, atacá-lo aparecendo à sua retaguarda ou, evitando o encontro, dirigir-se a Naulila. Para não faltar ao cumprimento da sua missão, êle evacua às $19^{h},30^{m}$ o bivaque de Nangula e vai acampar um quilómetro, a montante, de forma a cobrir aquele caminho. No bivaque de Nangula deixa acesas as fogueiras e parte depois de entregar ao chefe dos auxiliares, uma pequena nota rabiscada numa fôlha de carteira, em que lhe diz retirar sôbre o vau Cabelo, pedindo-lhe a envie o mais depressa possível ao Major Salgado. Este só a receberá no dia seguinte.

Vimos que Aragão se deslocou apenas um quilómetro para montante.

Há um engano, uma troca de nomes, o vau para onde retira é o vau Nahôlo. Mas Aragão não teve tempo de reconhecer o terreno em que não se bateu.

Em Naulila as informações de Salgado são confirmadas, noite feita, e em parte corrigidas quanto à direcção da marcha alemã, pelo Alferes Andrade, que, pessoalmente, vem comunicar a fuga dos auxiliares avançados. No Quartel General pregunta-se: «¿ Qual o destino das fôrças germânicas? ¿ Naulila? ¿ Cuamato?» Se o Cuamato, dai poderão marchar sôbre o Humbe «cortando as comunicações das fôrças de Naulila e Caloeque, tornando tão crítica a sua situação que impossível lhes seria receber mais aprovisionamentos ou marchar sôbre o planalto».

«Mais provável era, porém, dirigirem-se sôbre Naulila; mas, neste caso, qual seria a direcção do ataque? ¿ pelo sector do rio ou pela estrada de Oncuancua? Para o saber era necessário dispôr de mais cavalaria que pudesse seguir-lhe os passos e comunicar ao comando». (Do *Relatório* do Chefe do Estado Maior).

O comando dá ordem ao Capitão Mendes dos Reis para que as fôrças de Naulila ocupem a posição de combate.

O Quartel General instala-se junto à posição da artilharia, que foi ligeiramente modificada, pois só tinha campo descoberto na direcção do rio. O flanco esquerdo, — vêem-no de novo os oficiais do Q. G.,— sem um obstáculo natural em que apoiar-se, ou um núcleo de fôrças em reserva, é o ponto mais fraco da linha.

Mas, supõem, sendo também êsse flanco o ponto da nossa posição mais afastado das direcções mais prováveis de ataque, os alemães só o poderão alcançar depois de bater de encontro a outro ponto da nossa frente, ou fazendo um largo movimento tor-

neante através do espêsso mato de espinheiros e mutiati, atravessando a estrada de Oncuancua e sempre expostos a ser pressentidos pelos auxiliares cuamatos.

O Chefe do Estado Maior deseja mesmo o ataque sôbre aquele flanco, que lhe permitiria a manobra ofensiva com a 12.ª companhia, sôbre o flanco esquerdo inimigo, cortando-lhe a retirada.

Parece, no entanto, mais provável, o ataque na direcção do rio.

Roçadas insiste na guarnição do flanco esquerdo, convencido de que será êsse o flanco atacado. E por isso dá ordem para que o pelotão do Tenente Marques avance para a linha de combate, para a esquerda do 3.º pelotão da 9.ª do 14. Mas o Tenente Marques é pouco depois mandado recolher de novo ao forte. São lá necessários os seus serviços de oficial provisor do destacamento. Quando o inimigo atacar, êle correrá a reforçar a frente. E ali, no forte, entretanto, constituirá uma reserva pronta a acorrer onde seja necessário.

A noite é tão escura que nada se distingue a poucos passos de distância. As 7h,45 recebe-se ainda uma nota de Salgado em que, dizendo como o seu destacamento tinha pequeno efectivo, pede lhe mandem a 12.ª companhia. Alguns oficiais extranham o pedido de reforços, feito quando o alemão marcha sôbre Naulila...

As 20h, num livro m/11, o Chefe do Estado Maior redige a ordem seguinte:

«Quartel General. Naulila, 17 de Dezembro de 1914, às 8h. — Ao Sr. Comandante do Destacamento da Dongoena-Caloeque.

«Confirmando-se a informação dada por V. Ex.cia, de que

o grôsso do inimigo marchou na direcção de Leste, S. Ex.cia o Comandante determina que V. Ex.cia ataque o antigo acampamento inimigo para aniquilar os setenta e cinco cavaleiros que lá ficaram. Esse ataque deverá ser feito com a artilharia, infantaria, e o pelotão de cavalaria que V. Ex.cia tem à sua disposição.

«Os outros dois pelotões de cavalaria do Tenente Aragão deverão ir estabelecer contacto com o grosso do inimigo, para participar a êste comando a direcção de marcha. Neste serviço serão empregados também os auxiliares europeus montados. Obtido o resultado sôbre o acampamento inimigo, ou se êste tiver sido abandonado, deverá V. Ex.cia estar preparado para marchar à primeira voz na direcção que fôr indicada. O ataque deverá ser feito o mais cedo possível, devendo, porém, precaver-se contra o retôrno do grosso. — O Chefe do Estado Maior, *Maia Magalhães*, Capitão».

Uma ordenança a cavalo parte com esta ordem. Só na manhã de 18 passará no vau Nahôlo e dirá a Aragão que deve atacar o acampamento alemão. Depois uma nova ordem é redigida.

«Fôrças em operações no Sul de Angola. — Quartel General, Naulila, 17 de Dezembro de 1914. — As vinte e uma horas e quinze minutos. — *Ao Senhor Comandante do 1.º esquadrão de dragões.*—Tendo o Senhor Major Salgado informado que marchou na direcção de Leste o grosso das fôrças inimigas, S. Ex.cia o Comandante das fôrças determina que V. Ex.cia, com os dois pelotões do seu esquadrão, procure estabelecer o contacto com o referido grosso, informando com a possível brevidade êste comando qual a situação do inimigo em determinada hora e qual a direcção da marcha. O Major Salgado recebeu ordem para atacar de manhã (em 18), o antigo acampamento inimigo, onde parece que ainda ficaram algumas tropas. Se V. Ex.cia vir que o grosso retrocede em face dêsse ataque, deve prevenir imediatamente o Major Salgado e cooperar com êle. No estabelecimento do contacto com o grosso inimigo não deve V. Ex.cia empenhar em combate o seu esquadrão, procurando sómente reconhecer as fôrças, direcção de marcha e informar. Será auxiliado pelos auxiliares a cavalo. *Maia Magalhães*, Capitão».

Outra ordenança de dragões, como a primeira, parte com esta ordem em direcção a Nangula, onde já não está o Tenente Aragão.

Ambas conhecem bem os caminhos. Esta porém não encontrará o Tenente Aragão.

Os dragões não poderiam, naquela noite, estabelecer contacto. O Quartel General não contava com isso. Esperava que ao romper da manhã Aragão marchasse a estabelecê-lo a tempo... Ninguém contava que, «atendendo à volta que tinham de dar, os alemães pudessem estar deante de Naulila na manhã seguinte. Calculávamos que suspendessem a marcha de noite, ainda afastados de Naulila, e a retomassem ao romper da manhã».

Roçadas está apreensivo, falta-lhe a cavalaria. Matias sai, com alguns cavalos, em exploração. Receia talvez que, a receber a ordem, imediatamente Aragão se interne no mato, se perca... Manda chamar o Chefe cuamato Aiping. É preciso reconhecer o mato na direcção de Oncuancua, saber onde acampa o alemão, a que distância está. Os cavaleiros do Tenente Matias regressaram sem notícias...

O norueguês Brod Kop, que Aragão devolvera ao comando, adivinhando nele o espião, o chefe Aiping, um filho do auxiliar Orlog e o preto Catite, com alguns pretos, partem em dois bandos.

Alta noite... Escuridão e silêncio... Então Roçadas, Maia Magalhães e o Sub-Chefe do Estado Maior, sem convicção, só para prevenir um caso que não crêem possível, combinam que, a serem atacados por fôrças consideràvelmente superiores que os obriguem a retirar, a direcção da retirada será a do caminho Otoquero e Cuamato, onde se

juntarão as fôrças da 15.ª de Landins, as guarnições do Cuamato, estabelecendo ligações com o Humbe pelo Forte Roçadas, e preparando o retôrno ofensivo mais fácil e viável nestas condições.

Roçadas e o seu Chefe do Estado Maior esperam o resultado do reconhecimento mandado efectuar em redor da posição. ¿Continuam pensando que os alemães, «tendo de dar uma grande volta na direcção de Oncuancua para passar desapercebidos da nossa linha de vigilância avançada, e de fazer uma penosa marcha através do mato, sem caminhos, acampem durante a noite nas proximidades de Oncuancua para recomeçar a marcha na manhã de 18?

¿O comando não sabe já que os auxiliares cuamatos desertaram e que Frank pôde reduzir a sua marcha, aproximando-se de Naulila, sem ter de percorrer o arco mais vasto a que obrigaria tal vigilância?

Dos auxiliares, regressam apenas Brod Kop, o preto Catite e o filho de Orlog, declarando que naqueles quilómetros mais próximos não há vestígios de alemães e que os auxiliares cuamatos nas duas linhas de vigilância, a 3 e a 12 quilómetros, tinham fugido todos.

É madrugada...

Concluído o estudo da região, colhidas informações sôbre Naulila, suas linhas de defesa, efectivos, depois do Alferes Vahle ter apresentado o relatório do reconhecimento dos caminhos de acesso por leste, através do mato e condições de defesa do pôsto por êsse lado, Franck que partira, como vimos, dos Morros, na tarde de 17, acampa, já noite fechada, em pleno mato e a uma légua de distância, aproximadamente, das nossas posições.

«A nossa gente encontrava-se numa excelente disposição; não se importava de saber qual a fôrça do inimigo. Estavam todos certos da vitória. Depois da fatigante marcha de tantas semanas, aquela escaramuça ia parecer-lhes uma recompensa...» (1).

Von Vater ficara no Cunene. Franck, dividira a sua tropa em duas colunas. Uma, que êle pessoalmente comanda e o Alferes Vahle guiará através do mato, é formada pela 6.ª companhia da 1.ª bateria de artilharia de montanha, e do pôsto da telegrafia sem fios, muares de carga e auxiliares pretos. Atacará por leste, sôbre a estrada de Oncuancua, no flanco que sabe desguarnecido ou mais fraco. Von Vater, com a fôrça restante, largará do seu acampamento à meia noite, a horas de alcançar o flanco direito, junto ao Cunene, ao romper da manhã. Será Von Vater quem abrirá o fogo, dando o sinal para o ataque da 1.ª coluna. Guia a gente de Von Vater o espião boer Duplessis.

Nas posições de Naulila dum dispositivo linear (¡ três quilómetros de frente!...) nas simples trincheiras e abrigos para atiradores, na 1.ª fase, cavados na areia, nos ligeiros entrincheiramentos, para peças e metralhadoras, sem desenfiamento, mascarados com pequenos arbustos, ramagens e capim, as nossas tropas esperam.

Depois, já quando para os lados do Cuamato o céu dealba, no silêncio enorme destaca-se o ruído lento e longo de viaturas em marcha.

A luz cresce, as estrêlas desmaiam.

---

(1) Dr. Walter Suchiez — *Deutch Südwest in Weltkrieg.* É o médico da bateria de montanha.

XII

O combate

Á meia noite e na madrugada de 18, (Hennig), as duas colunas alemãs largam dos seus acampamentos, regulando a marcha de forma a estar deante do forte ao primeiro alvor da manhã.

A 2.ª Companhia iniciará o ataque às quatro horas e trinta minutos, recomendou Franck.

«A frente da coluna principal aproximou-se, conforme o plano, pelas 4,30m, da extremidade do mato a sudeste do forte. A artilharia achava-se mais para trás, na coluna de marcha, apertada de ambos os lados pela espessura da vegetação». No silêncio da madrugada, Franck espera, com impaciência, o sinal do ataque de Water, no Cunene.

«... Quatro e meia, quatro e três quartos... tudo estava em silêncio... A anciedade tinha atingido o auge...» (Hennig).

«Poucos minutos antes das 5 horas, ouvia-se o primeiro tiro, isolado, apenas perceptível. Tinhamos sido talvez apercebidos, denunciados, pelos pretos e pela nuvem de pó que se tornou tão densa que nos custava manter o contacto com as tropas

marchando atrás de nós. Queriamos surpreender e nós é que eramos surpreendidos».

«Imediatamente (Hennig) caiu sôbre nós um chuveiro de balas».

«Um fogo cerrado, vindo de todos os lados, parecia, fustigava a coluna apressando-lhe a marcha».

«Tudo se apertava, (Hennig) empurrava no caminho estreito em demazia, e o fogo inimigo teria causado enormes baixas no espesso novelo de homens e animais, se os exaltados meridionais não tivessem as pontarias demasiado altas».

«Agora tinham de agir os subalternos». «Foram dadas ordens claras e rápidas». «Conseguiu-se estender em atiradores e meter em posição, relativamente depressa, a artilharia que imediatamente fez fogo sôbre o forte».

O atacante, para proteger o desfile da coluna, em pleno mato, desenvolve fracamente, face às metralhadoras nossas, emquanto a testa da coluna avança, precipitadamente, sob o fogo, para nos atacar a fundo, por Este, no flanco desguarnecido.

«O terreno era tanto quanto possível impróprio para a condução de um ataque. Espinheiros espessos impediam a orientação. Do forte de Naulila nada se via. Se até aqui estavamos em dúvida sôbre as fôrças portuguesas, neste momento desconfiámos que tinhamos de tratar com o inimigo bem preparado».

«Dez minutos depois Franck dá ordem para se abrir fogo e desenvolveu-se o combate» (Vageler).

Os elementos da testa da coluna tinham estendido no mato em frente das trincheiras ocupadas pelo 3.º pelotão da 9.ª companhia e uma patrulha

avançada de dragões a pé. Aos primeiros tiros, aquele pelotão debanda para a retaguarda, seguindo o seu comandante. Os artilheiros alemães metem em posição, à direita da trincheira abandonada, duas peças, e abrem fogo sôbre o forte. A infantaria, à sua esquerda, acaba de estender, avança, batendo, com fogo lento, primeiro os fugitivos, e a face fronteira do forte, a uns 800 metros, depois. O 6.º tiro da artilharia alemã incendeia uma casa, dentro do posto. A seguir outras casas ardem.

Na nossa esquerda, a frente das metralhadoras e landins está já empenhada no combate. De junto da nossa artilharia, para ali se desloca o Quartel General, à cavalo. Vindas da esquerda, enfiando as posições das nossas metralhadoras e artilharia, as granadas e rajadas alemães começam a tornar difícil a situação. A artilharia vai tentar responder, incerta quanto aos objectivos. As metralhadoras, realmente, apesar das interrupções freqüentes, batem, varrem, na sua frente, o mato espesso.

«Agora o fogo (alemão) das peças e metralhadoras facilita o avanço da infantaria». Duas peças Ehrardt, à ordem de Roçadas, fazem uma conversão de frente, procuram bater o inimigo que deve entrar, francamente, pela extrema esquerda.

Mas o fogo dos landins emboscados nas árvores dizima os atacantes. Sôbre os imobilizados na sua frente e os que avançam, ou tentam avançar, por Este, na direcção do forte, os landins e as metralhadoras dos bravos tenente Bettencourt e alferes Varela, fazem um fogo implacável.

Os oficiais alemães cáem. Os tenentes Worberg e Von Stein são os primeiros alvejados. O tenente Gutjhor, ajudante, sofre o seu primeiro ferimento

do dia, frente ao pelotão nosso que defende o forte.

Batido de frente e de flanco, Varela vê avançar os alemães até 50 metros da sua posição e consegue repeli-los. Já sabe que o pelotão da 9.ª Companhia abandonou a posição. No flanco direito da secção Bettencourt os landins não se aguentam.

Bettencourt manda retirar por lanços. E a bateria vai tomar posição agora no flanco esquerdo da 12.ª Companhia.

Varela com uma metralhadora protege o movimento.

Esta Companhia, no flanco direito, fôra já atingida de revez. O capitão Aristides da Cunha, que a comanda, não fôra atacado ainda. É à sua esquerda que o combate é vivíssimo. Então êle certifica-se de que não tem inimigo na sua frente... (o barão Von Vater anda longe ainda, na sua lenta peregrinação dos vaus...) — e abandonando as posições dos seus dois pelotões extremos, desloca-se para o flanco ameaçado. O Chefe do Estado Maior, de acôrdo com Mendes dos Reis que comanda ainda o destacamento, resolvera, na mesma ocasião, atacar o flanco esquerdo alemão imobilizado. Mas só uma secção (Vale Andrade) se mantém deante da primitiva posição das Ehrardt. Os outros pelotões da 12.ª Companhia apresentam-se a Roçadas. Depois à sua esquerda, na nova linha, face a NE, entra a bateria de metralhadoras.

Destas, só três funcionam com interrupções freqüentes. Roçadas já deve saber que o flanco esquerdo está desguarnecido.

Sob a violência do fogo, os landins ressentiram-se dos movimentos das tropas brancas à sua retaguarda. Da artilharia estão feridos três sargen-

tos: Marques, Lemos e Soares. O primeiro está por terra, rodam sôbre o seu corpo as viaturas. Os últimos, sangrentos, batem-se como leões feridos. O forte arde. Toda a tropa recua...

A linha reconstitue-se, desfalcada. Na frente fica apenas agora destacado no flanco direito, perto do flanco esquerdo inimigo, a secção de Vale de Andrade. É com ela que Maia Magalhães vai avançar sôbre o alemão, num ataque de flanco que seria decisivo se feito com maior efectivo e em maior acôrdo com as restantes fôrças.

O fogo inimigo enfraquece ligeiramente. Ninguém vê o inimigo. Quem comanda, agora, é Roçadas, intrépido, a cavalo, correndo de fracção a fracção, desbaratando valentia que resultará inútil, no desordenar de esforços, sem notícias, sem ligação com o posto para onde mandou uma ordenança que não volta. O capitão Esteves, flanqueado pela 12.ª, continua o fogo com duas peças Ehrardt.

Combatendo como um soldado Roçadas, sempre a cavalo, tenta progredir na direcção de NE, contra-atacando. Em dois lanços, sob a protecção das metralhadoras que fazem fogo vivo, os pelotões da 12.ª, aproximam-se do inimigo, avançam uns 50 metros. Só duas metralhadoras fazem fogo. A artilharia não pode acompanhar a progressão; gado e condutores ficam para a retaguarda; a pulso, as viaturas arrastam-se dificilmente na areia. As guarnições estão extenuadas. Já o tenente Lobo se juntou, com a sua peça, ao capitão Esteves, que se dirige com as três da sua bateria para os imbondeiros próximo do vau do Cunene, a escolher posições.

Uma metralhadora de Bettencourt é inutilizada a seguir.

O fogo alemão recrudesce, sobretudo o fogo das duas metralhadoras infatigáveis, que nada cala.

Invisíveis. Estão a uns 250 metros da nossa gente que retira de novo. As Maxins protegem o recuo emquanto as suas guarnições tombam ceifadas. O bravo tenente Bettencourt é ferido duas vezes. O sargento Serra Mendes, serventes e condutores, cáem mortos ou feridos.

A secção Vale de Andrade que, como vimos, avançara com Maia Magalhães, desiste do contra-ataque ao flanco esquerdo alemão, junta-se às fôrças de Roçadas que retiram. As metralhadoras estão encravadas, inutilizadas.

A tropa de Roçadas recua de novo. Está agora, reconstituindo-se, ao Sul do Posto, preparando nova avançada, audaciosa, desordenada e inútil.

Maia Magalhães, desde as trincheiras dos landins, à direita das metralhadoras, vira arder o forte e as tropas, na esquerda, landins e metralhadoras deslocarem-se para a retaguarda, ocupar uma posição nova, abrir fogo numa diferente direcção.

Ele tenta sustar o movimento desordenado de alguns grupos de landins e soldados brancos. Ràpidamente dirige-se ao flanco direito, à primeira posição da artilharia. No caminho encontra o capitão Mendes dos Reis. Os dois, trocam rápidas impressões, acordam ordenar ao capitão da 12.ª, Aristides da Cunha venha atacar o flanco esquerdo alemão. Na posição de artilharia o tenente Lobo só com uma peça (já Esteves se deslocou para a esquerda), espera.

A ordenança enviada à 12.ª regressa. A 12.ª, diz, já não está na posição. Tinha vindo para a esquerda por iniciativa do seu comandante. Para

o lado do rio, longe, avistam-se tropas montadas... E' Aragão talvez... Se forem alemães o alferes Figueiredo far-lhes-há frente, no vau Cabelo.

Maia Magalhães vai procurar Roçadas. Segue pela retaguarda das trincheiras dos landins, onde ainda há alguns, mas continuando outros para a a retaguarda e aos grupos, abrigados com o mato e árvores; indo mais para a esquerda, vê mais praças, soldados e graduados, tanto de landins como de infantaria 14, uns deitados, fazendo fogo, outros detrás das árvores, outros retirando. «Não encontrei oficial algum que me pudesse explicar o que era aquele movimento de tropas, o que se tinha passado no flanco esquerdo, e qual, daquele lado, a situação das nossas fôrças e a dos alemães. Um cabo de infantaria que vinha em retirada, com uns soldados do 14, e a quem intimei parasse, disse-me que tinham recebido ordem de ir para a retaguarda Eu não percebia a que obedecia essa ordem (se é que a tinham dado), pois não via ali, movimento dos alemães que a justificasse. O tiroteio continuava violento, é certo, tanto de infantaria, como de artilharia e metralhadoras, mas os alemães não avançavam na altura em que me encontrava e que era à retaguarda e perto das trincheiras dos landins mais próximas das trincheiras das metralhadoras.

Disse ao cabo e soldados, assim como a um grupo grande que estava mais longe, abrigado com um grande imbondeiro e onde vi uns sargentos, que se mantivessem ali para se juntarem a outras fôrças que eu ia arranjar para o ataque de flanco.

Nessa ocasião vi, para a minha direita, um grande grupo de landins que vinham de frente e corriam para a retaguarda. Procurei detê-los. Alguns, poucos, pararam; outros não atendiam a nada. Os

landins não sabem retirar com ordem. Julgam que ir ocupar uma posição à retaguarda é fugir e, por isso, é difícil detê-los na sua carreira.

Estavamos agora sendo batidos fortemente pela infantaria e metralhadoras alemãs que crepitavam com intensidade.

Apareceu-me, vindo da direita, da posição da artilharia, o alferes da 12.ª Val de Andrade, dizendo-me que tinha estado sempre com uma secção do seu pelotão, em apoio da artilharia, no flanco direito; que, depois, o capitão Reis lhe dera ordem para ir à esquerda daquela posição, a ocupar um local donde se devia partir para o ataque ao flanco esquerdo alemão, quando chegasse o resto da 12.ª

Para lá fôra, mas que a artilharia já lá não estava agora, saira não sabia para onde, nem, portanto, para onde êle próprio devia dirigir-se» (Do relatório do Chefe do Estado Maior).

Maia Magalhães e Vale de Andrade voltam ao flanco direito onde não encontram o capitão Reis ou tenente Lobo.

O Chefe do Estadò Maior ordena ao jovem oficial do 14, venha, com a sua secção e com êle, atacar o flanco esquerdo dos alemães. Vale de Andrade comunica-lhe que na orla do mato fronteiro à posição abandonada pela 12.ª, andam cavaleiros...

¿Não será conveniente ir deter-lhes o avanço?

Maia Magalhães, com o seu binóculo, na margem do Cunene, mais descoberta, distingue uma massa de cavaleiros, com efeito. ¿Portugueses de Aragão? ¿Infantes montados da Dámara? O pormenor do uniforme, a aba do chapeu levantada, nos alemães, que os distinguiria, não lhe permite a distância reconhecê-lo. E de novo Maia Magalhães se lembrou, confiado, de que no vau de Cabelo, se encontrava

o alferes Figueiredo e os seus bravos sargentos... O que era preciso, primeiro e imediatamente, — êles estavam longe ainda, — era realizar com a maior rapidez «o movimento de flanco seguindo, da altura das trincheiras dos landins, numa direcção perpendicular à nossa primitiva frente de Oncuancua, para, depois de chegar à linha alemã, conversionar à esquerda e bater inimigo de flanco e pela retaguarda».

«O alferes Val de Andrade avançou imediatamente com a sua secção, à qual juntei vinte e tantos landins que um sargento conseguira fazer voltar à frente e me seguiu mal eu lhe dei ordem para me auxiliar».

Brancos e landins entram pelo mato, vão de moita em moita, de árvore em árvore, sem fazer fogo. Na sua frente não se ouvem tiros. Só à esquerda se combate.

O mato encobre-os... Mas agora, ao atravessar uma clareira, o alemão vê-os, alveja-os. Na sua frente anda gente a cavalo. «¡A cavalaria alemã, dizem os soldados!». Vão fazer fogo.

Maia Magalhães não o permite... E um soldado de dragões apresenta-se, da parte do tenente Aragão.

Maia Magalhães não consegue entender o que êle deseja e manda-o para a esquerda, para o comandante Roçadas.

O moral da pequena fôrça atacante é explêndido. O chefe do Estado Maior, o alferes Andrade e o sargento, erguem-lhe o entusiasmo, e só o fogo mais vivo do alemão consegue demorar-lhes a carreira.

Então, os dois oficiais, avistam, a uns 500 metros cá para trás e à esquerda, soldados nossos do

14 que, numa frente oblíqua à sua, contra-atacam na direcção da artilharia alemã que faz ainda fogo na direcção do forte. Roçadas contra-ataca com parte da 12.ª, as metralhadoras e alguns landins.

Ao vê-lo, a pequena tropa de Maia Magalhães exulta, obliqua um pouco à esquerda, avança também na direcção da artilharia alemã. Esta cala-se.

¡Eram os alemães que retiravam, decerto! A posição inimiga estava a 250 metros. ¡Á baioneta! Já algumas praças iniciavam o avanço, de novo, quando, para a esquerda, viram as nossas tropas voltar ràpidamente à retaguarda. Maia Magalhães procura a causa dêste recuo, «desta volta tão intempestiva para trás». «Não vi nada; não consegui descortinar um único soldado alemão ou metralhadoras, mas sentia que estavamos sendo intensamente alvejados».

Sôbre o recuo de Roçadas a artilharia alemã redobrou o fogo. A nossa pequena linha, que ocupava uma frente oblíqua à frente alemã, começou a ser batida de enfiada. Os alemães prolongaram a sua linha para a direita, devendo estar próximos, ocultos no mato, do nosso flanco direito.

Duas peças alemãs, à vista de Maia Magalhães, continuam o fogo. O Chefe do Estado Maior supõe que o recuo das fôrças portuguesas à sua esquerda fôra provocado pelo avanço alemão. E como aquelas fôrças se haviam distanciado, na direcção do forte, êle dá ordem, temendo ser delas separado ou ficar isolado ali e sem acção, dá ordem ao alferes Andrade para se deslocar para a esquerda de forma a manter contacto com elas. Soldados do 14 e landins deslocam-se nessa direcção. Não voltam.

Na frente ficou Maia Magalhães ainda, exami-

nando o terreno, a ver se lobrigava as posições alemãs. Vinte minutos depois, o tiroteio suspendia-se.

¿Quem vencera?

Mas de novo começava o combate, agora com a maior violência, sobretudo, na direcção do caminho do Otoquero e Forte.

Perseguido, alvejado por tiros inimigos, sòsinho, Maia Magalhães segue ao longo da antiga posição.

Pelo caminho há mortos e feridos abandonados.

A um dêles levanta-o, condu-lo à sombra de um imbondeiro, faz-lhe um penso. Duas espingardas, que encontrou abandonadas, trá-las consigo.

Descái à esquerda na direcção do forte. Avista-o. Parece que dentro há gente batendo-se. Roçadas talvez com a sua gente, num último reduto, resistindo para poder tomar de novo a ofensiva e esperar a chegada das fôrças do Calueque, quer tivessem vindo ao rebate do fogo ou por ordem que o Comando lhes houvesse enviado. Eram nove horas no seu relógio. Maia Magalhães, sempre alvejado pela sua direita, aproxima-se do forte.

«*Pouco mais ou menos duzentos metros diante do forte* — escreve o Dr. Vageler em 12 de Janeiro de 1915, no *Sudwest*, jornal de Winduck — *fez o inimigo a última e enérgica resistência e, na verdade, o forte estava fortemente ocupado. Aqui teve a nossa tropa diferentes perdas. Caíram mortos os tenentes Scherer-Rosenhof e Goanus*».

O tenente António Rodrigues Marques, da 9.ª Companhia do 14, recebera ordem em 17, para ocupar com o seu pelotão (o 2.º), uma posição à esquerda do 3.º pelotão (Piçarra) da mesma Companhia. Mas o tenente Marques é provisor do des-

tacamento de Naulila. O seu serviço é necessário no forte. O comandante Mendes dos Reis dá-lhe ordem para retirar para o pôsto, onde a presença de Marques é necessária.

No pôsto Marques, entrega-se à sua função de provisor. E contrariado. Por mais de uma vez desejara serviços de risco. No forte estabelece ligação com o pelotão avançado. Depois, com as tropas a postos, correm as horas da noite.

Marques é um dos melhores elementos das tropas de Naulila. O seu moral de soldado, o seu excelente moral de combatente, ainda hoje é celebrado, elogiado por camaradas de então e subordinados seus. Simples, rude, patriota, fiel, como Alves, como Sereno, homens que marcham para a Morte, na expressão comovida do tenente Aragão, sem ter, a animá-los o fervor e o idealismo que conduz e exalta outros. Na sua acção de Chefe, porém, há inteligência, compreensão, idealismo... o dos homens que obedecem ao imperativo de uma alma, que a tem viva, alta e activa.

Ao dar-se o alarme, na madrugada de 18, Marques procura reünir ao seu pelotão todo o pessoal do pôsto. Encontram-se nele o alferes de dragões Joaquim Maria Alves, gravemente doente, os doutores Moreira e Fontes, o tenente veterinário Sousa, e o alferes Pinheiro, do Secretariado Militar. Na enfermaria improvisada, há doentes, os dois feridos do recontro de 12, os dragões de Aragão, Alfredo dos Prazeres e Manuel Cardoso, ambos com graves fracturas nas pernas, e alguns maqueiros. Só o Alferes Alves e um 2.º cabo de dragões, n.º 22, o cabo António Roiz, da 16.ª e alguns doentes se juntam a Marques. Este procura demover o seu admirável camarada, alquebrado de febre... Al-

ves, olhos ardendo, quere ficar; teima e fica. Tem já uma espingarda nas mãos.

Marques sái de junto dos seus homens, avança na direcção do fogo e vê que o 3.º pelotão retira, debandando. O seu comandante, alferes Piçarra, passa-lhe ao lado.

— ¿Está ferido? pergunta Marques.

— Que eu saiba, não, responde o outro, afastando-se para a retaguarda.

Abandonadas as trincheiras da frente, Marques vai defender-se onde está. Doze soldados do pelotão em fuga estacam deante do pelotão de Marques e, sem que ninguém os force, ficam. Outros, muito poucos, aproveitaram a saída dos oficiais que estavam no pôsto e fugiram com êles. Os feridos graves ficam, abandonados...

O capitão Homem Ribeiro procura reter os seus homens, persegue-os; passa desesperado e indignado, entra no pôsto e vai cair, morto, no ângulo junto de um imbondeiro que olha o Sul.

Duas peças alemãs entraram já em posição junto das trincheiras abandonadas, abrem o fogo, e, ao sexto tiro, incendeiam uma casa do pôsto. As outras casas ardem pouco depois.

— ¡Soltem o gado! grita uma voz que foge...

Marques avista os primeiros atiradores inimigos a 600 ou 700 metros, avançando por lanços, cobrindo-se mùtuamente pelo fogo. Então o pelotão inicia o seu tiro. Os alemães, lentamente, avançam; respondem com fogo violento. O pôsto arde. A artilharia alemã já não o bate, mudou de objectivo. As granadas do nosso improvisado paiol rebentam dentro dos cofres. O tempo, insensível, passa sô-

bre o combate. Os alemães estão a 200 ou 250 metros das nossas trincheiras.

Demora-os agora, vai longamente retê-los o obstáculo das abatizes ali postas e o fogo do pelotão de Marques.

Mas a explosão das granadas, dentro do forte, ameaça os nossos homens e o tenente considera perigoso conservá-los ali.

Faz deslocar para a esquerda a 2.ª secção e resolve avançar com a outra até à altura do forno de pão, 150 metros à frente da trincheira, apoiando o flanco direito num paredão junto ao forno. O avanço faz-se sob a protecção do fogo vivo da secção à retaguarda, debaixo do fogo violento, raivoso, dos alemães. Da nova posição estava descoberto o flanco esquerdo dêstes. Marques bate rudemente êsse flanco. O alemão parece hesitar e retira do flanco exposto algumas filas que vêm abrigar-se à retaguarda.

Já o alferes Alves caíra, morto, de espingarda na mão.

Só duas palavras: — ¡Nossa Senhora! — e ficara entre os feridos, os mortos e os combatentes da trincheira. Mortalmente ferido caíra também o único sargento do pelotão, Baltazar Carlos dos Santos... O 2.º cabo de dragões jazia por terra... E outros... Marques foi já ferido duas vezes. Comandam as secções, agora, os cabos António Pereira Afonso e João Alves Nunes... O alemão continua imobilizado... Marques espera resistir até chegar um auxílio, ou as nossas tropas, que lhe parece terem retirado das posições primitivas, caírem de novo sôbre o atacante.

As horas passam. ¿Quantas? Debaixo de fogo

não se contam horas. O tempo, para os valentes, corre mais ligeiro.

Os nossos atiradores abrigam-se detrás de um tronco de árvore, paralelos à frente de combate. Á esquerda, por trás de uns carros, abrigam-se e fazem fogo outros... Com intermitências no fogo que recrudesce, mal o alemão se descobre, as horas passam e somam-se as baixas. Para Sudeste o fogo abranda. Depois cresce de novo, mais longe agora, ao Sul.

Marques estava convencido da nossa victória.

Então os alemães avançam pelo flanco esquerdo da sua linha, coberta com a cruz vermelha, uma maca rodada. Os nossos suspendem o fogo. A maca é uma peça que dispara sôbre os carros à nossa esquerda, incendiando-os. A peça procura alvejar a seguir o forno de pão, mas o fogo dos nossos soldados não deixa fazer a regulação do tiro.

Marques ouve ainda o fogo das nossas fôrças. uma metralhadora e uma peça, parece-lhe... Conta com a vitória ainda... E continua, confiado, a sacrificar a sua gente. O corneteiro José Nunes de Carvalho, de rojos, revista as cartucheiras dos mortos e feridos, recolhe as munições que escasseiam aos vivos.

Para o Sul combate-se. Depois o fogo diminue, tiros isolados, últimos tiros...

A situação das fôrças alemãs é crítica. Supõem-se atraídos a uma cilada e as fôrças que lhe manobram à esquerda inquietam-no.

As baixas atingem 60% dos efectivos. Franck foi ferido. Uma bala vinda do alto de uma árvore

esfacela-lhe a face e vai alojar-se no ombro. O tenente Gutjhor, seu ajudante, é novamente ferido. São mais de oito horas. Franck abandona o comando.

«Está tudo perdido, diz na ambulância. Não volta um alemão à Dámara...».

Ele deu ainda ordem para o assalto ao forte.

¡«Que se apresse o assalto»! E é o capitão Trainer da artilharia, que comanda agora.

¿Von Vater? Da 2.ª companhia nada se sabe. Vencida talvez. O capitão Weiss comanda um resumido núcleo da 6.ª Companhia. Os maqueiros erguem do chão, deante do forte, e no mato, numerosos feridos. Um canhão suspende o fogo e entra na linha mais avançada. Depois calam-se, quási, ao redor do forte, os canhões e as espingardas... Ao Sul Von Water deve estar batendo-se...

Já Roçadas e a sua centena de infantes, ao Sul do pôsto que deve supor ainda defendido, sem metralhadoras, quási sem munições, tentara, em vão, aproximar-se de Naulila, avançando na direcção Nordeste. De todas as suas qualidades de chefe, a maior de todas, suplantando-as infinitamente, é a sua bravura. Correndo de grupo em grupo, agora, arrastara os homens, em turbilhões de esfôrço desordenado...

—*¡Eh rapazes! ¿Quem vém daí comigo?* E apontava na direcção do pôsto.

Os rapazes largam na direcção do forte. Com duas peças, o tenente Lobo deve acompanhá-lo(1).

(1) «Chegado junto do Sr. Comandante de Bateria, recebi de novo ordem verbal para ir com duas peças (n.º 2 e 4) pro-

Nem a fadiga, nem as mortes, os gemidos dos camaradas por terra, lhe diminuia a coragem inútil.

Alguns landins, soldados da 12.ª, Aristides da Cunha, Cabral, Val de Andrade, e outros, lá vão.

Mas na sua direita landins e brancos cedem logo à fuzilaria que se reacende mais viva.

A pequena tropa recuara. Depois numa encosta a OE do forte, junto ao Cunene, Roçadas procura ainda observar o que se passa... Não descortina Marques que continua batendo-se... Ao momento o fogo alemão parece suspenso... À sua direita manobram tropas montadas. ¿É Aragão?

A 12.ª, o Estado Maior, os sobreviventes das metralhadoras e os landins, retiram. Em ordem, a diminuta fôrça vai atravessar o Cunene.

¿Pensa alguém, nessa altura, nos feridos, nos convalescentes, nas tropas que nada prova de uma maneira clara não se estejam batendo ainda?

¿Que notícias há delas?

Um sinal de corneteiro, uma ordenança, uma patrulha, um oficial que chegasse ao pôsto, avista-

---

teger um contra-ataque feito pela nossa infantaria ao forte de Naulila. Segui então com a divisão a colocar em posição nuns pequenos morros que deviam servir para o fim em vista e quando me dirigia para êste local encontrei o Sr. tenente Ernesto Bertoldo Machado — sub-chefe do Estado Maior — que me indicou o vau de passagem, ficando o Sr. Comandante de bateria com uma peça, na retaguarda, na posição que já há tempo estava ocupando. Chegado ao local que tinha escolhido meti em combate as peças, vendo em seguida que a nossa infantaria que ia fazer o contra-ataque marchava não na direcção do forte mas sim na do vau que me tinham indicado para a passagem, pelo que retirei na direcção do mesmo vau...».

ria, decerto, avisaria a gente de Marques. A artilharia do tenente Lobo, diz êste, vê cavaleiros alemães nas imediações do pôsto. Faz-lhe os últimos tiros que leva nos cofres.

Roçadas passa o Cunene. São 9,5. ¡Ah! e não lhe minguou a coragem, sempre intemerata, inabalável, face aos perigos mais ameaçantes!

¿Quem o leva assim?... Já passou o Cunene. E em Naulila há portugueses ainda. Aragão, ao Sul, a pouca distância, caíra ferido, frente ao invasor.

Os alemães preparam o assalto.

Marques na sua trincheira avançada, entre mortos e feridos, ferido êle mesmo, percebe-lhes o desânimo e fraqueza.

¡Pode lá suspeitar uma retirada! ¡Não! ¡É só a vitória que se anuncia no silêncio! Mortos e feridos, vivos e mortos, contam com ela.

Alves, o alferes Alves, já na graça de Deus por graça da sua última formosa hora de vida, está no chão sangrento, de face ao alto...

Marques e os seus homens válidos, nas duas trincheiras permanecem de peito colado à terra, a face atenta sôbre as culatras das Mauser's...

O alemão prepara o assalto. Da 6.ª companhia poucos alemães restam válidos. Os artilheiros abandonam as peças, vão entrar na linha frente à trincheira, último reduto de Portugal em Naulila.

Maia Magalhães entra no forte pela face Sul...

Tudo fôra incendiado. Ao meio dos escombros presos a uma corda do piquete, há cavalos mortos, e moribundos. Outros, que conseguiram libertar-se, passam, cavalgados, a essa hora, o Cunene. Um carro de munições arde detonando...

Então o Chefe do Estado Maior, uma amargura angustiada o toma sùbitamente, pensa que Roçadas deve ter seguido na direcção de Otoquero... Um soldado de dragões passa, fora, pela face Sul.

Maia Magalhães chama-o. Êle conta que o seu esquadrão fôra destroçado, o tenente Aragão ferido ou morto... ¿É então o desastre?

E não podendo seguir para o Otoquero segue na direcção do Norte, sem ter avistado, a Este do forte, Marques que não viu ainda a derrota, que se bate ainda, e o viu passar, a êle, sem o reconhecer: «um oficial com duas espingardas nas mãos...».

Trainer mandara assaltar o forte.

«Era necessária uma decisão rápida. A situação não podia manter-se por muito tempo e um insucesso do nosso ataque representava a ruina, a destruïção de todo o nosso pequeno exército». Havia uma única solução: abandonar os canhões e ordenar o assalto utilizando os artilheiros. «Vinte e oito homens, sendo vinte e dois artilheiros, calam baioneta e avançam...» (Doutor Walter Suchiez).

«Com o capitão Weiss e o tenente Bieder avançam...» (Hennig). Que os alemães de Franck andam dispersos, os válidos, pelo SE e pelo Sul.

Marques manda fogo vivo, quási à queima roupa.

Os alemães atingem a secção mais avançada. A da retaguarda abre o fogo. Já Weiss aponta uma pistola a Marques, agarrando-o por um braço; cada soldado alemão procura cobrir-se com os corpos dos soldados válidos ou ligeiramente feridos, à maneira de escudos. Mas a secção à retaguarda, à esquerda não interrompe o fogo sem que Marques lho ordene. Os primeiros soldados montados de

Von Water chegam, cáem sôbre a retaguarda, vindos do Sul.

Eram ao todo vinte e tantos portugueses. Os outros jaziam mortos ou feridos sôbre o chão ensanguentado.

«*No forte, o quadro de destruïção era o mais completo. Estava reduzido a cinzas; a guarnição das trincheiras tinha morrido quási toda*» (Hennig).

As 9 horas e 50m, Roçadas transpuzera o Cunene no Vau Chiquenda. Levava consigo 18 oficiais e 140 praças, aproximadamente. Em ordem, pela, estrada de areia, sob o sol ardente, alongada e lenta, a coluna seguiu para a Dongoena onde chegou às quinze horas.

Durante a passagem Roçadas envia dois oficiais ao Caloeque, levando a ordem, a Salgado, para retirar também sôbre aquele pôsto. Os oficiais voltam sem ter entregue, pessoalmente, a ordem.

Maia Magalhães que passara o Cunene a montante do Chiquenda, pelo meio dia, chega à Dongoena às 18, 30m.

Roçadas está já a cavalo, com as suas reduzidas fôrças prontas para iniciar de novo a tristíssima marcha.

O chefe do Estado Maior apresenta-se. O destemido soldado do Cuamato e o heróico soldado de Chaves encaram-se.

O olhar de Maia Magalhães é uma chama ardente.

— «*¡ Comandante, no meio desta vergonha, só uma consolação me resta: é que fui o último a sair de Naulila !*».

Já a cavalo, Roçadas aperta-lhe a mão. «Monte

a cavalo e venha. Não podemos deter-nos. No caminho lhe contarei... ».

¿E Von Water?

Saído do seu acampamento à meia noite, Von Water não chegará a tempo ao seu destino. As fogueiras deixadas por Aragão em Nangula enganam-no, fazem-no suspender a marcha. O boer Duplessis, guia de coluna, calculara mal a distância do acampamento a Naulila. Ao romper da manhã estava o Barão Von Water a oito quilómetros dêste pôsto esperando as 4,30, e supondo-se em frente do flanco direito das nossas posições. Reconhece o êrro. Está em Nangula e tem na sua frente apenas os landins do pelotão de Losa, a secção que o sargento José Júlio da Costa comanda, de guarda ao vau. Trocam-se tiros.

Von Water hesita, a sua fôrça desenvolve em atiradores na orla do mato. Já troa o canhão no NE. Os alemães perdem tempo, por fim avançam subindo o Cunene. Adiante estacam de novo.

No escarpado, frente ao vau, há fogueiras que morrem. Von Water é prudente. E de novo o tempo se perde emquanto o canhão pontôa o rolar raivoso da fuzilaria, lá para cima... Não há tropas portuguesas no vau Nahôlo. Water larga de novo para a mais comprida étape do seu dia.

No vau do Cabelo (ou Cabero), está o alferes Amadeu de Figueiredo, da 9.ª Companhia, como acima dissemos. Tem consigo 58 homens e dois destemidos sargentos, Saraiva e Oliveira Leite.

O pelotão ocupa na margem esquerda, face ao Sul, a leve encosta de um montículo adjacente à

margem orlada de canaviais. Á frente, vigiando, tem duas vedetas e, na sua esquerda, um pôsto à cossaca. Entre a posição do pelotão e a primeira vedeta passa o caminho para Naulila.

Ao romper da manhã surpreende-os o fogo solto, o troar do canhão, o matraquear rápido das metralhadoras... Pouco depois, sôbre o arvoredo, uma coluna de fumo deixa perceber que o pôsto está ardendo.

Mas nem porisso receiam do final do ataque.

Tomam disposições, mesmo, para se aperceberem da retirada do assaltante e cortar-lha.

Ás seis horas, aproximadamente, sem parar, Aragão passa com os seus homens; uns 50 cavalos, e o alferes Sereno e o alferes Andrade que já não tinha sob seu comando os auxiliares cuamatos.

— ¿ Ó Figueiredo, queres vir? — grita Aragão...

Figueiredo recusa. Tem uma missão a cumprir ali... O esquadrão desfila, sôbre as ligeiras ondulações próximas, desaparece na direcção de Naulila.

Ás 6,30, o sargento Leite está junto da vedeta mais avançada. Um dos homens chama-lhe a atenção para um tiro dado, longe, no mato... Os portugueses deitam-se, vigiando sempre. Daí a pouco, destacam-se do mato fronteiro, a uns 100 metros, os cavaleiros da testa de uma coluna montada...

Pela fita verde que lhes debrua o chapeu, o sargento Leite reconhece não serem portugueses.

— ¿ Quem vem lá? A uma voz de comando, em alemão, os cavaleiros apeiam, retrocedem ràpidamente, e ocultam-se de novo na espessura. Leite dispara sôbre a coluna o primeiro tiro, os dois soldados de vedeta atiram também. Ocultos os cavaleiros alemães, os nossos continuam o fogo na sua direcção.

Entretanto o alferes Figueiredo avança e estende em atiradores alguns metros atrás da vedeta, sôbre o montículo ao lado do caminho. Os alemães começam o fogo; Leite e os dois homens incorporam-se na linha do pelotão. Mas a elevação adjacente à margem tem um maior comandamento. Por secções, o pelotão retira e ocupa-a. Já o alemão tentava pela sua direita um envolvimento. O seu fogo é violento. Temos baixas, três mortos e cinco feridos, um dos quais é o alferes Figueiredo.

O fogo dura há quási meia hora quando Figueiredo resolve fazer a defeza na margem direita. Na margem esquerda fica o sargento Leite com uma secção emquanto a outra atravessa o rio e vem tomar posição na margem oposta.

Depois a primeira secção vem ocupar a ilhota ao meio do rio. A missão do pelotão é impedir a passagem do Cunene. Mas o inimigo não tenta passar o rio. Saqueia um carro de víveres que ficara na margem esquerda e, ràpidamente, avança de novo.

Ás nove horas sabe Leite que as nossas tropas já não estão em Naulila. É um preto quem traz a nova.

Pouco depois um sargento vagmestre do provisor do 14, o honrado tenente Moreira de Almeida, confirma a notícia. Leite abandona a ilhota, escolta os carros de víveres que estavam acampados, perto, sob a direcção daquele oficial. Vai a caminho da Dongoena. São dez horas. A meio da marcha encontra o chefe do Estado Maior e uma coluna de feridos e retardatários por êste organizada.

Von Water avança sôbree Naulila, convencido de que desalojou, à baioneta, de sucessivos entrincheiramentos, uma companhia portuguesa, como

em Nangula... Assim relatará depois, pelo menos...

Aragão ao romper da manhã, no vau Naholo, um quilómetro a montante de Nangula, manda saír patrulhas na direcção de Nangula e de Oncuancua.

Ao ouvir os primeiros ruidos do combate para NE, em Naulila, decerto — julga-se até certo ponto iludido pela coluna que teria marchado junto do rio, e passado avante...

As patrulhas voltam sem notícias. O juizo confirma-se mais. Monta a cavalo... Ás seis horas da manhã já vai a caminho com os seus homens, ao longo do rio até ao vau Cabelo, convencido de que as tropas inimigas encarregadas do ataque ou já tinham passado ou não marchariam ao longo do rio. Uma ordenança, vinda de Naulila, diz-lhe que o esquadrão de dragões deve ir «atacar o acampamento inimigo». Em Naulila trôa a artilharia.

¿Que acampamento inimigo? Frente aos morros pouca gente ficou, se ficou alguma no acampamento alemão. A sua mocidade intuiciona a situação e procede de acôrdo com a lógica da realidade.

A ordenança segue para o Caloeque. É portadora de uma ordem escrita para Salgado.

Veremos que Salgado recebeu, às 7,45 do dia 18, essa ordem escrita. ¿Foi esta ordenança que lha entregou, a que verbalmente transmitiu a Aragão a ordem do ataque ao acampamento alemão e do mesmo recebeu indicações para mais depressa chegar ao Caloeque?

Aragão ao receber a comunicação verbal insta com a ordenança, e reiteradamente, «não se desobedece levianamente a uma ordem de ataque» — pregunta-lhe se não traz consigo algum papel escrito

para êle. A ordenança responde negativamente, acrescentando estar encarregado de transmitir a mesma ordem a Salgado. ¿Verbalmente? A ordem recebida por Salgado, às 7,45, era escrita. A ordem escrita ao comandante de dragões não o mandava atacar o acampamento. Tudo leva a crer que, não tendo o portador desta encontrado Aragão, foi a ordenança portadora da ordem escrita para Salgado quem o informou imprecisamente.

Aragão tem razões para decidir-se. As circunstâncias em que o comando lhe podia ordenar a cooperação no ataque ao acampamento inimigo do Caloeque, a ser verdadeira a ordem verbal transmitida pela ordenança, já se modificaram. As fôrças ficadas no Caloeque devem ser mínimas. E próximo, evidente está agora outro objectivo. Mesmo as fôrças alemãs do Caloeque podem ter passado para Naulila, também, durante a noite. A sua missão, quanto às suas linhas principais, é manter contacto, informar a tempo, evitar o avanço inimigo sôbre as posições de Naulila sem prévio aviso, etc. — Está já prejudicada. O inimigo ataca em Naulila...

E Aragão entranha-se, com os seus dois pelotões, pelo mato, em direcção ao forte.

As 6,45, pouco mais ou menos, coberto pelas suas patrulhas, atinge um ponto que devia ficar, aproximadamente, 1500 metros ao Sul da posição da 12.ª companhia. Estão já sob o fogo os dragões. Schrapnels e rajadas de metralhadora alvejam-nos, vindos do norte, obrigam Aragão a pôr a coberto os seus pelotões. Já destacara, há muito, para a frente, as patrulhas de combate. Depois passa o comando a Sereno e, com o alferes Andrade e uma ordenança, adianta-se, reconhece as posições da

12.ª que encontra abandonadas, e a seguir o flanco esquerdo das tropas de Franck.

Resolve atacar êste flanco, convencido de que todas as fôrças inimigas estão em frente de Naulila. Na direcção do forte, com o fim de estabelecer ligação com o comando, envia uma patrulha que nunca volta. Já os pelotões marcham contra aquele flanco. Um cavaleiro tomba. Mas um soldado da patrulha que manobra do lado do rio, vem comunicar a Aragão, que atraz deles, ao longo do Cunene, na direcção do forte, marcha outra coluna inimiga. Ele vem reconhecer a nova coluna, com Andrade, calcula o seu efectivo em 200 homens e resolve imediatamente atacá-la. «Marcha a coberto do mato até uns 800m ao S. da posição abandonada pela 12.ª, manda apear um pelotão (20 homens) e estender em atiradores... A coberto do mato, emquanto o pelotão de Sereno espera, àbrigado, a pequena linha avança, vai até uns 300m do inimigo, abre o fogo, avança de novo, por lances, procurando infiltrar elementos entre o flanco esquerdo do alemão e o rio. Nesse flanco o alemão cede, deixando a descoberto duas peças de artilharia, garante Andrade. O fogo inimigo é intenso. As nossas baixas são ligeiras. O flanco inimigo começa a ser envolvido. Os alemães e os nossos estão a 150m. Ouvem-se, de parte a parte as vozes do comando. O inimigo recua no flanco envolvido. Mas, por sua vez, o flanco esquerdo da reduzida linha portuguesa, começa a estar em perigo. O avanço do flanco direito alemão vai a envolvê-la. Aragão receia ver-se separado dos seus cavalos e do pelotão de Sereno, ser atirado sôbre o rio... Manda a Sereno uma ordem. Grita-lhe quando êle se apróxima carregue o flanco direito alemão. A superioridade do ini-

migo é manifesta. Agora combate-se apenas pela honra.

Sereno mete a galope e, mal sai da posição, tomba do cavalo. Há uma flutuação na tropa que carrega; alguns dragões chegam ao contacto, o alemão retira, recua o flanco avançado. Ao abrigo dessa retirada, Aragão recua também a sua linha de atiradores e recomeça o combate em condições melhores. Do pelotão de Sereno, dois sargentos fogem para o Sul, arrastando algumas praças, sob os insultos e ameaças dum cabo, o 155, Raul Gonçalves, que tenta levá-los de novo ao combate. Algumas regressam, trá-los o cabo á linha de atiradores... São 30 os que se batem agora... De novo vão ser envolvidos, pelos dois flancos, sob o fogo violento do alemão que redobra de esforços.

E' preciso retirar por fim. Aragão dá a ordem. Os dragões alcançam os cavalos e, perseguidos, tomam a direcção do forte. Quando vão alcançar as posições abandonadas pela 12.ª, inesperada fuzilaria, de frente, recebe os cavaleiros. Já havia alguns elementos alemães, vindos do flanco esquerdo da coluna Franck, nas posições que haviam sido nossas... Os dragões, vão sôbre eles, passam a galope, saltam as moitas do mato os cavalos, vão como uma tromba, deixam já atraz de si as trincheiras. Alguns soldados ficam no caminho, a montada de Andrade é morta.

Aragão, estacando, volta, com o cabo 155, volta a procurar o seu companheiro, deixando o primeiro sargento à frente do reduzido grupo que o acompanha. Uma bala atinge-o, então na coxa. O cavalo despede o cavaleiro. O 155 socorre-o e cai varado. Outros dois cabos são feridos, O tenente Aragão pede que o abandonem. Ata um lenço

sôbre a coxa sangrenta, arrasta-se até junto dum imbondeiro próximo e espera. O alferes Andrade e três dragões, todos apeados, vêm dar com êle assim e propõem levá-lo, atravessar, com êle, o Cunene. Aragão pensa que, a aceitar, os expõe a ficar prisioneiros... Já têm a íntima, dolorosa convicção de que as nossas tropas sofreram uma derrota. Não se ouvem tiros... Contrariado, obedecendo, Andrade parte. Aragão fica sósinho, de novo, à espera... À espera de ser feito prisioneiro ou morto por qualquer cuamato ¿Quanto tempo? Com efeito, um cuamato armado de azagaia surge, exige o casaco do branco, e as botas, e as polainas...

Então, a tempo, um sargento alemão, com braçal da Cruz Vermelha, chega até eles. Saüda correctamente o oficial ferido.

A seguir espanca o cuamato, restitue a Aragão o casaco, condu-lo ao posto de socorros.

Ali, Aragão, encontra-se com Marques que sofre muito dos seus ferimentos; consola-se ao ver que metade dos prisioneiros nossos estão feridos... Salvara-se a honra, pensa...

Depois, com admiração, com respeito, com piedade e com revolta, impotente, vencido, vê desfilar para a fôrca, «de cabeça alta, olhar límpido e sereno, escorrendo sangue dos ferimentos, soldados landins da 16.ª companhia...»

... A grande parte dos oficiais alemães feridos, explicam-lhe, tinham-no sido por eles, do alto dos imbondeiros...

E os landins, no silêncio, sob o Sol alto, alta a fronte, o olhar inocente, passaram para o suplício...

Figueiredo primeiro, no vau Cabelo, Aragão depois, protegeram como vimos as nossas tropas dum desastre maior. As ordens do comando não chegaram a tempo, o que pouco importou.

No Caloeque ao romper da manhã, Salgado não recebera ainda a ordem, enviada na véspera, em que se lhe determinava atacasse, o mais cedo possível, o acampamento inimigo da margem fronteira. Vimos que disposições tomara, em 17, à noite, na previsão dum ataque...

A sua missão era, assim o entendia, forte das instruções em 15 recebidas, «defender os vaus de Caloeque e Nangula, opôr-se ao avanço do inimigo pela margem direita do Cunene nas direcções de Naulila e Dongoena».

As instruções para o destacamento da Dongoena entregues em 4 de Dezembro ao Major Salgado pelo Sub-Chefe do Estado Maior, no reduto Moçambique, essas determinavam a «cooperação, como na altura vimos, sublinhando, dêste destacamento com o de Naulila, quer o inimigo ataque Naulila pela margem esquerda, quer pela margem direita do Cunene».

As instruções de 15 afastam premptoriamente, no espírito de Salgado, a idea de qualquer cooperação com Naulila; não lhe fazem a menor referência...

A missão do destacamento agora é defender os vaus de Caloeque e Nangula, opôr-se ao avanço do inimigo pela margem direita, conclue o Major Salgado. E, ao saber do ataque a Naulila, não tem pois, entende, que pôr-se o problema de marchar em auxílio do outro destacamento, emquanto uma ordem do comando não venha alterar aquelas instruções. Naulila é atacada. Ás 5,25^{m} Salgado re-

cebe uma comunicação do comandante dos landins em Nangula:

« Meu Major: As 5 horas rebentou o fogo à esquerda suspeitando seja em Naulila ou no vau onde se encontra a cavalaria. 10 minutos depois fomos atacados por fogo vivo, ficando-nos um soldado ferido. Uma secção fez-lhe fogo retirando o inimigo para montante. Vau de Vanangula, 18-12-1914. (a) *José Gonçalves Loza,* alferes de infantaria.

O alferes Loza não sabe o efectivo das fôrças que o atacaram. ¿Não calcula Salgado sejam as que haviam ficado no acampamento fronteiro e que, pela margem esquerda, seguiam agora em direcção a Naulila?

Imediatamente ordena a saida duma forte patrulha de dragões, manda-a, em reconhecimento à margem esquerda. Se o acampamento alemão estiver abandonado, está a tempo de marchar sôbre Naulila...

A patrulha regressa às 6,30^{m}. Informa que, à sua aproximação, o inimigo desenvolvera em atiradores na mata, fazendo-lhe frente. Nada mais.

Ás 7,45^{m} chega emfim, a ordem do Quartel General com a data de 17-12-914, às 8^{h}, (20^{h}). Salgado, iludido por aquela informação, ordena imediatamente à divisão Canet tome posição na margem direita a Oeste dos morros, e determina que um pelotão da 10.ª companhia apoiado, no seu flanco esquerdo pelo pelotão de dragões, ataque o acampamento inimigo. Supõe, com efeito, ocupado o acampamento fronteiro. A patrulha de dragões não o informou bem. A seguir as duas peças abrem fogo, protegendo o avanço; a infantaria penetra na chana sem disparar um tiro, atinge o acampamento deserto, e o seu comandante, alferes Fausto de Matos, depois de reconhecer todos os

caminhos que se dirigem para o Sul até à distância de 2 quilómetros, exactamente aqueles de que o inimigo se utilisara na véspera, informa Salgado e retira para junto do vau, na margem esquerda, com o pelotão de dragões.

As primeiras novas de Naulila recebe-as Salgado antes das informações do alferes Fausto de Matos. Trazem-nas três praças, uma de infantaria, montada num cavalo do esquadrão, e dois dragões de Aragão.

Dizem estar Naulila ocupada pelo inimigo e as fôrças nossas em retirada... Salgado não acredita. Interroga-as demorada, cerradamente.

Ele sabe já, pelos auxiliares, que Aragão não pernoitara em Nangula. Dá ordem aos pelotões de infantaria e cavalaria que regressem à margem direita e prepara a marcha de retirada para a Dongoena pelo caminho interior a O. E. de Lagoa de Cipanga, visto não ter ordens ou informações oficiais e com receio de que os alemães, perseguindo as nossas tropas de Naulila, e passando o Cunene, lhe cortem as comunicações com elas. Ás $11^h,45$ uma ordenança de dragões traz-lhe a ordem verbal de Roçadas. Retirar sôbre a Dongoena. Esta ordenança conta viera acompanhar dois oficiais que o comando, ao passar o Cunene, encarregara da transmissão da ordem de retirada. Um deles, em dada altura, notando na carreteira pégadas e rodados ainda frescos, pregunta a uns indígenas pelos brancos que estavam no Caloeque. Tendo-lhe estes dito que já tinham partido, conclue que o destacamento retirara. Mas pelo seguro, envia a ordenança, retirando ambos depois de uma discussão ao meio do caminho.

Ás $12^h,15$, Salgado iniciou, na mais perfeíta or-

dem, a marcha sôbre a Dongoena. As 16h envia à frente dois auxiliares, para estabelecer ligação com as fôrças de Roçadas e avisar êste da sua aproximação. Ás 19h um indígena traz-lhe a ordem do Sub-Chefe do Estado Maior para marchar sôbre o Humbe, *caso não tenha ainda marchado...* ¿Duvidava o comando da comunicação da 1.ª ordem enviada? Meia hora depois apresenta-se o auxiliar Gamboa, do grupo enviado à Dongoena, com ordem verbal de Roçadas para forçar a marcha do destacamento até ao encontro das duas colunas.

Ás 2h,30 de 19, dá-se o encontro destas e Salgado é encarregado de cobrir a retirada das tropas de Naulila.

¿Irá Roçadas convencido de que o alemão prosseguirá no avanço, seguindo pela Dongoena à Caama ou à Ediva? A precisão absoluta de proteger o acesso ao planalto explica a velocidade da sua marcha, parece.

Na Dongoena, fôra distribuida às praças, antes de iniciarem de novo a retirada, alguma bolacha e uma ração de vinho. Depois a marcha, por engano, realizou-se na direcção do mato, afastando-se a coluna cada vez mais do rio, o que, pela falta de água, a tornou dolorosíssima para as praças. Estas caminharam até à meia noute, hora a que se interrompeu a marcha para recomeçar ao amanhecer, já protegida pelas fôrças do major Salgado, em direcção ao Humbe onde chegaram às 13 horas, exaustas, desmoralizadas pela fome e pela sêde... Ao longo da estrada muitos ficaram prostrados, insensiveis a tudo, aos conselhos, às exortações, às ameaças, preferindo a morte a caminhar mais. Salgado, à rectaguarda, procura, com os seus oficiais levantar esses *mortos*, pô-los a caminho.

As 15h,15 a guarda da rectaguarda estava próxima do Humbe, quando, na direcção provável desta localidade, se ouviram duas fortes detonações e uma nuvem lenta, enorme, de fumo, subiu ao ar.

Salgado presume que o alemão está atacando Humbe. Destaca nessa direcção uma patrulha de cavalaria... Supõe as tropas de Naulila em perigo... Mas a patrulha regressa e informa não haver alteração no Humbe. Salgado então avança, levando consigo os retardatários das duas colunas.

O Humbe está quási deserto. Quási todas as fôrças de Naulila tinham retirado precipitada e desordenadamente, sem ordem, a caminho do Lubango. Tomados de pânico, supuzeram, ao ouvir as detonações dos paióis do Forte Roçadas explodindo, que a artilharia alemã os perseguia.

Mal refeita do cansaço e da fome (não se conseguira cosinhar o rancho, apenas o tenente Brazão distribuira bolacha e vinho), — a maioria da tropa largou para o norte... Os carreiros abandonavam os carros e, ao meio da confusão enorme, do alvoroto sem nome, os bois das espanas, tresmalhados, passavam correndo...

Alguns oficiais clamavam, agrediam, recompunham pequenas fracções... Outros, de vergonha, choravam... A algumas viaturas, abandonadas, tinham cortado os tirantes, aproveitando os solípedes... Face ao espectaculo tremendo, porém, nem todos haviam perdido a serenidade. A indignação de alguns era protesto, acusação desordenada, inconsciência da situação... ¿Resistir aonde? ¿Como? ¿E as munições?

Quando Salgado chega, a ordem restabelece-se. As 22h êle recomeça a marcha sôbre Bela-Bela onde

bivaca na madrugada de 20, depois de ter conseguido, usando de todos os meios, encorporar na sua coluna, os retardatários, os estropiados, física e moralmente incapazes do menor esforço, embrutecidos de sofrimento e desorientação. A rectaguarda, ainda, o capitão Lebre recolhe outros... Os carros de víveres, os que se salvaram, vão apinhados de soldados... As espanas de bois mal rompem o caminho. Pela noite fora cáem os mais cansados... De madrugada chove.

A rectaguarda, na imensa região tão precipitadamente abandonada, no Cuamato, na Hinga, na Dongoena, no Humbe, começa a revoltar-se o gentio, trucidando, saqueando, incendiando...

A rebelião segue as pisadas miseráveis da retirada.

Dolorosa ela continuou até à Caama. Dolorosa, tumultuosa cheia de sofrimento, por vezes sinistra nos seus pormenores.

Em 24 alcançou-se Caama que o capitão Mateus com a sua companhia, numa inteligente iniciativa, viera guarnecer logo ao saber do desastre.

Nas terras abandonadas lavra a rebelião... Os alemães, êsses vão também já longe, fugitivos.

XIII

Depois do combate

« Pouco mais ou menos duzentos metros adiante do Forte, fez o inimigo a última e eficás resistência (Wageler).

«Estavamos prisioneiros... A primeira coisa que os alemães fizeram foi mandar separar, de entre nós, os mortos, os feridos e os válidos. Na frente dêstes últimos colocou-se uma fôrça com as armas cruzadas e prontas a disparar.

A atitude dos soldados inimigos era feróz e agressiva, sem piedade para com os vencidos que honradamente tinham cumprido o seu dever; mas se os válidos não podiam fazer um movimento, a vigilância junto dos feridos era frouxa. Eu encontrava-me no lote dêstes últimos e formulei desde logo um plano de evasão, emquanto os soldados alemães removiam as cinzas das palhotas, saqueando as bagagens escapadas do incêndio. Chamei o meu impedido e mandei-o partir primeiro, na direcção do mato. Preparava-me para lhe seguir as pisadas quando me chegaram aos ouvidos as lamentações dos meus soldados válidos que supunham ir ser fusilados. Voltei-me, A atitude dos alemães convenceu-me de que cometeriam tamanha covar-

dia. Então, esqueci-me do meu plano, renunciei à fuga, voltei para junto dos alemães, bradando:

— *Em todos os exércitos civilisados os soldados combatem quando os mandam! ¡O comandante déstes homens sou eu!*

« Como se um raio de luz se lhes tivesse feito no cérebro, lançaram-se sôbre mim, como selvagens, aos gritos de júbilo:

¡Der Kommandant! ¡Der Kommandant! ¡Der Kommandant!

«Creio me tomaram, no primeiro momento, pelo tenente Coronel Roçadas. Apareceu então o capitão Trainer... e aproximou-se de mim numa atitude feróz.

«A meia dúzia de passos atirou-me brutalmente com um binóculo que trazia na mão. Fiquei impassivel. Ele chamou um sargento que se exprimia um pouco em português e fez-me uma infinidade de preguntas àcêrca da situação das nossas tropas, posições, etc...

«Respondi-lhe que não sabia. Era verdade: eu nada sabia a tal respeito...» «Intimaram-me então a escrever uma carta ao Tenente Coronel Roçadas, dizendo-lhe, da parte de Franck, como, se quizesse combinar a paz, devia mandar um oficial parlamentar com os alemães. No fundo eu continuava convencido de que os nossos voltariam à carga e, de braço esquerdo ao peito, emquanto um soldado me segurava no papel, comecei a escrever:

«*Estamos prisioneiros dos alemães em Naulila...*

«Compreendendo a indicação que eu pretendia dar, os vencedores protestaram, amarrotando a carta:

— «Não. Escreva simplesmente: Estamos prisioneiros, mas sem indicação de local. E diga que

pela resposta desta carta respondem as vidas dos soldados.»

«A carta seguiu, mas não estou certo se nela mandei dizer ao comandante da expedição que os alemães esperavam pela resposta até às 4h da tarde». (Declarações do Tenente Marques em Agôsto de 1915, ao Redactor da Capital, Hermano Neves).

Eram 9h,3o da manhã, no relógio de Márques. Um sargento alemão acompanhado por um soldado português, levou a carta...

« ... Terminado o saque das bagagens os alemães fizeram um monte de tudo o que apanharam, mandaram chamar os indígenas e obrigaram-nos a reconhecer a soberania alemã, distribuindo em seguida por eles os objectos roubados das nossas malas».

Trainer está nervoso, impaciente, receoso. Chegara a ameaçar com a sua pistola o Tenente Márques... De resto êle não se julga senhor da situação. Intriga-o a retirada sem motivo das nossas fôrças. Receia um retorno, uma cilada... Pensa nas fôrças do Caloeque e outros vaus do Cunene que, sem dúvida, vão voltar a acção, decidir a vitória, transformar aquela trégua numa derrota fatal aos soldados do Imperador.

Pretende então convencer Márques de que as suas fôrças são apenas as avançadas de grandes colunas, dizendo que, se Roçadas deseja fazer a paz, deve mandar um emissário até êle...

Trainer já sabe que Portugal não está em guerra com a Alemanha. Como, depois, a maioria da colónia alemã, êle sente já as responsabilidades da brutal política de Seitz, governador da Dámara.

A guerra com a União Sul Africana e com Portugal não sorri aos alemães da colónia. Trainer

recrimina então, desconexo, violento por vezes, *bon enfant* alcoólico, capaz de generosidade e truculências, os culpados da guerra em África, emquanto Márques, na explendida carta alemã desenrolada, observa as melhores e mais precisas indicações militares sôbre o sul da nossa província. Trainer atribue-nos a intenção de invadir a Dámara. Márques responde que os portugueses não têm o espírito de conquista mas bater-se hiam em toda a parte onde a justa defesa do seu território o exigisse. «A isto, Trainer e o sargento intérprete, sorriam de desdém...»

A ironia de Trainer não poupará Roçadas e o seu afastamento de Naulila...

Mais tarde, em marcha para o Sul, num francês incorrecto, Trainer que, de quando em vez obsequeia Márques e Andrade com garrafas da sua frasqueira ambulante, *Old Rhum Jamaica*, reconhecerá a nobreza e a lealdade das palavras de Márques, a sua valentia e a dos seus camaradas prisioneiros. Mas nunca, a cada elogio, deixará de pedir informações que jámais recebe. Os receios duma invasão portuguesa no território da Dámara irão longe, durarão ainda muito na colónia alemã.

Mas voltemos a Naulila...

A anciedade dos nossos era grande... Admitiam os soldados que, a não vir resposta de Roçadas, seriam todos fusilados. Márques por fim foi levado para a Ambulância. A anciedade dos alemães não é menor. Já ergueram postos de observação donde atalaias vigiam os caminhos de além Cunene. As 14^{h} resolvem dar água ao gado, no rio. Mas o medo aconselha-lhes prudências miseráveis. Colocam à frente os nossos soldados váli-

dos ou ligeiramente feridos, com uma bandeira branca erguida, presos uns aos outros por cordas que enlaçam os pobres pescoços... Chegados à margem formam em linha os prisioneiros, fazem-nos entrar no Cunene, e com os atiradores atraz, de armas cruzadas, no areal ao meio do rio, e as peças em bateria na margem esquerda, dão água ao seu gado sequioso.

Cada nuvem de pó, ao longe para O. E. ou S. O. E. é um sobresalto para o estado maior vitorioso.

No Hospital de Sangue, desde as 12h, encontram-se Marques e Aragão, de há muito irmãos da mesma falange entusiástica e patriótica que defendia, na marcha do Lubango ao Cunene, no *mess* de Naulila, em toda a parte, com palavras e actos, a necessidade duma política militar ofensiva, a defesa extrema do nosso território inviolável que não era para eles apenas areia, — da acção contra o alemão, em nome da Pátria, em nome da solidariedade humana, pelos nossos interesses materiais e eternos, acima de todas as indecisões, dúvidas ou transigências.

Já na altura os alemães haviam enforcado landins da 16.ª companhia... Os nossos soldados não tinham recebido ainda a mínima porção de alimento. Os feridos só três dias depois receberão curativo sendo desinfectados, apenas em 19, os ferimentos mais graves. Os alemães extranham, criticam o abandono dos nossos feridos pelos médicos da coluna (1).

---

(1) Seguiam-no (a Roçadas) os médicos portugueses esquecidos dos seus deveres, de maneira, que, mais tarde quando o forte foi tomado nenhum deles estava junto dos carros

Feridos alemães e portugueses estavam instalados na ambulância. A tarde ia passando. Os postos de observação não davam sinal do retorno inimigo... Os alemães taanquilisavam-se pouco a pouco...

Depois de separar-se de Aragão ferido, o alferes Andrade com os seus companheiros e um outro soldado que lhe aparece pouco depois, dirige-se ao forte, mas deparando com alguns soldados alemães, muda de direcção encaminhando-se para o vau Cabelo. Escondendo-se, sempre que avistam indígenas ou soldados alemães, vêm passar numa tipoia, ferido, um oficial que mais tarde Andrade saberá ser Franck... A's 16 horas, mortos de sêde, pedem, a um preto, lhes vá buscar água.., O preto não volta, depois de ter informado os portugueses de que Naulila está cercada pelos alemães. E' assim, pelo menos, que Andrade o entende. Êle também não admite a possibilidade duma derrota. Esperam até às 10h da noite, mortos de sêde, ocultos no mato... Depois orientam-se pelas estrelas, põem-se a caminho do forte... Vão cheios de fraqueza, sêde, cansaço, e alguma esperança. Num momento deitam-se os quatro por terra. Andrade anima-os. Andrade é um velho soldado de Africa, curtido ao Sol de todos os trabalhos, alma ardente, aguerrida de patriota exaltado... A fadiga adormece-os...

Quando Andrade desperta um chacal fareja um dos companheiros inertes sôbre a relva húmida...

---

cheios de ricos medicamentos, para tratar dos feridos. (Dr. Wageler, no *Jornal de Winduck,* o *Sudoeste* de 12 de Janeiro de 1815).

O dia rompe... Êle acorda os três homens...

Depois, com todas as precauções possíveis, suspendendo a marcha a cada ruído e interrogando, opressos, o silêncio, apróximam-se do forte. Dois soldados perdem-se... Andrade supõem-nos a caminho. De repente (já estão para lá das primeiras ténues defesas de arame e julgam ter passado a coberto uma linha de sentinelas inimigas), erguem-se, avançam resolutamente...

Um grupo de soldados inimigos envolve-os... Andrade domina a sua amargurada surpresa... Calmo, pregunta pelo comandante das tropas alemãs.

Levam-no ao capitão Trainer que o interroga daí a pouco e lhe faz preguntas a que um oficial não responde. Andrade não responde e protesta... Acusa então Trainer a atitude de Portugal, a sua adesão à causa aliada, enviando soldados à Flandres. Andrade nega êste último ponto.

Trainer dá-lhe uma relativa liberdade dentro do acampamento. Convida-o a proceder à identificação dos mortos... E ao saber que, como na véspera, mais soldados landins acabam de ser enforcados, Andrade protesta, indignadamente, junto de Trainer...

«Andrade, escreve um seu heroico camarada, era um belo companheiro, duma temeridade cega que prejudicava por vezes. Bateu-se muito bem e a atitude como prisioneiro foi verdadeiramente nobre».

Quando, de tarde se repetia a scena da véspera e os nossos soldados amarrados uns aos outros pelo pescoço, eram levados ao Cunene para proteger a data de agua dum possível, súbito ataque português, Andrade corre aonde Trainer e tão exaltada, vio-

lentamente protesta, que o oficial alemão, confuso, manda logo soltar os nossos soldados, fazendo-os regressar ao acampamento...

Ao fim da tarde, para as bandas do Caloeque, ergueram-se pezadas nuvens de pó. Trainer mandou chamar Andrade imediatamente, interrogando-o. Passa-lhe o seu binóculo, Este domina a sua alegria íntima. Supõe que as tropas de Roçadas reforçadas por Salgado, voltam à desforra!...

— É uma manada de bois, diz a Trainer, encolhendo os ombros.

Trainer, desconfiado, não acredita. Manda aparelhar, engatar, montar, ràpidamente..

Vai uma desordem no campo.

Abandonam-se cargas ao gentio. Não se termina a distribuição de géneros aos prisioneiros e doentes...

E às 19 horas de 19, Trainer larga de Naulila, enceta a marcha para o Sul, numa fuga...

A sua rectaguarda, lento e numeroso, segue depois o combóio de feridos que por Ongonrongasi, ao fim de 4 dias e 4 noites horriveis, atingirá o Okaludi onde funciona um Feld Lazaret.

Á sombra dos baobás de Naulila deserta, (só o gentio e os chacais a visitam...) nos recessos do mato, abandonados, mal sepultos ao lado dos doze tumulos alemães, dormem, esperam vinte soldados de Portugal! Trainer leva consigo, válidos, o alferes Andrade e 35 praças. Nas macas grosseiras, através dos caminhos ásperos e sem água, ou arrastando-se penosamente, vão Márques, Aragão, o sargento de artilharia António de Sousa Marques, e 26 praças das quais quatro moribun-

das (1). 10 oficiais e 20 praças do Imperador seguem no triste comboio, alguns na agonia também.

«Em Naulila, das árvores sombrias pendem os cadáveres dos enforcados...

Morto ou vivo, Sereno, o bravo, leal, símples alferes Sereno, não apareceu mais...

---

(1) As perdas constantes das relações presentes nos Gambos atingem uma cifra mais elevada.

Mortos — 3 oficiais, 54 praças brancas e 12 landins (enforcados em 18 e 19 pelos alemães).

Feridos — 5 oficiais, 61 praças europeias e 10 landins.

Em Naulila, nos locais de combate apenas se encontraram 20 cadáveres.

Supomos se incluiu no excessivo número de mortos, a cifra dos desaparecidos durante o combate e a retirada.

XIV

As causas do desastre

À decisão inimiga, à manobra enérgica do alemão, não se opõem valores idênticos. As deficiências materiais podem suprí-las, quantas vezes, a resoluta fôrça moral, as qualidades de treino, a sciência profissional da parte em minoria.

Em Naulila e Caloeque, materialmente, eramos a maioria, se esquecermos a deficiente dotação das peças Canet da divisão Salgado. Podiamos ter impossibilitado a vitória alemã, garantindo a nossa, em 12, em 13, em 15, em 17, em 18 de Dezembro. Tudo era por nós. O direito e os meios de realização. E o moral dos soldados. As divisões, as diferenças entre a oficialidade, dominá-las-ía fàcilmente, imediatamente, a nitidez imperativa duma ordem.

Mas havia algo mais. A irresolução do comando.

¿ E tem êle acaso razões que a justifiquem, fora de si mesmo, apesar do telegrama de 25 de Novembro e da corrente não intervencionista, de estrita neutralidade, por ventura manifestada ao seu lado e duramente repreendida, uma vez, pela vio-

lência indignada do patriotismo dum oficial, no *mess* de Naulila?

As instruções que deve ter recebido do Governador Geral de Angola habilitam-no a atacar logo que o alemão ocupe terra de Portugal, ou a desarmá-lo, internando-o. Os tiros, os mortos e feridos de 12, anulam o sentido limitador das instruções do govêrno central. E tanto assim o entende, e bem, Roçadas que não envia emissários explicando a nossa atitude às tropas invasoras...

Ao seu lado, como Chefe de Estado Maior, está um decidido partidário da acção ofensiva que, mais de uma vez, lhe põe, nas mãos, insistindo, elementos que o habilitariam a resolver-se.

Roçadas, porém, mantém-se fiel demais às instruções do govêrno senão também aos seus considerandos pessoais. E reprime, mal aprova, censura mesmo um momento, por inconveniente, a actividade guerreira dos seus melhores soldados...

Os efectivos, que a precipitação dos acontecimentos deixa concentrar no Cunene, são decerto deficientes para enfrentar todas as eventualidades possíveis dum ataque ao planalto, e as fôrças de Naulila diminutas para garantir, a distância, a defesa dum forte isolado que podia ser atacado pelo S. e E. O comando só poderia reforçar convenientemente a posição, encurtando-a, e aproximando-a do núcleo central.

A lentidão dos transportes, a excessiva demora de alguns elementos em marcha para o Cunene, a improvização da linha de *étapes*, simultânea com a marcha das primeiras colunas, todas as deficiências materiais, não implicavam fatalmente a menor

glória ou o desastre. Em 13, em 14, em 15, em 16 ou 17, pelo menos, apesar delas, a vitória seria nossa, se quizessemos, se pudessemos ter querido vencer.

Os chefes responsáveis não quizeram. Hesitaram. Deixaram passar o momento magnífico. Os alemães sorriram, em território nosso, da nossa inexplicável inércia.

Depois, em 18, deficiências e erros anteriores somam-se, fortalecem os elementos que nos são contrários e se acumulam contra nós. Confiara-se a auxiliares cuamatos, embora comandados por um soldado admirável, a vigilância avançada, esquecendo-se que a luta se trava entre brancos e são recentes ainda as razões de dissídio entre nós e aqueles. E não há, não é possível um dispositivo de segurança e exploração que permita às tropas da posição de Naulila alterar o seu dispositivo de forma a fazer face à situação um momento revelada por um serviço oportuno. A linha de cuamatos, proxima à posição, desertou também de madrugada. Nem os pelotões de Aragão, nem o destroçado pelotão de Matias, estavam em condições de esclarecer convenientemente o comando sôbre a marcha inimiga.

Ao cair da noite de 17, o comando sabe que há cavaleiros alemães no acampamento do Caloeque e que o grosso alemão vem a caminho de Naulila. A ordem a Salgado para atacar o acampamento, embora admita possível o retôrno daquele grosso sôbre o Caloeque, define-lhe a missão de actuar apenas contra as fôrças de Von Water. E não se prevê a possibilidade, a necessidade de colaboração entre os dois destacamentos, quer Von Water

largue durante a noite em direcção a Naulila, quer, na manhã de 18, Salgado consiga esmagar os soldados alemães demorados na sua frente.

Aragão ao receber cópia, às 16h, das informações enviadas por Salgado e recebidas no Cuamato às 17h, apesar do diminuto, cansado efectivo que comanda, faz todos os esforços para estabelecer contacto com a coluna ou colunas que, conclue, devem ter marchado para o norte. Em vão as suas patrulhas correm, exploram todo o terreno, na direcção de Oncuancua, descem ao acampamento alemão do Caloeque, batem a selva onde já não vigia o cuamato que acaba de desertar acompanhando Francke...

¿As 9h,30 ignora acaso o comando a deserção do preto? ¿não sabe êle já como essa deserção deve ter facilitado a maior penetração para Leste e para Norte, das tropas de Franck?

¿Poderá esperar-se acaso que Aragão, se receber a ordem a tempo (é escuríssima a noite, espesso o mato entre Naulila e Oncuancua), lance as suas patrulhas através da noite e do mato, estabeleça contacto e informe a tempo o comando do ataque matutino?

A noite, o espesso mato, a falta de cavalaria, a deserção e a traição dos auxiliares, deixam Franck tranqüilamente, a poucos quilómetros da nossa posição, preparar o ataque sôbre a nossa desapoiada extrema esquerda. O comando sabia-a enfraquecida. Pensou talvez em reforçá-la com artilharia ou metralhadoras, uma divisão Ehrardt, uma secção das Maxims. Mas o tempo passa e tudo permanece na mesma. Nada se fez.

Cada um fica entregue ao seu destino. As ordens dadas não prevêem novas situações, não dis-

põem soluções para elas, não despertam a iniciativa dos comandos.

No vau Cabelo, em Nangula, no Caloeque, há uma companhia e um pelotão do 14, um pelotão de landins, três pelotões de dragões, uma divisão Canet.

¿ Porque não ocorreu ao comando dispôr o emprêgo daquelas fôrças lançando-as sôbre Naulila, a tempo, dêsque se definisse o ataque do grosso alemão ?

¿ Porque não havia tropas brancas, uma patrulha permanente que fôsse, na margem esquerda, frente ao Caloeque ?

O Major Salgado teria de certo mais cedo conhecimento da partida de Von Water para o norte, e não ficaria, depois do pelotão de Nangula lhe comunicar o pequeno recontro com a tropa alemã que à meia noite saíra do acampamento, não ficaria, como parece ter ficado, convencido que continuava a ter na sua frente, ocupado, o acampamento alemão. E nestas circunstâncias o sentido da própria iniciativa impôr-lhe ía decerto, apesar de tudo, a obrigação de correr a Naulila.

Em pleno combate, os movimentos que Roçadas brava e pessoalmente dirige, os que Mendes dos Reis e Maia Magalhães iniciam, quando iniciados não se continuam até aos seus objectivos, dispersam fôrça, desbaratam valor, cessam quando um decisivo arranco, uma ordenação de esforços nas tropas do forte e nas de Roçadas, poderia decidir a vitória, aniquilando o inimigo hesitante e disperso frente às trincheiras de Marques, às posições abandonadas de S. E. e nas trincheiras do Sul que Aragão há-de franquear ao galope da sua retirada sob as balas.

Agentes de ligação, se partem, se são, com efeito,

de parte a parte enviados, perdem-se em tão resumida área. E Roçadas retira sem ter visto a derrota que se oculta indecisa, receosa do gesto resoluto que só tiveram os alemães. Em Naulila, durante o combate, não há direcção, não há comando, embora a grande maioria das fôrças empenhadas se batam, durante quatro horas, com energia, tenacidade e valor. Há comandos vários, esforços dispersos, que nunca chegam a termo, — a desordenada acção que não compensa, improvizando, a indecisão passada, a inércia dos primeiros dias.

As tropas atiram mal, pontarias altas, fogo precipitado de meridionais, — dizem os alemães, — mas não deixam de seguir os rumos que lhes marcam os chefes, avançam aos seus objectivos, desperdiçam energia e coragem, vidas e sangue. Inùtilmente. Que a jornada já a tinham perdido as almas...

O reduzido número dos que debandam aos primeiros tiros, na extrema esquerda, seguindo o exemplo do oficial que os comandava, não influe, não provoca a debandada, não desmoraliza as outras fôrças. O 2.º cabo José Abrantes, e 12 soldados do pelotão fugitivo de Pissarra, os dragões apeados, ficam, espontâneamente, com Marques, mal o vêem. E os landins e as metralhadoras e parte da artilharia volvem à esquerda a frente do combate, já batida de enfiada, emquanto a 12.ª é já batida, por acaso, de revés. Esta, no momento em que se lembram de a lançar (Mendes dos Reis e Maia Magalhães) contra o flanco esquerdo do adversário, antes que a chamem, já acorre ao ponto do maior perigo, vem dispôr-se ao alcance do comando.

Combate-se, avança-se, perde-se e ganha-se ter-

reno, combate-se bem, cáem os mortos e os feridos, o inimigo mal se avista, as metralhadoras não perdem um momento útil, e se calam a miúdo, interrompidas, de novo voltam a vibrar o seu fogo até quedar inutilizadas de vez.

A artilharia desloca-se, as três peças, em mudanças constantes e perigosas, perdem tempo, só uma consegue intensificar o tiro.

Os sargentos cáem feridos. O bravo Jaime Garcia de Lemos, bate-se ainda no entanto... Landins, na flutuação das tropas brancas, perdem o moral ofensivo que é seu apanágio.

O tempo passa. Isolado, esquecido, Marques, junto do forte, espera, defende-se, deixa-se morrer devagar... Como um condenado... Já Franck, sangrento, leso no seu corpo e na sua esperança, sente tudo perdido. Mas a valentia impávida de Roçadas vê escapar-se lhe todos os fios de acção, não encontra os pontos de aplicação das energias disponíveis ainda; a sua valentia é impotente para compensar, no improviso sobresaltado e trágico daquela hora, a indecisão passada, a inércia de que é responsável, as indecisões e as inércias que no govêrno de Lisboa, em certa imprensa desintegradora, dissolvente, e na paixão sectária ou no egoismo inferior de muitos, tiveram suas raízes envenenadas e fatais.

As instruções recebidas em 15, continuam, como nesse dia, a imobilizar Salgado. Só uma ordem lhe decidirá a iniciativa, uma ordem terminante que lhe modifique o entendimento da situação. Ele fôra, como vimos, pela defesa do nosso terreno de àquém-Cunene. Êle conhece, deu-lh'as a conhecer Roçadas, as instruções do govêrno... Ao longe o

canhão sôa, parece chamá-lo a Naulila, num rebate. ¿ Como ? ¿ Porque não reconhece logo o acampamento fronteiro, e a seguir, ao saber do fogo em Naulila, não segue para lá ? Tropas do acampamento fronteiro já vão para montante de Nangula... E êle espera ordens que o libertem da estrita obediência às instruções recebidas em 15, de tarde. Losa avisou-o, a tempo, do ataque. Êle aguarda ordens, porém. Quando recebe, às $7^h,45$, a do ataque ao acampamento deserto, mete a artilharia em posição, bombardeia, lança a infantaria e os dragões, como o fizera em 15, em 16, em 17, decerto se lh'o ordenasse Roçadas. Mas não faz o prévio reconhecimento. E o acampamento está deserto. A informação que a forte patrulha de dragões lhe trouxera antes de receber aquela ordem não era verdadeira.

Entretanto, inúteis, as granadas dos nossos canhões explodem ao meio do acampamento abandonado, respondendo numa ironia, ao rolar distante do combate em Naulila.

¡ Se tivesse tomado a iniciativa, às 6^h, de partir para Naulila, chegava a tempo, levava, sôbre a poeira da marcha, os louros da Vitória !

A grande lição de Naulila, a grande voz acuzadora que se ergue sôbre o ultrage sofrido no corpo da Pátria e na sua alma, na alma e no sangue dos seus filhos, — aponta, grita, acima de tudo, a responsabilidade colectiva duma nação que tornou possível, tolerou, sofreu, a política fatal que analizámos nos primeiros capítulos dêste volume.

Mas do exército não absolve aqueles a quem a nação déra, com orgulho, a consagração do heroismo, em suas mãos depondo, confiada, a defesa da honra

e do interêsse nacionais. ¡Roçadas em Naulila parece dum govêrno apenas! ¡Ele que era, que devia desejar ser da Pátria, sómente!

Nas horas vivas, trágicas, em que já corre sangue e a honra duma Pátria em perigo (está ali, evidente, sentida, a ofensa que um povo não suporta sem vilipêndio, o território ocupado, iminente a afronta maior se há maior afronta) — nessas horas um homem que fôr o garante da honra do exército e da Pátria, deve ter um coração no peito em que só a Pátria comande, exija, imponha as atitudes que dominarão todas as obediências se estas deixam exposto o património mais caro, aquele que um autêntico soldado e um chefe servem, de acôrdo com as directivas políticas, se possível, mas sobretudo no sentido e no amor daqueles mandamentos supremos que formam o capital espiritual, a mística dum verdadeiro chefe e dum soldado!

Fixando-se um programa para o govêrno de Moçambique, Mousinho de Albuquerque, aureolado de glória, ardendo na anciedade duma grande obra colonial que renovasse a interrompida em 1590, a si próprio repete as palavras belas de El-Rei D. Sebastião a D. Luís de Ataíde, despachado Vice-Rei para a Índia...

«Fazei muita cristandade. Fazei justiça. Conquistai tudo quanto puderdes. Tirai cubiça dos homens e favorecei os que pelejarem. Tende cuidado da minha fazenda. E para tudo isto vos dou meu poder... *Se alguns Regimentos forem em contrário destas cousas, suponde que me enganaram e por isso não haja que vos estorve isto...*».

«*¡Espadas largas, portugueses d'ouro!...*».

XV

Falam os de Naulila

Sinto, quási chegado ao fim, o desgôsto do meu trabalho. Vejo-o incompleto, como consagração dos que o dever cumpriram, e como censura aos que foram inferiores, contribuindo para a menor glória nossa, naqueles dias de possível exaltação e triunfo.

Os acontecimentos são tecidos de miséria e altura, indecisão, audácia, dádivas e egoismos, todos os acontecimentos. Do que se passa ao redor de Naulila eu quiz traçar apenas o vulto mais nobre de algumas nítidas e honestas atitudes.

Calei muita coisa que não interessa à verdade geral do conjunto. Mas decerto, involuntàriamente, esqueci, deixei na sombra, ignorei muito heroismo, muita alma à altura da gratidão nacional.

Procurei pôr entre Naulila e a minha crítica, entre mim e os personagens do drama, a distância impassível da minha serenidade. Procurei justificar os que pecaram; não pude deixar de entusiasmar-me falando dos que agiram melhor.

Vão depôr agora os combatentes, os prisioneiros, os que lá tiveram o seu calvário. Eu desejo e espero que a minha verdade não desagrade ao menos

a estes, incompleta embora, e só, dos que se deram à Pátria, me venha o aplauso e a fôrça.

«Feridos portugueses e alemães passámos a noite, a seguir ao combate, no hospital de sangue, mas apenas foram tratados os alemães.

«No dia seguinte, de manhã, apareceu o Andrade... deu-se aquela scena dos nossos soldados voltarem, de corda ao pescoço, a proteger a data de água no Cunene... Depois foi a nuvem de pó que assustou sèriamente os alemães... Apressadamente as tropas retiraram caminho de Oncuancua. O combóio de feridos, com uma pequena escolta, saíu umas horas depois. Fizemos então, em quatro noites intermináveis e quatro dias de sêde, pelos caminhos mais acidentados, aos tombos, a nossa marcha até Okalusi. Essa marcha foi para os feridos e para os nossos soldados que os transportaram às costas, em improvizadas macas, durante quilómetros e quilómetros, extrema e horrìvelmente penosa. No Okalusi, onde havia uma missão finlandeza, estivemos uns 15 ou 20 dias, e passámos a ser cristãmente tratados. Morreu aí um dos nossos feridos, soldado da 12.ª. Lá lhe deixámos, sôbre a sepultura, uma cruz de madeira com o seu nome e um dístico: Morto pela Pátria». *(Aragão).*

«Marchámos de Okalusi através de toda a região limítrofe do Etocha e ao cabo de dez dias de marcha, estávamos em Okankuejo. Eu ia desesperado, coberto de piolhos, meio nú, miserável.

«Para convalescença deram-me, como quarto de

dormir, uma cavalariça. Lá encontrei o Marques e o Andrade, mortos de fome». *(Aragão).*

«Demorámo-nos no Okankuejo uns dias, encafuados na cavalariça, a um canto, junto a um dos muros do forte. A região era plana, monótona, vazia: areia e pedras. Dali fomos para Outjô, acompanhados pelo sargento Roth, antigo cônsul alemão em Quelimane, que falava correctamente o português e eu já conhecia de Lourenço Marques. Foi um verdadeiro amigo; doía-se, envergonhava-se, do tratamento que os seus oficiais nos impunham.

«Á chegada a Otjivarongo castigaram-no. Porque nos tinha dado carne durante a marcha. Vi-o a chorar. Era uma creatura excelente e dos poucos alemães que eu encontrei duvidando da vitória final.

«No Outjô fôramos ternamente recebidos pelos oficiais ingleses ali prisioneiros e assediados por êles de preguntas. O seu estado de espírito era magnífico. Por fim fomos parar à cadeia civil de Winduck. Lá estivemos um mês. Ao meu lado, cela 38, — estava o Capitão Jeary, de que se fala no livro *How Botha and Smuts conquered South West*. Estava há seis meses no segrêdo, como perigoso, e, semanalmente, recebia a visita de um oficial alemão que o insultava com o mesmo discurso: «Os ingleses não sabem bater-se, são uns covardes, fogem, etc.».

«Pouca gente tinha, até ali, infringido as leis draconianas da prisão, e o Capitão Jeary só muito raramente conseguia trocar uma ou outra palavra com algum dos seus companheiros.

«Nós alterámos um pouco os hábitos severos da cadeia. Desentaramelámos a língua e pode calcu-

lar-se o que seriam três portugueses escamados discutindo exaltadamente todos os assuntos. Os nossos berros alarmaram a princípio a população tranqüila e já de si pouco faladora, sem exuberância de gestos ou de gritos. Terminaram por apreciar a nota característica que ali puzemos. Por fim falávamos com toda a gente, e eu consegui até maneira de conversar muita noite com o pobre Capitão Jeary, das grades da minha cela.

«Fomos dali recambiados para Okahandja onde ficámos só os três oficiais portugueses. Recordo ainda aterrorizado uma semana que ali passei, tendo, invariàvelmente, para almôço e jantar, leite com tomates e tomates com leite.

«Eu tinha a pouca sorte de não tragar o leite, e portanto os tomates que o acompanhavam. Foi uma semana trágica. Durante êsses sete dias enfraqueci mais que durante os sete meses que por lá passei.

«Tinhamos várias ocupações: jogar a malha, ler, lavar a roupa, varrer e lavar o nosso quarto. Estudámos, ali, vários planos de fuga, e cheguei ainda a falar a um *Cape boy* propondo-lhe nos servisse de guia: não houve maneira. Sòsinhos, a empresa era muito difícil. Tinhamos mais de duzentos quilómetros a fazer e não conheciamos os pontos da água que eram, aliás, pouquíssimos...». *(Aragão)*.

«Em 28 de Janeiro, dia da chegada a Windhuk, deram os oficiais entrada na prisão civil, em comum com toda a casta de malfeitores. Até 6 de Janeiro, em marcha com a coluna que atacara Naulila, fôra-lhes distribuída ração igual à dos soldados alemães; porém, depois dêste dia, só se lhes distribuía meia ração diminuída de bebidas e quási sempre sem assúcar. Na prisão de Windhuk, onde estivemos

até 13 de Fevereiro, só uma vez por dia nos era distribuída ração cozinhada, café sem assúcar de manhã e de tarde, e aproximadamente $0^{k},500$ de pão de milho. Últimamente, na povoação de Tsumeb, apenas nos distribuíram carne e farinha em insuficientíssima quantidade.

«Os oficiais alemães, com excepção dos que se bateram comnosco em Naulila e foram, depois do combate, o mais atenciosos possível, não tinham nenhuma consideração para com os oficiais prisioneiros, chegando mesmo um capitão (Kopmal) a querer castigar um sargento por êste lhes oferecer um pedaço de carne que em tempo competente lhes não fôra distribuída.

«A começar em 1 de Fevereiro os alemães abonaram aos oficiais portugueses trinta marcos por mês, quantia que recebemos até Junho inclusivé. Não nos distribuíam fardamento e só em Março conseguimos alguns artigos do uniforme alemão para podermos mudar de roupa, o que não fazíamos havia três meses.

«E êsses artigos eram pagos por descontos nos trinta marcos acima referidos.

«Durante o tempo que estivemos na Okahandja (de 14 de Fevereiro a 18 de Abril), faziam-nos dormir sôbre umas sacas de capim, numa casa térrea, emquanto os soldados que nos guardavam dormiam em camas.

«Fomos sempre pèssimamente alimentados, sofremos vexames de toda a ordem, não tendo os alemães, com excepção dos oficiais que comnosco combateram, repito, a mínima consideração para com os vencidos, que apenas cometeram o crime de lutar, emquanto puderam, em defesa da sua Pátria». *(Do Tenente Marques).*

«Franck, Trainer e, em geral, os oficiais que se bateram comnosco, respeitavam-nos, até certo ponto, distinguiram-nos mesmo, durante o cativeiro. Von Water, mal entrei no hospital e soube quem eu era, foi cumprimentar e felicitar-me, dizendo teria grande prazer em prestar-me qualquer serviço porque eu tinha sido *un loyal et brave adversaire*.

«O Capitão Trainer, com quem marcharam o Andrade e o Marques, tratava-os explêndidamente e, para um beberrão incorrigível como era, deu-lhes as melhores provas de consideração, distribuindo pelos dois muita garrafa de *Pure Old Jamaica Rhum* que consumia tão largamente. De resto, em todas as discussões que teve com o Andrade nunca fez referências desprimorosas para nós.

«Lembra-me que, não tendo conseguido, apesar de muita reclamação, arranjar umas ceroulas e umas calças, quando saí do hospital (os meus calções tinham sido rasgados para me fazerem o primeiro curativo) — fui até Karibib, no combóio, ùnicamente coberto, da cintura para baixo, com uma tenda de campanha. Não tinha também botas. A minha figura era supinamente grotesca. Estavamos a 27 de Janeiro, — *Kaiser Geburgstag* (1) — e, como a estação estava apinhada de gente, nós receámos um conflito provocado pela populaça.

«Mal o combóio parou e a guarda nos mandou sair, vieram ao nosso encontro Franck, Trainer, e todos ou quási todos os oficiais que tinham estado em Naulila, os quais, sabendo da nossa vinda (assim o disseram, pelo menos), não quizeram deixar de nos vir saüdar. Demoraram-se conver-

(1) Aniversário natalício do Kaiser.

sando comnosco, com referências à retirada de Roçadas, e insistiram para lhe dizermos se precisavamos de alguma coisa. Eu mostrei então a minha quási nudez. Protestando, Trainer deu logo ordem para me fornecerem um par de calças que eu enverguei apressado e radiante».

«O pessoal da rectaguarda e o governador foram absolutamente *boches* para comnosco. Inventaram todos os processos para nos vexar e arreliar. Fomos internados na prisão civil de Winduck e, apesar de termos protestado, nada conseguimos».

«Passamos fome; sofremos humilhações odientas. Mas, sem vaidade o afirmo, o nosso espírito conservou-se sempre, cheio de filosofia, incorruptível». *(Aragão).*

«Na prisão de Windhuk, um carcereiro, com ares de galhofa e desdem pelos vencidos, dizia-nos um dia: «Angola portuguesa é muito rica e de bom clima. Nós, alemães, iremos para lá depois da guerra». Ao que o Aragão repôs: «Sim, sem dúvida, como prisioneiros...». *(Marques).*

«As notícias que nos chegaram, por alguns prisioneiros ingleses, de que ainda não estavamos em guerra com a Alemanha, deixavam-nos pasmados. Depois de Tsumeb se ter rendido, esperámos ainda dois dias pelo resultado da conferência entre Franke e Bota. O comandante inglês de Tsumeb preguntou-nos o que queriamos fazer no caso das hostilidades recomeçarem, visto Portugal não estar em guerra com a Alemanha. Declarámos ao inglês que *nós* estavamos em guerra com os alemães; que

nos armasse; tomariamos parte na campanha. E, com efeito, os nossos soldados receberam armas e munições. Entusiasmava-os a possibilidade de uma desforra».

«Pouco antes da rendição em Otavifontein, Franck fez um discurso aos prisioneiros ingleses, boers e portugueses, ali concentrados. Elogiou os nossos soldados, disse estimara ser ferido pelos portugueses e teria desgôsto se o tivesse sido pelos ingleses...». *(Aragão).*

«O capitão Trainer tinha-me dito em Naulila que as fôrças ali presentes eram apenas as avançadas duma grande coluna à rectaguarda. E não se esqueceu disso. Para se justificar, quando abandonavamos a Hunda (região a uns 40 quilómetros a S. O. de Naulila), colocou os oficiais prisioneiros em determinado ponto e fez passar, a distância, as fôrças do seu comando, repetindo a passagem da mesma artilharia para nos convencer de que realmente dispunha de maiores efectivos, — comédia que o Andrade percebeu perfeitamente apesar do dispositivo de marcha ser diferente do anterior. Terminado êste acto cómico tomámos lugar na coluna e, entre a escolta, marchámos para o Calude». *(Marques).*

«Os alemães recearam sempre a acção das nossas tropas, e um dia, já nós estavamos na Okahandja, com homenagem, insinuaram que mandariam um dos seus oficiais a Angola, parlamentar com os nossos, se um dos oficiais portugueses o quisesse acompanhar e tomasse a responsabilidade da missão.

«Outro dia, na povoação de Tsumeb, os alemães convidaram-nos declarássemos, pela nossa honra, que não fugiríamos. Depois de uma reünião havida juntamente com os oficiais do exército da União (uns 54 ingleses e boers), resolveu-se não tomar tal compromisso. Só um oficial boer tentou tomá-lo... Os oficiais portugueses tiveram sempre o propósito de se passar para as nossas tropas, se elas se aproximassem, ou para as inglesas...

«Mas, por um dia, tomamos o compromisso de não fugir: tinha falecido no hospital de Winduck um soldado português, ferido em Naulila. Ao termos conhecimento da sua morte pedimos para o acompanhar à sepultura. Foi-nos concedida a licença com a condição de nos apresentarmos logo em seguida na prisão e depois de darmos a nossa palavra de honra de que não aproveitaríamos aquele acto para tentar fugir. À beira da campa falou um padre alemão que condenou a guerra, aconselhando porém os soldados do seu país a continuá-la sem desfalecimento, porque os acompanhava Deus.

«Terminado o entêrro uma fôrça de doze praças alemãs deu as três descargas... e nós retiramos para a prisão...» *(Marques)*.

«Um dia, na prisão de Winduk, tendo nós conseguido emfim nos dessem uns minutos de recreio no páteo interior da cadeia, ao passar junto de umas grades reparei que um prêso recuava para o interior da sua cela, fazendo sinais de desejar falar-me. Chamei a atenção do Aragão e Andrade, dizendo-lhe que estava ali um português. Os meus camaradas sorriram, incrédulos, e custou-me convencê-los de que deviamos tentar falar ao prisioneiro. Continuamos o nosso passeio e, cruzando eu defronte

da cela, uma voz, em português, a medo, preguntou:

«— ¿Porque estão aqui presos? ¿Foi na guerra?

«Nós não quisemos responder, pois nos observava a sentinela alemã. Demos mais algumas voltas e paravamos quási sempre junto da janela do português. Emquanto dois de nós, de costas voltadas para a prisão, discutiamos alto, o outro voltado para os dois e para a prisão, dirigia a palavra ao prisioneiro.

«Inquiriu êle das nossas necessidades, recomendou cuidado com o boche, que era capaz de tudo... E contou os motivos da sua prisão:

«— Trabalhava, ao estalar a guerra, nas minas da Colónia, e não quisera, de forma alguma, alistar-me no exército alemão, como o fizeram outros estrangeiros porque os alemães encarceraram todos os que se não alistavam sob as bandeiras de Kaiser.

«Repetidas vezes renovamos, em condições idênticas, a conversação com o nosso compatriota. Um dia, estavamos nós na prisão, cabia-lhe a êle a vez do recreio. Não tinhamos dado pela sua presença no páteo, quando reparamos num prêso vestindo uma larga blusa de operário, debaixo da qual escondia uns embrulhos que, aproximando-se, ràpidamente nos atirou pelas grades. Abertos êles encontramo-nos senhores de três cachimbos, três camisas, três lenços, um pouco de tabaco e alguma manteiga. Um pequeno bilhete dizia não ter mais nada para dar-nos e que, mal pudesse levantar o dinheiro que tinha em depósito, nos ofereceria mais alguma coisa.

«Nós choramos, de comoção e alegria. Não pela oferta... Mas é que sentimos a Pátria mais perto de nós. Naquela altura, em Lisboa, conspirava-se

contra a Pátria, sacrificava-se a sua honra, ninguém se lembrava de nós. Mas ali tinhamos, viva, a alma de Portugal...

Êste rapaz encontrámo-lo mais tarde em Tsumeb quando ali chegavam as tropas sul-africanas. Propusemos-lhe regressasse comnosco a Portugal, o que êle não aceitou pedindo apenas o recomendassem ao comando inglês de quem obtivemos a promessa de o empregar nas minas cujo trabalho ia continuar por conta da União» *(Marques)*.

«Os alemães tentaram organizar um processo especial contra mim, porque, diziam, era eu o autor da morte dos dois oficiais alemães e do administrador de Ouijô, vítimas do incidente de 19 de Outubro. O facto de eu ter sido encontrado a comandar as fôrças que defendiam o pôsto de Naulila levou os alemães a concluir que era Sereno.

«Certo dia, estando eu com Aragão e Andrade, num jardim público da Okahandja, fizeram vir até junto de nós um preto acompanhado por um oficial, a fim daquele me reconhecer. O preto, que estivera em Naulila aquando o incidente, afirmou reconhecer-me como sendo o alferes Sereno.

«Só apresentando vários documentos que provavam não me encontrar ainda em Naulila àquela data, consegui afastar a ameaça e impedir outro procedimento» *(Marques)*.

«De Winduck passamos a Tsumeb...

«Aquando o assalto das tropas da União à povoação de Tsumeb onde estavamos prisioneiros, sabendo nós, durante um curto armisticio, que as hostilidades iam recomeçar, declarámos ao comando inglês desejarmos combater o inimigo comum en-

corporados em qualquer unidade inglesa, como simples soldados, acrescentando que os soldados portugueses manifestavam um desejo igual. O comando, respondeu-nos assim:

«— O vosso oferecimento é mais uma prova da boa amizade que existe entre as duas velhas nações aliadas. Os senhores são oficiais no exército de um povo amigo, oficiais que já deram as mais brilhantes provas contra o alemão. Eu terei a maior alegria em encorporá-los na melhor unidade inglesa, mas como oficiais que são. Os vossos soldados serão àmanhã armados e municiados para continuarmos, juntos, no desempenho da nossa missão.

«O destino porém não quis realizar o nosso desejo. Na madrugada seguinte os alemães rendiam-se sem condições» *(Marques)*.

«... Estivemos sempre separados dos nossos soldados. Só em Tsumeb, nos últimos dias, antes da rendição, êles nos apareceram. Estavam gordíssimos, bem dispostos, a maior parte satisfeita com a sua sorte porque tinha esperado muito peior. Na realidade parece que os alemães os não trataram mal. Muitos oficiais me falaram dêles com simpatia. Os nossos homens, na generalidade, tinham a impressão de que era fácil intrujá-los e enredar todo o sistema do método e rigorosa disciplina alemães. Na verdade o nosso tipo, manhoso, mais vivo, não refilando ostensivamente e resistindo pela passiva, deve ter tirado grande partido do sistema muito rígido, difícilmente adaptável, do boche.

«Claro, isto supõe o caso do alemão não recorrer nunca à violência e à brutalidade, como se deu em África. A vida das colónias, mesmo ao germânico, abre novos horizontes, modifica-lhes muito sensível-

mente as ideas e os métodos europeus. De resto o recrutamento dos oficias era até certo ponto preenchido pelos indesejáveis na Europa: conquistadores impenitentes provocando escândalos graves na Guarda Imperial, beberrões contumazes, desordeiros, *jouisseurs*, etc.

«Esta gente, a meu ver, afastada do meio caracteristicamente propício a desenvolver o espírito da *clique* prussiana, habituou-se ràpidamente a uma vida de liberdade, para que tudo, em África, convida: as grandes e intermináveis planícies, as longas distâncias, a dispersão dos postos, impediam, até certo ponto, uma intimidade muito permanente, e o isolamento alarga as meditações e as ideas.

«De resto a transformação porque, em vinte anos, passou a União Sul-Africana, criou, sobretudo nos *farmers* e nas classes mais baixas, uma profunda alteração do seu espírito e, embora muito lentamente, ia-se desenvolvendo a ídea de que um dia a formação dos Estados Unidos de Africa do Sul era inevitável. Eu encontrei muito soldado e muito sargento alemães para quem essa idea não era absolutamente intolerável.

«Na verdade nós fomos mal tratados e todas as nossas reclamações e protestos se perderam contra a impenetrável hipocrisia e cinismo do *boche*. Mas não fomos brutalmente tratados. Os ingleses, êsses podem queixar-se mais. Para nós, oficiais portugueses, só houve uma criatura que nos tratou de uma maneira brutal: o Governador, na entrevista que com êle tivemos em Tsumeb. O meu protesto que recheei de uma ironia causticante, exaltou extraordinàriamente o homensinho que principiara por nos receber indelicadamente à porta da residência.

Fomos mandados retirar em altos gritos e com frases certamente vexatórias. O homem picou-se sobretudo quando eu, depois de justificar e enaltecer o procedimento de Sereno, — a que êle se tinha referido nos termos mais violentos e insultuosos, — estabeleci o paralelo entre o procedimento perfeitamente liso dêle e a maneira vergonhosa como Lehman tinha dirigido o massacre do Cuangar.

«Foi nessa altura que fomos postos fora da porta da residência».

«Os ingleses, — antes os homens da União, Botha e Smuts, — trataram a população e os prisioneiros, depois de ocupado o território, com uma generosidade e consideração tão exageradas, que os poucos oficiais verdadeiramente ingleses se indignaram e sentiram vexados.

«Pouco depois dos nossos soldados chegarem a Tsumeb, onde estavam juntamente com os prisioneiros ingleses no mesmo campo de concentração, as sentinelas alemães que os guardavam tiveram a idea de, à noite, cantar em magníficos coros o *Wacht am Rhein* e o *Deustchland über alles*. Responderam primeiro os ingleses cantando o *Britania rules the waves* e o *God save*.

«Depois os nossos soldados cantaram, primeiro a *Portuguesa*, por sinal bastante desafinados, e depois a *Maria da Fonte* que foi um verdadeiro triunfo.

«Quando Botha em Tsumeb, no pequeno discurso que dirigiu aos portugueses, ao sermos apresentados frisou claramente que Portugal não estava em guerra com os alemães, e que só às fôrças inglesas devia-

mos a nossa libertação, sentimos todos, dolorosamente, a vergonha da nossa atitude como nação. Só depois pudemos compreender bem até onde tudo descera...

«Ainda nos conservamos em Tsumeb durante quatro dias, depois da rendição, à espera que a linha férrea fôsse concertada, e daí seguimos em direcção a Walfish Bay onde embarcamos para o Cabo.

«Quando chegamos ao Cabo fomos magnìficamente recebidos pelo cônsul português Manuel de Arriaga, filho do Presidente da República, e por toda a colónia portugueea. Num jantar a que assistimos com os nossos soldados, e a que compareceram todos os compatriotas, sentimos a alegria e reviveu-nos a esperança.

«Os governos tinham-nos abandonado miserávelmente, mas estava ali comnosco, chorando de comoção, muita gente, a maior parte de condição humilde que, longe da politiquice metropolitana, conservava ainda fé nos destinos de Portugal.

«Dolorosamente soubemos de todos os acontecimentos tristes, que se tinham dado no país depois de Naulila, e da propaganda dissolvente, de renúncia e covardia, que se fizera lá». *(Aragão).*

«Em Naulila havia dois grupos, entre os oficiais: um entendia tomar-se a ofensiva e não permitir a concentração dos alemães em terreno português; o outro queria a defensiva muito passiva. Procurava o primeiro criar no soldado o sentimento do cumprimento do dever. O segundo, não sei se por convicção ou por maldade, aproveitava todos os momentos para cantar o heroismo dos alemães». *(Marques).*

«Em Naulila... durante o combate... houve oficiais afirmando-se em esforços desesperados mas desconexos, arrebanhando soldados, atirando-se para a frente... e o Roçadas... o Roçadas a cavalo, girando de um lado para o outro, procurando entusiasmar os grupos dispersos que se batiam ainda, êle, — o chefe, — com uma coragem épica de soldado que nunca treme e ... mais nada! Passaram-se perto de cinco horas de combate em que os nossos combatiam de cara voltada ao sol, em grupos dispersos ... Se não venceram não foi por culpa dêles...

«¿Como pode ser então, como se compreende um combate de cinco horas sem infantaria? A infantaria cumpriu bravamente o seu dever em Naulila». *(Figueiredo).*

«A carta escrita por Marques chegou às mãos de Roçadas, na Dongoena. O sargento alemão desaparecera. Eu li essa carta. Notei que ela produziu má impressão. Mas lembrei que talvez o Marques tivesse sido forçado a escrevê-la e se resolvera de certo a isso na convicção de que Roçadas não aceitaria as propostas do comando alemão.

«Recordei o brio de Marques, a sua valentia durante o combate, valentia de que, durante a retirada, já se falava. Recordei que êle reclamara em Naulila contra o facto de não ser nomeado para serviços de risco que quási sempre me foram entregues a mim. Garanti que o conhecia bem para poder afirmar que preferiria por si, tudo, a aceitar qualquer condição menos honrosa...» *(Amadeu de Figueiredo).*

«Da campanha tão curta em que tomei parte,

trouxe a certeza consoladora da virtude do soldado. Êle só precisa que o estimem, compreendam e dirijam. Marchará para a morte, um pouco insconsciente é certo, levado pelas virtudes e qualidades da raça que êle conserva melhor que os grandes» *(Aragão)*.

«¿Criticam os alemães a organização defensiva de Naulila e a má preparação do soldado português? Têm razão. Tanto uma como a outra eram absolutamente deficientes. Os entrincheiramentos eram simples trincheiras abrigos e abrigos para atiradores na prímeira fase, — atiradores deitados; ligeiros abrigos para peças e para metralhadoras, sem desenfiamento, mascarados com pequenos arbustos, ramagens e capins: dispositivo infantil, ligeiramente linear.

«O soldado estava pèssimamente preparado para a guerra, não podia deixar-se entregue a si mesmo. Êle é explêndido, ótimo como matéria prima, mas estava mal trabalhado. Vale o que valerem os seus oficiais. Atira-se para a morte se os chefes são bravos e se atiram primeiro; foge se os seus oficiais são de categoria de fugir...

«Não. Não têm os alemães razão quando se rereferem a imprevisão do ataque pelo flanco esquerdo. Estava previsto. Simplesmente o que não tinhamos era fôrças disponíveis para as colocar no flanco esquerdo.

«Foi a fuga do pelotão dêsse flanco que determinou o avanço dos alemães.

«As ordens a Salgado e a Aragão foram dadas por escrito e enviadas por ordenanças de cavalaria, muito a tempo de ser recebidas na mesma noite de

17 porque as ordenanças, conheciam perfeitamente o caminho».

«Antes do combate nunca nos passou pela cabeça que poderiamos ser vencidos, e hoje, mais do que nunca, estou convencido de que, apezar da cobardia inicial das fôrças do flanco esquerdo, — se outro tivesse sido o emprêgo das fôrças no combate, se não fôssem algumas iniciativas fora de propósito que motivaram a desligação de todas as unidades na acção e *a prematura ordem de retirada para a margem direita do Cunene*, nós teriamos sido os vencedores de Naulila.

«As fôrças de Roçadas abandonaram a posição de combate às $8^{h},3o$.

«No dia seguinte o alemão abandonava, fugia de Naulila, sob a ameaça de uma coluna de poeira na margem direita do rio... ¡Naulila era o lugar donde uns e outros fugiam com terror!

«¿E nós? ¿Porque não voltamos, porque não tentamos um retôrno ofensivo? ¡Que complicada é a psicologia do combate, que delicada é a máquina homem para quem tenha de manobrar-lhe à vontade! Era preciso estar lá aqueles momentos. A cada instante chegavam notícias apavorantes de que os alemães estavam quási a atingir a cauda da coluna e as suas metralhadoras já faziam fogo sôbre as nossas últimas tropas... Ouviam-se tiros para a retaguarda. ¡Já tinham chegado à Dongoena e posto fogo ao forte!...

«¡Dongoena ardia! ¡As colunas alemãs dirigiam-se a todo o galope para o Cuamato e para o Humbe!

«¡Era preciso chegar ao Humbe quanto antes, para

não termos a nossa retirada cortada, e recolher as fôrças do Forte Roçadas e do Cuamato!

«¡Já não havia víveres... nem munições que chegassem!

«Muitos soldados abandonavam as espingardas.

«¡Andar, andar! ¡Chegar ao Humbe antes dos alemães!

¡De Naulila ao Humbe, noventa quilómetros, fizeram-se em 28 horas!

«E afinal tudo era falso...

«O alemão pensava tanto em perseguir como nós em voltar para trás».

«Se a vitória alemã pode ser discutida porque não teve seguimento, o nosso revez, infelizmente, não oferece dúvidas. Perdemos porque retirámos, e retirámos antes de tempo. Se tão cedo se não tivesse desistido de vencer, se, demorando um pouco mais na margem esquerda, se atacasse de flanco em vez de atacar de frente, os alemães desmoralizar-se hiam inteiramente.

«A vitória seria nossa.

«Mas se fomos vencidos, se a orientação da defesa não foi, talvez, a mais acertada, o combate não foi nenhuma vergonha para nós. Os que se bateram, bateram-se bem.

«As tropas retiraram mas contra-atacando... A desmoralização só começou na outra margem, a muitos quilómetros do inimigo. O perigo real defrontaram-no bem. O imaginário desnorteou-as, quebrou-lhes a energia moral, rompeu-lhes o equilíbrio da vontade, — ¡fez fraca a forte gente»!

XIII

A clareira dos mortos (1)

Ficaram na Caama, em 24 de Dezembro, as fôrças de Roçadas que continua esperando o avanço alemão sôbre o planalto. Mas a Caama não se presta a uma defeza em termos. Ele deixa ali, apenas, o 2.º esquadrão de dragões que será, mais tarde, reforçado por uma companhia de infantaria 14. O resto das fôrças vai concentrar-se no Tchiepepe e nos Gambos ficando, aqui, o Quartel General.

A nova da rebelião do gentio chega. Mas dos alemães nada se sabe. Uma fôrça de dragões desce até ao Humbe. Regressa sem ser hostilizada. O gentio assaltara e saqueara as casas. Em 30 um pelotão de dragões, com alguns auxiliares brancos, volta ao Humbe, sob o comandó do 1.º sargento António Rodrigues que consegue entrar no forte e

---

(1) Foi êste capítulo escrito sôbre os dados carinhosamente cedidos pelo meu bravo camarada, Capitão Sarmento Pimentel. Reproduzo muitos períodos seus. E aqui lhe deixo o protesto da minha amizade e admiração.

é vítima duma cilada do gentio. Ao fim duma hora de combate violento e desigual, mortos o comandante e 14 praças, o 2.º sargento Manuel Dias consegue retirar sob fogo, perseguido até Bela-Bela.

Nos Gambos está já o batalhão de marinha e o esquadrão de cavalaria 9. Eram necessárias informações sôbre o alemão. Continuam chegando estropiados, escapos do massacre, retardatários de depois da Caama. «Cada um conta a seu modo a odisseia dos seus sacrifícios», emquanto, em barracas de palha, baixas e compridas, agonisam outros, ardendo em febre, sem quinino, sem água e sem víveres. O comando procura, consegue aos poucos, melhorar aquela desordem dolorosa. Roçadas supõe o alemão ameaçado pelas tropas da União-Sul-Africana, obrigado talvez a retirar para o norte, sôbre o nosso território. Manda proceder aos reconhecimentos necessários para fazer face à eventualidade duma invasão nestas condições. E para saber de Franck e das tropas da Damára, ordena um reconhecimento de Otchinjau ao Cunene ou até onde seja possível. O alferes de cavalaria 9, João Sarmento Pimentel, parte levando consigo os três melhores soldados e cavalos do pelotão que comanda e seis boers com o velho chefe Andris Alberts, «homem de 60 anos, conhecendo o sul de Angola, como nós conhecemos a nossa própria terra e dominando os seus concidadãos pelo direito de vida e de morte». Todos são exímios caçadores, magníficos cavaleiros, homens treinados na guerra com os pretos, as feras e os ingleses...»

Durante seis dias, evitando todas as libatas indígenas ou os caminhos percorridos pelo gentio, seguem um apertado vale entre montes elevados e pedregosos, sem água, — só duas vezes a encontram

nesses seis dias, — até à Fonte dos Pássaros. Os boers, mal a água falta, deixam de comer. Uma pedra na boca ilude-lhes a sêde e a fome. E marcham, de noite principalmente, como rastreassem caça grossa, em fila indiana, silenciosos, bordejando montes ásperos, matos espessos...

«Na Fonte dos Pássaros, última *etape* antes do Rio Bambozema, a água era escura, lodosa, com vestígios dos elefantes nela se banharem. Em volta das cacimbas a vegetação assombra, verde e profunda, espessa de árvores disformes e seculares. Os *ratos-palmeiras*, de cauda em pluma e olhar vivo e engraçado, vão de ramo em ramo, brincalhões, assustando os *cardiais* de peito vermelho e cabecita preta, fazendo voar as rolas, os galos do mato, as *viuvas* com peito de carriça e cauda de dois palmos...»

Em volta da fogueira sôbre cujas brazas uma perna de olondo, (antilope) temperada com toucinho de cavalo marinho e sal, — se transforma num apetecível petisco, («digno do João Magrinho em dia de passágem de acto)» — refeitos os cavalos das longas sêdes, refastelados no verde capim que abunda, o velho Andris evoca as caçadas e as campanhas da sua vida, como um patriarca. «A caça grossa, o preto, o inglês, havia para cada um, um processo diferente».

«Ia-se no rasto dos elefantes, dias seguidos, esperavam-se junto dos bebedouros forçados, ou dispunham-se armadilhas no terreno, à maneira cafre... Nunca errar o tiro, ir sempre contra o vento, montar cavalo ensinado, era a milhor segurança. Os pretos esses são estupidos, correm agachados dum lado para o outro e, se a gente lhes berra, levantam-se e param. É nessa altura, dizia, que se deve

atirar. Quási nunca falha a pontaria. A caça era também assim... Com os brancos, porém, a coisa era mais séria...»

Andris calava-se momentos, fumando, evocando as repetidas campanhas, as guerrilhas de outrora contra o invasor... «— Com os brancos era preciso abandonar os caminhos, aproveitar todos os acidentes do terreno, esconder-se, deixar passar... E atacar pela retaguarda, de emboscada, visando os chefes...» A noite caía, espessava-se nos recessos da folhagem estuante... No ceu sereníssimo pontoavam estrelas, boiava o Cruzeiro.

E, como a noite vinha, desfez-se o acampamento, iniciou-se, de novo, com tristesa, a marcha. A noite apertava-se em volta e sôbre a fila silenciosa, entre fantasmas, figuras ciclopicas erguidas da terra, silhuetadas na espessura que o luar pálido sinistramente alumiava. O ruído da selva, infatigável, na imensa noite, pesava como um silêncio trágico, era a voz do vasto silêncio da noite africana. De vez emquando uma fuga súbita cortava a noite, rumorejando por entre o mato. No ceu, lentamente, mudavam-se as estrelas.

O ar arrefecia e, para nascente, morriam as constelações no ceu mais claro. Tiritava-se de frio... Fez-se uma paragem, o fogo brilhou sôbre a relva húmida... Depois largou-se de novo e todo o dia se marchou até à margem do rio Bambozema. Para a frente era o Cunene e, no horizonte, ao fundo, recortava-se já a escura silhueta das montanhas da Dámara.

A patrulha aproxima-se cautelosamente do Cunene. O vau do Schwartz-boy é largo, de fácil passagem,

dominado, na margem esquerda, por pequenas elevações que são as faldas das montanhas zebradas. Sarmento Pimentel observa o terreno, percorre, com o seu Zeiss, a margem fronteira. Num ponto, uma marcha branca parece uma canhoneira ou posição de metralhadora. Aquele vau é passagem forçada para o Caôco, para a Dámara. E natural que o alemão o tenha ocupado, dispondo-se a travar o caminho para o sul. Mas o terreno está deserto... Descem até à foz do rio Ondoto e é a mesma solidão invariável...

«Os víveres tinham-se acabado, como a ração dos cavalos. Comeriamos caça, fruta do mato... O sal não faltava... As montanhas zebradas davam, a distância, a impressão de que alguém estendera, a toda a sua altura, tiras de linho, como nos lameiros do norte para còrar o pano da terra. Um monte altíssimo, de forma cónica, erguia as suas listas brancas e negras, quási a perder-se nas nuvens. Hora de sol poente. O aspecto da paisagem deslumbrava e encantava. No silêncio magnífico, rebanhos de pequenos antílopes, serenamente, bebiam no Cunene, as garças e os patos esvoaçavam muito baixo, vinham, em mansos vôos, poisar nos canaviais das margens. A montanha escurecia, cortada a prumo, numa garganta que se abria quási ao nível do vale.»

Caiâu tem duas palhotas em forma de casa que serviram para as pesquizas de ouro. Ali há muitos filões de quartzo aurífero que os boers dizem prolongar-se até Cassinga, tão pobres, porém, que não valem a pena da exploração.

Já ao longe sôa um ruido como de mar que-

brando... No horizonte, a nascente, ergue-se como um nevoeiro. São as cataratas de Ruacaná.» «O caminho é áspero e pedregoso, por entre o mato espesso, com espinheiros e unhas de gato que rasgam a roupa e ferem». Ao fim de duas horas chega-se à grande queda.

«O Cunene, com quinhentos metros de largura despenha-se de um monte à altura de setenta. Parece que perdeu o leito e veio por ali abaixo, num giganteo tumulto, para se lançar bruscamente no abismo, dum monte a outro monte, e fugir aterrado, desfeito em alvuras de espuma, lá no fundo, entre dois monstruosos rochedos que a sua furia scindiu, cortou ao meio... Para montante, entre os saltos sucessivos, há ilhotas e canais em que a vegetação triunfa, se debruça, espalha sombra e encanto. Sôbre os penedos alvos há taças de água cristalina, como pequenos lagos, com peixes agitando-se no límpido fundo». De ilhota em ilhota, de um penedo a outro, árvores caidas são como pontes para os faunos passar. No rochedo a água cavou galerias sonoras. E nos canais mais estreitos, abobadados de verdura espessa, a sombra, a água, a frescura deslisam como através das naves extasiadas duma extranha, bárbara catedral.

«Tudo é luxuriante, selvagem, primitivo. Fétos, como árvores, erguem-se ao ceu, outros cobrem as margens e as ilhotas... Palmeiras de todas as variedades, avencas lindíssimas, trepadeiras, cipós como serpentes, enlaçam o corpo torturado, dantesco, das grandes árvores... As plantas aquaticas, como lençóis verdes, vão por sôbre a água, parecem imobilizá-la...»

Vista de jusante a catarata é um açude grandioso, lançando um arco monumental, argenteo, sob o

qual quási se passa livremente. Na rampa quási a prumo, há outras pequenas cataratas e grutas donde a água salta em cachoeiras.

«Ali são os fétos e avencas mais verdes, o musgo cobre os rochedos, os limos tombam como grandes pingentes esmeraldinos.» O ar atrôa da queda formidável. E, à beira abismo, ameaçando, hesitantes, angustiados, penedos enormes que as águas escavaram pela base, vão precipitar-se, tomados de loucura, ao desvairado exemplo. Em baixo a névoa, a espuma, o espírito da água espetraliza a luz solar, desdobram-se arco-iris, e a água desce, já menos tumultuosa, ferida e louca ainda, larga súbitos reflexos cristalinos, foge, esconde-se, espraia-se, parece repousar momentos. Nos pequenos lagos, entre os rochedos gastos e suaves, a água repoisa... «Entre eles há um maior e mais profundo, cheio de água clara, com os peixes movendo-se na transparência impassível, mas escuros como carpas, outros pintalgados como trutas e escalos. E em volta, afeitos ao espectaculo temeroso, quási ignorantes do homem, os antilopes, pequenos como lebres, (bambis), corpulentos como bois, (Gunga), as zebras, os hipopotamos, os bois selvagens, as avestruzes, as girafas, aves de rapina, garças, aves do paraiso, toda a fauna dos trópicos, em sua pujança e fôrça...

«Na época das chuvas os rios do sul de Angola são largos, profundos, torrenciais. No tempo sêco, porém, os grandes rios ou são estradas de areia sem pinga de água, ou, quando muito, fundões de água estagnada e lodosa. O rio Cunene não faz excepção, séca como os outros e, em anos de maior estiagem, pode-se passar a pé em alguns vaus. Então a grande catarata perde a sua fôrça, cala o

ensurdecedor ruído, transformada em pequenas goteiras de água cristalina ou numa toalha de água marcando a inclinação do açude. — Ali também não havia alemães. Nós assinalamos duma forma visível a nossa passagem. E numa pedra alta, bem enraizada na margem esquerda, a montante da catarata, gravamos cuidadosa, amoravelmente, uma palavra apenas — Portugal».

«Depois subimos a margem direita do Cunene, sempre deserta... E, dois dias gastos, avistamos os morros do Caloeque... Era já o teatro de inúmeras tragédias que a Pátria ignora e os governantes ocultam para que, aos escapados milagrosamente, se possa regatear, mais tarde, o pão dos últimos dias da existência».

«Próximo dos morros um primeiro suór frio quebra a indiferença que aquelas marchas de dias consecutivos põem no corpo e na alma da gente. Á beira do rio há restos de fogueiras, montões de cinzas brancas, pedaços de lenha meio carbonizada, ossos humanos, restos de comida mal digerida, intestinos apodrecidos...

«Ali era o pano de fundo duma tragedia de que foram autores (porque não dizê-lo?) os homens do Terreiro do Paço com a sua condicional neutralidade, e, actores aqueles portugueses que perderam a vida no combate e retirada de Naulila. Impressionado, comovido, com uma raiva e um ódio que me fazia mais selvagem e astuto que os negros caçadores do Ovampo, eu planeava a desforra, imaginava a vingança...»

«Aproximamo-nos cautelosamente, por entre o mato espesso e alto, para não sermos apanhados, para não sermos vistos, cavalo à rédea e carabina

pronta, fomos, pelo poente, até à base dos morros. Era possível lá em cima estivesse um posto alemão.

«Subimos, rasteiros, com dificuldade, desprendendo aqui um espinheiro que se nos prendeu ao uniforme, desviando-nos, contornando os ramos entrelaçados das árvores que nos cortam o caminho. Que sêde, que calor, que nervos! Eu suponho que as feras quando se aproximam da presa, levam também assim o coração a bater...

«Nos morros havia apenas uns abrigos para observadores, disfarçados com pedras, e um caminho, marcado pelo corte dos ramos e pequenas árvores, que desce sinuoso para o vale. Em baixo sinais de acampamento, abrigos para atiradores e as malditas fogueiras... Do alto observo o horisonte. Só vejo um ou outro pastor conduzindo o seu gado ao Cunene, uma ou outra preta com o filho às costas e a cabaça da água sôbre a cabeça. Naulila fica a 12 quilómetros.

«Subimos o rio, anciosos, atravessamo-lo no vau em frente de Naulila. E o Manuel, o meu impedido, à minha rectaguarda, ia dizendo, em voz surda: «Meu alferes, mais, mais fogueiras, mais fogueiras...» Depois soubemos: Era um costume da região.

«Os brancos mortos na guerra tinham de ser queimados para não fazer feitiço ao preto. Não se podiam enterrar.»

¡Ah! ¡Naulila depois do combate! Dizer, descrever a Naulila das fogueiras em que há corpos mal carbonizados, túmulos violados, ruinas, a dôr de um massacre e a dor de uma afronta que chora no próprio coração da Pátria!

Na estrada de areia que conduz ao forte distingo

sulcos de carro, parece passaram há pouco ainda os soldados e os cavalos... ¿Porque impressionam tanto estas pègadas? Perto do rio há um carro boer, abandonado, cheio de rolos de arame farpado, — adiante um outro, desmantelado, sem rodas... e por toda a parte carcassas, esqueletos de bois e de solípedes, esqueletos humanos, ossos carbonisados, equipamentos esfarrapados e as fogueiras, as macabràs fogueiras!...

«Depois sobe-se uma pequena duna, o mato, que nos dava pelo peito, cessa, as árvores desaparecem, desembocamos na pequena clareira onde se erguia o posto.

Logo em frente, uma grande árvore caida estende os braços altos para a Dámara. Pendem-lhe deles, mirrados e escuros, os corpos dos enforcados. Um esqueleto quási descarnado, separou-se da cabeça, caiu por terra. E a cabeça equilibra-se sôbre a laçada, olhando de alto, sinistramente.

Dois pequenos cemitérios, de 3 metros de lado cada um, estão resguardados por arames farpados, têm, sôbre as campas, invólucros de granadas. Dormem ali, talvez, os soldados da Alemanha. Adiante, duma trincheira removida, violada, que foi baluarte sob o ataque, emerge, ergue-se a acusar como um grito calafriante, um braço descarnado... E sob o tumulto das larvas há pedaços de corpos apodrecidos em que as hienas e os corvos se banquetearam. Como no fresco de Orcagna, no *Triunfo da Morte*, os cavalos estacam, estendendo o focinho, não querem avançar entre as carcassas... Ninguém fala. Anda-se em silêncio, por entre esqueletos, topando pequenas trincheiras, esboços de abrigos, equipamentos apodrecidos... Além vê-se ainda o sulco das rodas e o cavado do arpão duma

peça ou metralhadora... «E a gente doi-se e extranha... ¿Como se combateu aqui? ¿Foram tropas europeias? Tudo em campo aberto, à maneira medieval!...»

No posto há duas paredes esburacadas, olhando, num espanto, desorbitadas... O resto é o que o preto não quiz levar, medicamentos, restos de ambulâncias, moxilas, cunhetes, pensos, tudo queimado, inútil. O ar é putrido, aquele fosso exala um cheiro nauseabundo.

«O pobre soldado de Portugal cuja caveira me sorri terrivelmente de dentro da vala em que está envolta com restos doutros combatentes, só o conheço pelo jaleco de cotim a desfazer-se de pôdre, desaparecido já onde as hienas esgadanharam e os corvos mergulharam o bico...

«Caminho ainda. Levo a alma opressa de comoção e revolta, de saudade e raiva... — Portugal está ali, em seu corpo ferido e abandonado, em seu calvário, esquecido daqueles, que lá em cima, longe, tão longe, nesta hora para mim de revolta, de piedade e de lágrimas, têm as *vantagens* da neutralidade...»

Uma trágica sombra cai sôbre Naulila. O sol desce. O poente é de fogo e sangue. E dos recessos do mato, das ruinas pasmadas, dos destroços abandonados, dos insepultos cadáveres, de cada canto, de cada túmulo, de cada vala de podridão e abandono, como a sombra desce, erguem-se, lentas, pálidas esvoaçam, mal se levantam vozes... Dir-se-ía que é na alma sòmente do espectador que sôam... Ou o Cunene, longe, nos rápidos que o crepúsculo aproxima...

Murmurios, ciciar de reza, talvez um chôro aba-

fado além, soluços... E na sombra destacam-se, perfilam-se sombras... O murmúrio sobe, a aragem estremece na folhagem sombria, a noite crescente povôa a solidão de fantasmas... E não é o éco do combate sonoro, a agitação da luta, a febre heroica dos mártires batalhando... É uma queixa infinita que enche de amargura as almas transfiguradas, uma queixa infantil, cântico sem palavras quási, modelado, musicado de dor e abandono e saudade, aqui e além vibrando, (um momento apenas, logo abranda e cala), — no desespero do sacrifício inútil...

Dir-se-ia que, de longe, de além das águas, das terras desvairadas ou esquecidas, atravessando os mares, vieram os próprios remorsos dos culpados, e andam no ar penando... E a mágua e os remorsos dos que não souberam dar, aos sacrificados, a alegria de além-morte — duma vitória que chamou por nós...

Noite... Já brilham estrelas... Uma claridade ficou, do crepusculo rápido, no entanto... A clareira de Naulila é como uma pedra de ara. O céu alarga-se, por cima, como um diadêma...

Caminho, lentamente, refaço os passos comovidos... Estaco... E' o fosso de novo, a trincheira onde êles se bateram, que regaram de sangue e os não guarda, mortos, como a guardaram, vivos, êles, nas horas ardentes... E distingo de novo, sempre, aquele braço erguido ao alto, numa ameaça, ou como um grito, condenando!...

Coimbra, Olivais — Janeiro-Junho de 1922.

FIM

ÍNDICE

	Pág.
I — Do livro branco	1
II — Expedição à África	21
III — Ainda o livro branco	25
IV — Sul de Angola	49
V — 19 de Outubro	67
VI — Na Dámara e em Portugal	81
VII — A Coluna de operações do Sul de Angola	93
VIII — Organização defensiva de Naulila	135
IX — A véspera do combate	143
X — O combate	155
XI — Depois do combate	189
XII — As causas do desastre	199
XIII — Falam os de Naulila	209
XIV — A clareira dos mortos	229

ERRATA

Pag.	*linha*	*onde se lê*	*leia-se*
15	3	Mas já o Sir Ellye Crowe	Mas já Sir Ellye Crowe
46	12	os ingleses ignoram	os ingleses não ignoram
69	35	Relatorio do Director oficial	Relatorio dum oficial
91	4	que lhes excedam	que lhes supram
95	32	nos anais,	nos areais,

A venda na "SEARA NOVA,,

LAZARO!... por Ezequiel de Campos . . . . . 3$50

« Aos que se interessam pela Grei — e deviam ser todos — ouso eu recomendar o *Lazaro* do sr. Ezequiel de Campos. O capitulo do volume sôbre a *questão agrária* é modelar. É um estudo de *mestre*. E, reproduzindo uma das legendas do livro, tambem eu repito as palavras de Isaias, como incentivo no meio da descrença que por vezes me invade: «Clama, não cesses: levanta como trombeta a tua voz, e anuncia ao meu povo as suas maldades, e á casa de Jacob os seus pecados. »

TRINDADE COELHO.
De *O Primeiro de Janeiro.*

LIVRO DAS BEM-AMADAS, por Augusto Casimiro . . . . . 1$50

(Livro da mais elevada espiritualidade. Poemetos que lembram as melhores liricas de João de Deus).

EDIÇÕES DO « ANUÁRIO DO BRASIL » E « RENASCENÇA PORTUGUÊSA »

A ÁGUIA, (N.os 112, 113, 114) 1 vol. $90
ITALIA AZUL, por Jaime Cortesão. . . . . 5$00
GOMES FREIRE, por Raul Brandão (3.ª ed.) . . . . . 5$00
A SAUDADE PORTUGUESA, por Carolina Micaëlis de Vasconcelos (2.ª ed. revista e aumentada). . . . . 4$00
OBSTINADOS, pelo Visconde de Vila-Moura. . . . . 3$00
ANTOLOGIA UNIVERSAL:
N.º 1 — MANUEL BERNARDES — Histórias várias . . . . 3$00
N.º 2 — SOROR MARIANA — Cartas de Amor, restituição e pref. de Jaime Cortesão. . . . . 3$00
N.º 3 — JOSÉ DE ALENCAR — Iracema. . . . . 3$00
N.º 5 — GONZAGA — Líricas . . . . . 3$00
N.º 6 — FERNÃO MENDES PINTO — Em busca do Corsário . 3$00
N.º 7 — CARLOS DICKENS — Canto do Natal . . . . . 3$00
N.º 8 — CAMÕES — Pensamentos, coordenados por Viana da Mota . . . . . 3$00
N.º 9 — CERVANTES — Novelas Exemplares: Cornélia, O Ciumento, Trad. de Virgínia de Castro e Almeida . . . . 3$00
N.º 10 — FERNÃO MENDES PINTO — A Ilha dos Tesouros. . 3$00
N.º 11 — JOSÉ DE ALENCAR — Diva. . . . . 3$00
N.º 12 — SHAKSPEARE — O Mercador de Veneza . . . . . 3$00
N.os 13 e 14 — IMITAÇÃO DE CRISTO (Trad. do latim pelo P. Valério Cordeiro) . . . . . 6$00

Em todas estas edições os assinantes da Revista "Seara Nova,, tem o desconto de 10 %, cabendo-lhes o pagamento do porte do correio.

Edições da "SEARA NOVA"

Publicados:

ADÃO E EVA, peça em 3 actos, por JAIME CORTESÃO — 3$00

Um conflito de paixões, na sociedade saída da Grande Guerra.

BUCÓLICA, por VIEIRA DE ALMEIDA . . . . . 1$50

Poemas vasados numa fórma parnasiana impecável.

PROBLEMAS ESCOLARES, pelo Dr. FARIA DE VASCONCELOS. . . . . 3$00

O mais notável livro de pedagogia publicado nos últimos anos em Portugal.

POR TERRAS DE ALÉM-MAR, pelo Dr. FARIA DE VASCONCELOS. . . . . 3$00

Livro de viagens na América, cheio de ensinamentos, de pitorescos, de recordações históricas. Obras dum filósofo e de um admirável homem de letras.

SEARA NOVA, n.os 1-12: Out. 1921 — Abril 1922:

Brochado. . . . . 7$50

Encadernado. . . . . 10$00

Literatura, Arte, Doutrina, Crítica, Política, Assuntos sociais Colaboração dos melhores escritores e artistas contemporâneos, de Portugal. 368 páginas de texto, 68 gravuras.

DAI-NIPPON, por WENCESLAU DE MORAIS, 2.ª ed. prefaciada por ALMEIDA DE EÇA:

Ed. comum . . . . . 5$00

Tiragem especial . . . 20$00

A inscrição para os 100 exemplares numerados, em papel especial, com 20 % de desconto, em pagamento adiantado, teve imediatamente dezenas de subscritores. A 2.ª ed. da obra-prima do admirável escritor será um grande acontecimento literário.

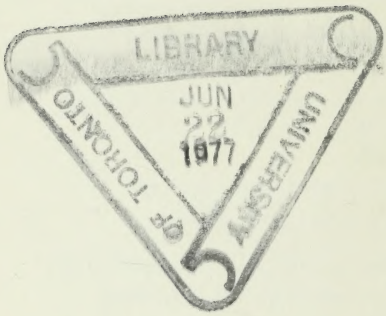
No Prélo:

LIVRO DOS CAVALEIROS, por AUGUSTO CASIMIRO.

Em cada edição da SEARA NOVA os assinantes da Revista "Seara Nova,, têm direito a um exemplar com o desconto de 20 %. Pelo correio cabe-lhes o pagamento do respectivo porte.

Praça de Camões, 46, 2.º — LISBOA

TEL. CENTRAL 4322


LIBRARY
JUN
22
1977
UNIVERSITY OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DT
611
.7
C37

Casimiro, Augusto
Naulila

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 30 17 12 012 5